

35 1º Pos. 21 15

2

3 22 3

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Nº 63
2013
CURITIBA PARANÁ

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Diretoria gestão 2013/2014

Presidente

Chloris Casagrande Justen

Vice-Presidentes

Ernani da Costa Straube

Carlos Roberto A. dos Santos

Secretários

Rui Cavallin Pinto

Antônio Celso Mendes

Tesoureiros

Ernani Costa Straube

Ário Taborda Dergint

Orador

René Ariel Dotti

Cerimonial

Adélia Maria Woellner

Diretor Jurídico

Eduardo Rocha Virmond

Documentação e Acervo

Belmiro Valverde Jobim Castor

Ernani Lopes Buchmann

Editoração e Biblioteca

Eduardo Rocha Virmond

Adherbal Fortes de Sá Jr.

Comunicação

Adherbal Fortes de Sá Jr.

Dante Mendonça

Paulo Vítola

Projeto gráfico

Rita Soliéri Brandt

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Publicação da Academia Paranaense de Letras

Ano 75, nº 63, agosto de 2013

A revista não se responsabiliza pela redação,
nem pelos conceitos emitidos pelos seus colaboradores.



ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Fundada em 26 de setembro de 1936, teve seus estatutos registrados em 7 de março de 1974 no Cartório do 1º Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Curitiba, PR, arquivados sob n.º 164.893 e registrados no Livro A n.º 3.112, e também junto ao Conselho do Serviço Social do Ministério da Justiça sob n.º 53/67.

Rua Professor Fernando Moreira, 370

Curitiba/PR Tel. (041)3222-7731

CEP 80410-120

www.academiapr.org.br

e-mail: erv@ervirmond.com.br

PRESIDENTES

Ulisses Falcão Vieira (1936-1942)

Oscar Martins Gomes (1942-1951)

Otávio de Sá Barreto (1951-1957)

Oscar Martins Gomes (1957-1966)

Osvaldo Piloto (1966-1970)

Vasco José Taborda Ribas (1970 -1990)

Felício Raitani Neto (1990 -1992)

Valfrido Pilotto (1992-1994)

Túlio Vargas (1994 - 2008)

Lauro Grein Filho (2008)

José Carlos Veiga Lopes (2008 - 2010)

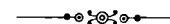
Chloris Casagrande Justen (2010)

Eduardo Rocha Virmond (2011 - 2013)

Chloris Casagrande Justen (2013)



INTRODUÇÃO



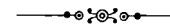
Desta vez, a Revista da Academia Paranaense de Letras traz a posse da nova Diretoria, em 20 de março de 2013, eleita Presidente a Professora Chloris Casagrande Justen, precedida do relatório e apresentação do Presidente Eduardo Rocha Virmond, da saudação pelo Professor René Ariel Dotti, por fim o discurso da nova Presidente. Contém o ingresso de novos acadêmicos, cujas indicações tinham sido aprovadas ainda no final do ano de 2012, dois deles tomaram posse na gestão anterior, Paulo Venturelli e João José Bigarella, os demais na gestão atual, Darci Piana e Guido Viaro, completando-se assim o número máximo de quarenta acadêmicos. Fomos surpreendidos com a lamentável e infausta perda de três de nossos confrades, Alceu Bochino, Noel Nascimento e Carlos Roberto Antunes dos Santos, que sempre enobreceram a Academia, conforme é ressaltado nos textos “in memoriam” que estão nesta Revista, escritos por aqueles que lhes eram mais próximos.

Este número da Revista poderá ser demonstrativo da desejada composição heterogênea da Academia, pela diversa colaboração de vários Acadêmicos, cada um dentro de duas carreiras, de suas personalidades, de suas vocações, tornando evidente a riqueza das contribuições, seja nos discursos de posses, seja nos trabalhos apresentados. Curioso como esta diversidade se verifica em cada manifestação, provando-se dessa maneira a vitalidade da Academia Paranaense de Letras e de seus componentes.

Chloris Casagrande Justen *Presidente*

Eduardo Rocha Virmond *Coordenação*

DISCURSO DE ABERTURA POSSE DA PRESIDÊNCIA



DE COMO SER, DE COMO NÃO SER

Eduardo Rocha Virmond

“A liberdade é o conhecimento da necessidade” Hegel



Esta minha intervenção tem duas partes, uma obrigatória, outra voluntária. A primeira um relatório previsto no Estatuto da Academia, outra uma imprescindível referência à Professora Chloris Casagrande Justen, nova Presidente, que será em seguida saudada, em nome de todos os acadêmicos, pelo nosso confrade Professor René Ariel Dotti.

Como sempre, todo exercício de um cargo, tem sucessos e frustrações. Vamos começar pela frustração maior. Anunciada a posse em dezembro de 2011, prometi fazer esforços para dar maior visibilidade à Academia. Apesar de todas as investidas, essa visibilidade não foi alcançada. Não vou dizer de quem é a culpa, todos devem imaginar, mas sei que não é de nenhum dos acadêmicos, nem da Presidência. São fatores externos, que não pudemos vencer. Tivemos de ficar dentro de nós mesmos, com o reconhecimento da comunidade e de convidados, que sempre lotaram os acontecimentos que, vez por outra, foram realizados.

A outra frustração foi a de não termos conseguido aumentar a receita da Academia, que continua a sobreviver com as contribuições dos acadêmicos.

Acredito que a nova Presidente tem mais experiência que eu nesses dois assuntos e vai continuar a tentar superar essas dificuldades.

Mas conseguimos ir em frente.

A realização de duas semanas de história, para as quais contamos com a agora imprescindível associação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, do qual é Presidente o nosso acadêmico ERNANI STRAUBE, foram muito bem sucedidas. Mudamos o roteiro de ambas, e o local onde se realizaram, para abranger maior número de interessados, o que conseguimos, creio, pela qualidade indiscutível das conferências e dos conferencistas. Ambas constam das duas últimas revistas, que poderão ser encontradas no site da Academia.

Uma grande conquista, em outro plano, foi a de recebermos uma Biblioteca de alta qualidade, propiciada pelo sucessor de Norton Macedo, Doutor Caíque Ferrante, que se verificou, entre outros motivos, pela amizade que ele reconhecia entre este Presidente e o Norton. E ainda de Wilson Martins, permanentemente. De imediato consegui unanimidade dos acadêmicos em denominá-la de BIBLIOTECA NORTON MACEDO.

Mas era preciso instalar tudo isso em algum local, daí tivemos, por gestões de nosso confrade Ernani Buchmann, a solidariedade de Darci Piana, Presidente da FECOMERCIO, que nos propiciou excelente e invejável espaço no primeiro andar do SESC DA ESQUINA. Também nos entregou uma bibliotecária competente, Elaine Voidelo, que fez de início a profilaxia dos livros todos, inclusive daqueles que foram ofertados por membros da Academia. Ela está lá presente cuidando da Biblioteca, com todo o seu esforço e interesse. Tivemos a audácia de considerar que este espaço agora, isto é, logo em seguida, guardará a sede da Academia.

Poderíamos continuar este relato, preferimos breve para não aborrecer os nossos convidados, que aguardam na verdade a posse da nova Presidente. Cabe-me antes expressar o meu reconhecimento e a minha admiração pela solidariedade irrestrita que recebi de todos os membros desta Academia.

Também conseguimos preencher todas as vagas, de maneira que agora a Academia conta com o seu número total de quarenta acadêmicos. Foram as últimas aquisições de alto valor, que vale a pena lembrar, quais sejam João José Bigarella, Paulo Venturelli, Darci Piana e Guido Viaro Neto. Eles são bem-vindos e admitidos pela sua contribuição múltipla à cultura no Paraná.

Fizemos também homenagens a figuras que o nosso Estado, infelizmente, tem o péssimo hábito de esquecer. Mas eu não esqueci de Gaspar Velloso, na pessoa de seus filhos Fernando Velloso e Roberto Velloso. Gaspar Velloso foi criador da Secretaria de Educação no tempo do magnífico Manoel Ribas, Secretaria então mais importante que agora. Foi também Senador da República e por um tempo líder no Senado do Governo Presidente Juscelino. Homenageamos igualmente a Henriqueta Penido Monteiro Garcez Duarte e seu marido Eduardo Garcez Duarte, criadores do mais exponencial Festival de Música da história do País, música clássica logicamente, que deixou de existir por inveja de outros. Ainda o grande homem que é Euclides Scalco e por fim o embaixador Orlando Soares Carbonar. Ainda foram homenageados Ennio Marques Ferreira e Caíque Ferrante, todos notórios construtores, ora esquecidos, em favor da cultura brasileira.

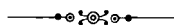
Também quero ressaltar a edição de três números, renovados em critérios da Revista da Academia, com novas contribuições, do que me orgulho bastante.

Vamos então à Presidência. Quero antes dizer que o estilo da nova presidente e o meu são diferentes. Eu sou vinho tinto seco, *dry Martini*, ela é *Fontana Freda*, vinho *late harvest*. Somos diferentes, desiguais, mas fomos harmônicos “entre si”, entre nós. São tendências antigas que se repetem, não há nada de ofensivo, mas sim de enriquecimento.

Quero ainda ressaltar, de minha parte, que sou afinado aos clássicos, Dante Alighieri, Camões, Stendhal, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Graciliano

Ramos, João Guimarães Rosa, Piero della Francesca, Giorgione, Vermeer, Bach, Beethoven, - como disse Tom Hooper, Beethoven faz parte de nosso inconsciente coletivo, pelo menos do meu, sempre presente – o que é coisa muito séria. Toda essa gente e a sua produção artística ou literária, foi fruto da liberdade de pensamento de cada um, sem o que não pode haver cultura verdadeira.

Espero que a nova presidente também o seja, também o tenha, também tenha suas preferências clássicas, que enriquecem a vida, que estimulam a inteligência, para felicidade geral.



Tenho nesta noite o dever de dar posse na Presidência da Academia Paranaense de Letras a Chloris Casagrande Justen. Não é preciso enumerar os cargos e encargos de que desfrutou, nem as homenagens que já recebeu, tanto como professora e diretora da antiga Escola Normal, que passou a se chamar de Instituto de Educação, como Presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Eu a conheci como mulher do Desembargador Marçal Justen, de cuja amizade desfrutei, produto que foi não da vida intensa que empreguei no Tribunal de Justiça, mas sim de um relacionamento de nossos filhos Eduardo Alberto Marques Virmond e Marçal Justen Filho, ainda estavam na escola primária, faz pois bastante tempo, ambos hoje excelentes juristas.

Mas cabe-me salientar que Chloris não foi eleita para presidente por ser mulher, por ser mãe e avó. Ela está sendo eleita e empossada, a quem transmito agora o cargo, por ser simplesmente membro da Academia.

A Academia não jogará nunca com escolhas e discriminações, dependendo de ser homem ou mulher. A escolha é feita democraticamente,

pelos quarenta membros, daquele que tem condições, interesse e disposição para ser o seu Presidente.

Não quero me comprometer com a defesa da mulher, assunto muito perigoso, porém quando saiu a confusa Constituição de 88, em cuja égide atabalhoadamente vivemos com suas centenas de emendas – uma pior que a outra – escrevi um artigo denominado “E os direitos desiguais?”. Em 1991.

Este artigo tem várias facetas, uma delas é a demonstração de que de tantas mulheres no Congresso não houve uma que propusesse os direitos desiguais das mulheres, todas querendo se ombrear com os marmanjos, querendo a já preexistente igualdade de direitos, cuja menção formal não havia quem negasse e não havia nada de novo. Somente que as deputadas se faziam de engraçadinhas, para dizer a homenzarrões ou meio homens que tinham os mesmos direitos. Como se fossem iguais aos homens.

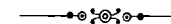
Mas não são. Enquanto não se tornar obrigatório ser gay, como dizia Millôr Fernandes, o homem não tem direito a que um neném saia de seu ventre, portanto não haverá a cirurgia plástica a implantar útero em vários desses candidatos. Acho que ainda tardará.

A mulher não precisa de implantação, a gênese, a genética lhe favorece. Esse direito que se lhe reconhece é um direito desigual, portanto, o direito a procriação, o direito ao parto.

Mas principalmente o direito a seu próprio corpo. Por que nunca uma deputada ou senadora falou nesse assunto? Leram, se leram alguma coisa, de que duvido, em segredo Germaine Greer, a estupenda Erica Yong, Simone de Beauvoir, talvez a notável Emily Dickenson, também duas ou três chatas e adoidadas que correm o mundo. Em compensação há Madame de Staël, Madame de Lafayette, George Sand, Madame de Sevigné, Cacilda Becker, Margareth Thachter, Raquel de Queiroz.

Quero lembrar Jane Austen, um dos meus autores prediletos, no livro “*Persuasion*” faz um personagem dizer que na literatura sempre foi

DISCURSO DE SAUDAÇÃO - POSSE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN



Proferido pelo Acadêmico
René Ariel Dotti

A Academia Paranaense de Letras presta homenagem às figuras do passado, saúda os presentes aqui reunidos e transmite à sociedade em geral a mensagem de esperança nos valores morais e espirituais do ser humano. De sua composição participam representantes das mais variadas expressões da Literatura, História, Filosofia, Ciência, Arte e Comunicação Social.

A noite de hoje assinala um novo marco da existência da Academia com a posse de sua diretoria para o biênio 2013-2014, tendo à frente a figura notável de **Chloris Casagrande Justen**, presidente e líder do **Centro Paranaense Feminino de Cultura** e responsável por inúmeros eventos e participações nos universos da Educação Pública e da Poesia. A sua investidura caracteriza um feito histórico: pela primeira vez uma mulher é eleita para presidir esta entidade fundada pelos idealistas de 1936. E a escolha recorreu de votação unânime de seus pares.

As mulheres dos tempos modernos promoveram a revisão da injusta sentença bíblica que ao longo dos séculos as condenaram a uma interdição civil e política tendo como base emocional um arraigado preconceito fundado na diferença de sexos e como ilustração mística a lenda de que Eva nascera de uma costela de Adão. Elas conseguiram, nos mais distintos foros e nas mais variadas instâncias, a procedência de uma

ressaltado o caráter volúvel das mulheres, ao que a resposta veio com a afirmação de que esses livros sempre foram escritos por homens – o que é verdade. Até Shakespeare sucumbiu dizendo “*frailty – your name is woman*”, até hoje não estão de acordo se ele queria dizer fragilidade, ou frivolidade.

Por sorte, nesta semana Cristóvão Buarque teve a coragem de falar sobre esse tema explosivo que é a mulher, para demonstrar o sofrimento que lhes é infligido nas filas dos hospitais, nos abandonos de péssimos maridos que escolheram, nas aberrantes discriminações, violências, torturas, misérias infligidas por cafajestes, covardes, bandidos, brutamontes, – mulheres e crianças que sofrem todos os dias e o mais que nós sabemos que ocorre.

Então, a Academia não elegeu uma mulher, mas sim Chloris Casagrande Justen, um de seus membros para Presidente, por coincidência mulher. Ela não deve falar nisso, ela deverá fazer, e fazer o que a Academia solidária sempre pregou, em favor da necessidade de proclamar e defender sempre os direitos fundamentais consagrados na Declaração Universal da ONU, em favor dos homens e das mulheres, com muito mais expressão que em nossa Constituição.

A Academia é uma casa cultural, que exige liberdade, discussão, entendimento, respeito às divergências, boa vontade. Chloris poderá saber presidir, gerir. São os nossos votos de que seja bem sucedida.



ação rescisória contra aquele veredicto demonstrando que essa crença imemorial violou literal disposição da lei da natureza demonstrando que, em todos os tempos o homem nasce da mulher e não o contrário. Outro fundamento que anima esse pleito espiritual e comunitário é a demonstração de que a sentença que atribui a inversão genética contém um erro quanto aos fatos constitutivos da própria lenda.

Nos mais diversos campos da atuação humana a mulher tem conquistado espaços antes somente reservados ao homem. A Carta Política brasileira de 1988, fruto de um Estado Democrático de Direito, reconhece como um dos fundamentos da República a dignidade da pessoa humana, independentemente de sexo e outros atributos, e expressamente declara no Título referente aos direitos e às garantias fundamentais, no primeiro inciso do artigo 5º a máxima de liberdade e justiça: *“homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”*.



Em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, edição de 7 de dezembro de 2010, o presidente da Academia Paulista de Letras, Desembargador **José Renato Nalini**, lembrou que em suas últimas gestões, aquela tradicional instituição optou por consolidar a abertura à comunidade, São suas palavras textuais: *“quer se comunicar com todos, principalmente com a infância e a juventude. Não é um clube fechado nem despretensioso chá de amigos”*.

E assim caminha, já há algum tempo, por suas diretorias e seus plenários a **Casa de Ulysses Falcão Vieira** o pró-homem que reagrupou intelectuais do para resgatar os valores acadêmicos dispersos por força das velhas dissidências.

Todos os novos eleitos para a gestão 2013-2014 estão convencidos da absoluta necessidade da Academia trabalhar de dentro para fora da instituição, defendendo projetos específicos à sua natureza e colaborando as parcerias com setores oficiais e particulares de nossa sociedade. **Chloris Casagrande Justen** e os demais confrades e confradeiras pretendem sugerir parcerias com órgãos públicos e organizações privadas, nos campos da educação, da cultura, das artes e das ciências, em favor de outro fundamento da República Federativa do Brasil que é a cidadania.

Em favor dos legítimos e justos interesses de cidadãos paranaenses a nossa Academia procurará manterá relações de produtividade com os poderes do Estado e do Município e com as associações de letras do interior do Estado, com entidades de natureza e objetivos afins como o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, sob a liderança do acadêmico **Ernani Straube** e entidades de outra natureza e até mesmo com grupos sociais que atuam em outros campos mas com finalidades comunitárias como a **Associação Comercial do Paraná**, a centenária instituição criada pelo Barão do Cerro Azul e o **Movimento Pró-Paraná**, fundado sob inspiração do pranteado acadêmico e homem público, **Francisco Cunha Pereira Filho**. A primeira, para muito além de suas atribuições naturais e sob a presidência lúcida de **Edson José Ramon**, tem se envolvido com projetos paranistas e também de interesse da cidade. Um dos eloquentes exemplos, é a campanha promovida para conscientizar a população sobre os danos que vêm ocorrendo em prédios e lojas da zona central, com o slogan-denúncia *“Pichação é crime”*. A segunda funciona como ente de relações institucionais de nosso Estado. Em suas ações multidisciplinares, independentes e supra partidárias, o **Movimento Pró-Paraná**, tendo à frente figuras representativas como o **Jonel Chede**, **Cleverson Marinho Teixeira** e **Renato Pedroso**, entre outros, revela dois aspectos essenciais: o *estímulo ao civismo* e o *exercício democrático*. Quanto ao primeiro, o traço característico é a identidade cultural do Estado e o seu desenvolvimento integrado na Federação

brasileira e da comunidade internacional. Relativamente ao segundo, a própria origem do **Movimento** revela a sua marca democrática: ele nasceu na casa do povo, ou seja, na Assembleia Legislativa.

A criação oficial do **Movimento Pró-Paraná** ocorreu em 25 de janeiro de 2001. O manifesto dos fundadores, a discussão e aprovação do Estatuto, a eleição dos órgãos dirigentes e outras iniciativas deram à solenidade a *marca da perenidade*. A histórica sessão foi presidida pelo Doutor **Francisco Cunha Pereira Filho**, secretariada pelo jornalista **Rafael de Lala Sobrinho** e prestigiada por autoridades federais, estaduais e municipais.

Estava, assim, formada uma *corrente* de núcleos jurídicos, econômicos, políticos, culturais, religiosos, além de associações, grupos de bairros e outros polos multiplicadores de opinião.

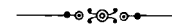


Mas além das parcerias a serem instituídas, a **Academia Paranaense de Letras** já desenvolve muitos projetos e anseios que não sofrerão solução de continuidade com as pautas da nova diretoria e as atividades de seus integrantes. Desde logo é possível referir dois deles: o funcionamento do Museu Geológico e Paleontológico do Parque de Vila Velha, obra já edificada pelo Estado e sonho concebido e realizado pelo mestre de ciência e membro desta Academia, **João José Bigarella**, o imortal paranaense que tem dado ao país e ao estrangeiro a contribuição de 212 estudos publicados no Brasil e em conceituadas revistas científicas da Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra e Rússia.

A propósito, leio as primeiras linhas do artigo escrito pelo confrade Belmiro Valverde Jobim Castor, publicado na página de opinião da *Gazeta do Povo*, na edição de 4 de novembro de 2012, sob o título “Presente histórico”.

“O próximo dia 19 de dezembro tem um significado especial: no mesmo dia em que estaremos comemorando o 159.º aniversário da instalação da Província do Paraná, celebraremos também o centenário da nossa querida Universidade Federal. O governador Beto Richa e o reitor Zaki Akel têm a oportunidade de oferecer a ela um presente histórico, especialíssimo, duradouro, incomparável: basta que ponham fim à interminável discussão que se arrasta nos meandros do governo estadual e da universidade sobre a criação do Museu Geológico e Paleontológico do Parque de Vila Velha, concebido pelo professor João José Bigarella.

Bigarella é um geólogo e paleontólogo conhecido e respeitado em todo o mundo, e talvez seja o único professor da nossa UFPR a ter lecionado e trabalhado em quatro continentes. Com quase 90 anos, ainda demonstra enorme energia e fez da criação de um museu no Parque de Vila Velha uma verdadeira obsessão. Depois de visitar e conhecer mais de 400 museus no mundo todo, idealizou-o como um instrumento de aprendizagem a respeito da evolução na natureza e do ser humano ao longo de milhões de anos. Com os parcos auxílios que a fundação que leva seu nome recebeu, providenciou a elaboração de todos os projetos museológicos e executivos. Agora, humildemente, vê o futuro museu percorrer a Via Dolorosa das discussões intermináveis, engolfado em dificuldades insuspeitadas e incompreensíveis”.



Outro projeto é acalentado há muitos anos pela Presidente **Chloris Casagrande Justen**. Ele trata do ensino obrigatório da História do Paraná para os alunos dos cursos de ensino fundamental e de ensino médio.

A Lei nº 13.381, de 18 de dezembro de 2001, sancionada pelo governador **Jaime Lerner**, torna obrigatória a inclusão, na rede pública estadual de ensino, da disciplina *História do Paraná*, “objetivando a formação de cidadãos conscientes da identidade, potencial e valorização do nosso Estado”. Essa disciplina deverá permanecer, como parte diversificada, no currículo em mais de uma série ou distribuídos os seus conteúdos em outras matérias, baseada em bibliografia especializada.

O então Deputado **Hermas Brandão** foi o autor do projeto que se converteu nessa importantíssima lei e observou, na justificativa da proposta, que uma recente investigação efetivada pela Academia Paranaense de Letras comprovou que o ensino e a aprendizagem da história do Paraná, na rede pública estadual, exige uma urgente reformulação. A maioria dos cidadãos consultados confessa o desconhecimento de personalidades e fatos históricos, até mesmo em relação àqueles que frequentaram e concluíram o Curso Superior de História. E arremata o *disegno di legge*: “Esses depoimentos causam constrangimento em nossa sociedade, tendo em vista a evidência comprovada de que jovens e adultos não se recordam de leituras, estudos, pesquisas ou projetos sobre a nossa história, realizadas durante a escolarização”.

O relevante diploma cumpre nobilitante função cultural ao proporcionar o conhecimento de valores espirituais e materiais característicos de nossa sociedade.

A Academia Paranaense de Letras vem desenvolvendo, há vários anos, um levantamento de informações para detectar as causas

e os desvios que acarretam o desconhecimento, por parte da população, dos principais eventos e das biografias de ilustres figuras públicas de nosso Estado. Foi, então, instituída a “Comissão História do Paraná – APL”, sob a presidência e relatoria da professora **Chloris Casagrande Justen** e formada pelos acadêmicos **Túlio Vargas**, **Ernani Straub** e **Luiz Romaguera Neto**, que elaborou um minucioso diagnóstico sobre o assunto e redigiu um anteprojeto para que o sistema estadual de ensino introduzisse a disciplina *História do Paraná* tanto no aprendizado fundamental como também no médio. Esse anteprojeto – que se converteu no projeto de lei definitivo – revela um paciente e dedicado trabalho de pesquisa incluindo legislação, diretrizes, conteúdos curriculares e valores fundamentais estabelecidos, bem como metodologia e procedimentos pedagógicos. E permitiu formar uma conclusão pessimista, como observou a devotada educadora **Chloris Justen**: “*A diminuta presença da disciplina História do Paraná durante o curso fundamental em que ela aparece com um reduzido número de aulas semanais em apenas uma, das oito séries que compõem o curso, bem como a ausência da matéria na programação do curso médio, são fatos que prejudicam e podem inviabilizar a assimilação dos conteúdos necessários ao conhecimento da disciplina; a preocupação maior com o processo de aprendizagem em detrimento da qualidade dos conteúdos curriculares; a reduzida bibliografia sobre o currículo dessa disciplina, tanto para o uso dos professores como dos alunos dos cursos de quaisquer dos níveis, prejudicando a qualidade do ensino e da aprendizagem dos conteúdos curriculares básicos da História do Paraná*”.¹

A Comissão de Redação da Assembleia Legislativa, sob o sentimento do civismo e o respeito aos símbolos paranistas.

Afinal, o Paraná que é uma *terra de todas as gentes, um porto aberto* para acolher as diversas etnias, uma *liga das nações* e uma *face voltada para o mundo* não pode descurar de sua própria história.

¹ Documento de Trabalho da Comissão, sob a coordenação da Prof. Chloris Casagrande Justen.

Queira Deus que os mandatos que ora se iniciam possam cumprir as promessas e esperanças nos valores fundamentais de nossa gente e recuperar ideais e mensagens que o tempo não apagou.

Queira Deus que nos lembremos sempre da vida e obra dos patronos, fundadores e ocupantes desta Academia que já partiram fisicamente, invocando **Marco Túlio Cícero**, (106-43 a), o mais eloquente dos oradores romanos quando proclamou: “*A vida dos mortos perdura na memória dos vivos*”

Queira Deus salvar-nos dos excessos do místico e perturbador fenômeno da globalização porque massifica a informação, anula a liberdade de criação e extingue a imaginação – imaginação que deve ser o reduto indevassável da alma. A euforia pela globalização dos tempos modernos se parece com a dominação, a alienação e o obscurantismo religiosos de períodos da Idade Média.

Afinal, como diz muito bem o poeta, crítico e ensaísta João Manuel Simões, em sua obra *Cem pensamentos sem pretensões: “Vivemos a era da globalização tecnológica. Mas onde fica a globalização humanística?”* E com a luz dos grandes espíritos ele mesmo arremata: “*O progresso tecnológico promove uma grande metamorfose: transforma homens livres em servos de máquinas e apertadores de teclas*”. (Editora Progressiva, Curitiba, 2004, p. 10 e 16).

20 de março de 2013

ACADEMIA PARANENSE DE LETRAS DISCURSO DE POSSE

Presidente Chloris Casagrande Justen

Excelentíssimas e distintas autoridades componentes da mesa, que nos honram com suas presenças e estendem sua carinhosa alegria sobre o meu coração, meus agradecimentos efusivos!

A esta plateia de amigos e companheiros de lutas culturais, minha admiração irrestrita.

Com a minha saudação aos eminentes acadêmicos da Academia Paranaense de Letras, saúdo todas as instituições culturais, agradecendo os seus representantes nesta cerimônia de posse da Diretoria deste biênio, ponto alto do nosso desempenho apresento minha confiança no alcançar dos nossos propósitos.

Com a certeza de que a caminhada não começa no primeiro passo, mas sim no sonho de chegar ao horizonte, sinto-me no topo da montanha!

Volto meus olhos ao passado e vejo-me adolescente sonhadora. O sol desaparece no extenso horizonte de Galileu, enquanto eu, os cabelos dourados e um sorriso nos lábios, escolho o meu destino. Sob meus olhos, Khalil Gibran me encanta tão intensamente que é a voz dele que ouço:

-“Assim, a humanidade está dividida em duas longas filas: uma composta dos envelhecidos e encurvados que se apóiam em bastões arqueados e, à medida que caminham na estrada da vida arquejam como se estivessem ascendendo ao topo de uma montanha, embora, ao contrário estejam se despencando num abismo.

E a segunda fila é composta de jovens, correndo como se tivessem pés alados, cantando como se tivessem gargantas reforçadas por cordas de prata e, subindo em direção ao topo da montanha, é como se os impulsionasse algum poder mágico e irresistível.

“A qual dessas duas procissões pertenceis? Fazei a vós mesmos essa pergunta quando estiverdes sozinhos no silêncio da noite. Julgai por vós mesmos se pertenceis aos Escravos do Ontem ou aos Homens Livres do Amanhã?”.

No topo desta montanha, minha aspiração ainda é estar entre os Homens Livres do Amanhã!

Olho a minha jornada e vejo tantas violetas, rosas e magnólias. E há pedras e espinhos e tempestades; e há anjos de asas brancas e horizontes que se estendem sem limites.

À minha frente, há nimbos ameaçadores e róseas nuvens de castelos.

Mas, a alegria do desafio me leva a, cantando, subir a montanha, na busca da Harmonia!

E, como num passe de mágica, nesta brilhante plataforma, surge à minha frente uma nova escalada. Mas, sou da fila que sobe em direção ao topo, sob um poder mágico e irresistível.

É a minha alma, a minha essência que me diz que assumi a responsabilidade, a honra e a alegria de pertencer aos que constroem sua própria caminhada.

Tão rápido se vão as horas que o amanhã é hoje.

O amanhã é cada dia e não entrarei na fila dos que arquejam na subida íngreme dos desafios da vida.

No meu passado, aqui tão perto, o meu dia-a-dia tem se mesclado de alegrias e lágrimas, benfazejas lágrimas que me ensinam a viver e, entre desafios e vitórias, por entre amalgamas e madrugadas, mantenho-me entre os que lutam pela construção harmoniosa do Amanhã.

Olhando, do meu passado até aqui, nunca deixei de ser educadora, que tenho a honra de lavrar a terra e plantar sementes.

Ah, a lição de Gibran! O canto de prata se espalha em alegrias, o que me tem permitido colher a flores e saborear os frutos. Essa alegria é a expressão do poder mágico que transforma a minha vida em um começar todos os dias.

Assim aprendo sempre, e planejo como continuar entre os Homens Livres do Amanhã!

Vou seguindo, estudando e pregando a sabedoria dos pensadores, o conhecimento dos cientistas, e me inspiro nas lúcidas produções dos sábios de todas as idades, capazes de compreender as transformações das sociedades, mudando formas, sem macular a essência!

As sociedades já passaram por tantos títulos e a maioria daqueles que não evoluem com elas, pensam que estão subindo a montanha e estão despencando em um abismo. Abismo que se prende à descaracterização dos valores, à perda dos comportamentos éticos, ao desconsiderar da humanidade nos relacionamentos entre as pessoas, entre os países.

É um desafio entender e desvendar as transformações sociais. Agora, é Gilles Lipovetsky que, em seus escritos, assume que os valores éticos continuam existindo e orientando a vida individual e coletiva, mas com uma nova configuração que é radicalmente distinta da anterior. Ele comenta que, se para muitos existe a certeza de que a ética não mais existe, são constantes os grupos que, pensando de modo contrário, exigem um comportamento ético impecável dos homens públicos, dos políticos, artistas e esportistas, em uma conduta ética perfeita. E, ao mesmo tempo, há uma busca em torno da definição do que é moral e do que é moralismo, assunto agora tão atual e em continuado julgamento.

Na vertigem do tempo, o título de sociedade pós-moderna vai dando lugar ao título de sociedade pós-moralista. As mudanças são tão rápidas que as classificações se perdem a cada novo estudo buscando soluções de proteção à ética, à cidadania, aos direitos humanos, à permanência da dignidade do ser humano.

Volto então aos meus continuados questionamentos:-

- Qual o papel das academias das sociedades sempre em mudança?

- Que caminho vamos traçar neste biênio?

Subindo e cantando, nesta minha chegada à presidência, venho buscando soluções para o trajeto desta nova Diretoria.

Recebemos um bastão das mãos competentes do nosso presidente Eduardo Rocha Virmond, que recebeu o legado de quase um século de grandes gestões. Estudei-as na sua maioria e de cada uma há reflexos de luzes que o processo de imortalidade vem conduzindo pela sequência da produção cultural de cada época, e isso leva à necessidade de um estudo mais acurado das luzes e do conhecimento, condensado em sabedorias na produção cultural de cada época.

Com tantas questões à superfície, inicia-se a gestão 2013/ 2014.

Cabe-nos discutir, decidir e construir a Academia de hoje.

E na base desse processo, está à dinamização de movimentos culturais envolvendo os mais complexos grupos de cultura, que se mantêm em atividade, continuadores do aperfeiçoamento das ações já instaladas e que se aprimoram a cada Diretoria. À Semana da História, instalar a Semana da Literatura. Incentivar e dinamizar “A Academia vai à Escola”; retomar “Os paranaenses da minha Rua”; planejar e implantar os “Encontros na Academia”, levar para o site o “Academus, uma Revista Virtual”.

Se o mundo mudou, temos que subir a montanha cantando impulsionados por um poder mágico, adotando as novas formas de marketing moderno, praticando outras soluções que se fazem urgentes.

Lançaremos o **Prêmio Flor de Lyz**, nosso emblema em medalhas e diplomas de Honra ao Mérito, destacando professores, instituições e alunos em condições de excelência. Em projetos de **Aprendizagens iniciais**, no ensino fundamental; **História e Literatura** para o ensino médio; e **Literatura do Paraná** no ensino superior. Não somos a crítica e a seleção, seremos o estímulo ao aprimoramento do ensino e à promoção de um **paranismo necessário** e vamos elaborando um **Documentário do Pensamento Contemporâneo**, organizando uma verdadeira dinâmica da imortalidade. Há todo um planejamento que, com base na

realidade, se interliga e completa, e que nos impulsiona a levar conosco os ideais dinâmicos de um desenvolvimento global e promissor.

Essas propostas nos estimularão a subir a montanha cantando, com um poder mágico e irresistível. Faremos, todos, parte da falange dos Homens Livres do Amanhã. Não, não estou falando ao léu, não. Há muitos Homens do Amanhã com os mesmos ideais, aguardando lançamento.

Estou sonhando sim, porque sem sonhos não começamos a caminhada. Estou apoiada nos possíveis contornos das sociedades dos estudiosos e pensadores que iluminarão os caminhos a seguir, incentivando-nos a levar conosco outras comunidades, e adaptando-nos aos meios mais lúcidos; que a sociedade é dinâmica e o conhecimento está nas máquinas, e é preciso treinar outros meios de aprendizagens para fugir do reducionismo e da superficialidade cultural na formação dos novos cidadãos, necessidade premente de assegurar aos estudiosos o vir da essência à superfície.

Há que incentivar as artes, nos seus mais variados olhares, que a alma do homem pede amor, sensibilidade para sentir e encaminhar as venturas que permeiam as construções de um mundo melhor, trajeto de aperfeiçoamento do ser humano, em comunidades mais competentes, mais sábias. E, em todos os momentos, há que viver a arte para desenvolver os princípios de humanidade, parte mais íntima e pura do ser humano.

E, neste instante sublime, entre os muitos momentos de luzes que têm envolvido a minha vida, agradeço a oportunidade, a honra e a alegria de dirigir a Academia Paranaense de Letras, síntese de todas as instituições culturais, bastiões de glória do aprimoramento da sensibilidade humana.

Neste momento de suma solenidade, com toda a humildade do ser humano em busca de um mundo melhor, rogo ao Senhor bênçãos sobre a caminhada de luzes das nossas decisões.

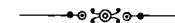
Com os olhos nesta mesa de tão distinguidas e tão altas personalidades, nesta plateia vibrante de amizade carinhosa, e, sentindo a vibração de um ambiente de amor e solidariedade, peço ao Senhor esparja Suas luzes sobre nós para que sejamos um por todos e todos envolvidos na busca do aperfeiçoamento humano, da solidariedade comunitária e, com a participação dos eminentes acadêmicos, o incentivo ao desenvolvimento da cultura paranaense.

Com esse propósito, saudemos, com as nossas palmas, a gente paranaense, pedindo bênçãos sobre o Paraná, luzeiro no dinamismo para o porvir!



ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE
PELO PRESIDENTE DR. EDUARDO ROCHA VIRMOND
AO ACADÊMICO PAULO VENTURELLI

EM 25 DE FEVEREIRO DE 2013



Senhoras e Senhores, Autoridades presentes, membros da Academia Paranaense de Letras, tenho a honra de declarar aberta esta sessão solene de posse do novo acadêmico Paulo Venturelli. Ouviremos o hino nacional.

Nesta noite temos a satisfação de dar posse ao professor Paulo Venturelli, na vaga deixada pelo Professor Leopoldo Scherner, da qual foi primeiro ocupante Tasso da Silveira. Paulo Venturelli é um especialista em literatura, professor universitário, e autor de várias obras, algumas de análise literária, o que produz sempre com extremo cuidado e profundidade. Para a Academia é uma honra contar com a presença entre os nossos pares do novo membro da Academia, que será saudado logo mais pelo acadêmico Ernani Buchmann.

Designo os acadêmicos Antonio Celso Mendes e Airo Dergint para introduzirem no recinto o novo membro professor Paulo Venturelli, a ser empossado.

INTRODUÇÃO NO RECINTO

Peço que o novo acadêmico venha em frente a esta mesa para assinar o termo de posse, bem como receber o diploma de membro da Academia.

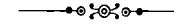
Convido a senhora Libera Regina Costacurta Cecon, para colocação da pelerine, revestindo pois o novo acadêmico.

SAUDAÇÃO

Todos sentados, teremos agora a saudação ao novo acadêmico, pelo nosso colega Ernani Buchmann, a quem concedo a palavra.



DISCURSO DE SAUDAÇÃO - POSSE PAULO VENTURELLI



Proferido pelo Acadêmico

Ernani Buchmann



Senhoras e senhores, o que vamos ouvir agora não é um apenas um discurso saudando a posse de Paulo Venturelli na Academia Paranaense de Letras. Mais que isso, é um discurso escrito também por Paulo Venturelli, como poderemos ver a partir de agora.

O Brasil preparava-se para o Natal, em 17 de dezembro de 1950. As noites quentes daquele quase verão levavam as famílias a olhar vitrines, imaginar os presentes. Os governos dedicavam-se a meros despachos burocráticos, já se preparando para a folga de fim de ano. Na data, se comemorava, como ainda hoje, o dia de São Lázaro de Betânia, o ressuscitado por Jesus, depois pregador na França, morto e decapitado pelos romanos.

Pois naquele 17 de dezembro nasceu em Brusque, ali no Vale do Itajaí, Paulo Venturelli, filho de Valério Venturelli e Bertinha de Limas Venturelli, operários tecelões. E seja lá quais tenham sido os desígnios, o fato é que esta criança com nome de santo, nascido em dia de santo revivido, passou boa parte da vida à volta com padres, freiras, irmãos e irmãs, aprendendo com eles, depois ensinando para eles, em mais de um colégio.

Mas, deixemos essas divagações santificadas para lá que aqui não vamos tratar de santos e sim de um escritor. Alguém que afirma não ter sido sua infância das mais venturosas, mesmo tendo Venturelli por sobrenome. Devemos acreditar no próprio testemunho,

mas ele deixa passar em seus livros, aqui e ali, algumas passagens que o desmentem, resgatam momentos felizes, como aquele domingo em que seu pai o levou para assistir Mosimann, Petruski e Teixeira, o maior de todos os jogadores de futebol nascidos em Santa Catarina, a jogarem contra o Botafogo, defendendo a camisa azul, vermelha e branca do glorioso Carlos Renaux, uma das potências de futebol catarinense nos anos 50 do século passado.

A partir de 1963, o internato em Corupá marca profundamente o pré-adolescente Paulo Venturelli.

“Era uma de minhas primeiras noites no internato. Acossado pela saudade, zozinho pela imensidão do refeitório, eu chorava, enquanto tentava engolir a sopa. Cada colherada que levava à boca enchia-se de lágrimas. Não suportava a sensação de exílio, o massacre de estar sozinho entre tantos desconhecidos”, ele conta em *Composições para meus amigos*.

O pai, líder sindical, não era bem visto pelos patrões. Ouçamos o que diz, na obra *Meu Pai*:

“Papai foi líder sindicalista naqueles tortuosos tempos de luz e sombra que chamamos anos 60. Comandava greves. Numa delas, para evitar os furões, crucificou-se amarrado em cordas nos altos portões gradeados da fábrica”.

A família muda-se para Jaraguá do Sul, pertinho do internato, mas não por esse motivo, e sim por exigências da militância paterna, a exigir nova cidade em que seu nome não fosse figura carimbada no fichário político-policial.

No ginásio, Paulo ouve do professor de português: “Quem quiser ser inteligente na vida, precisa ler pelo menos um livro por semana”.

Lendo, descobriu a literatura e despertou para a paixão que ainda o acompanha. Lendo muito, passou a ter ideias. A timidez, a introspecção, as angústias cederam um pouco de espaço à estranha alegria de escrever.

“As palavras travam luta lenta para subir por suas pernas e urbanizar seu rosto de menino do interior. Ali há marcas de cercas, rebanhos tresmalhados, juncos inclinados ao longo da pele elétrica

dos lagos. As palavras querem pouco: tão somente iluminar as ínfimas nuances em que ele guarda alguma coisa ignorada. Não doerá nada, isto é promessa. A dor é ilusão de ótica ou de opção. As palavras rastejam da página, sílaba a sílaba, e querem recortar-se no umbral arredio dele para levar alguma coisa – digamos, a boa nova – e basta ele se abrir para o não-mistério do que dizem”.

Em 1974 arrisca-se a trocar o interior por Curitiba, tornar-se cidadão do planalto, ele que vem da planície. Cursa Letras na UFPR, entra para a Casa do Estudante Universitário (CEU), um paraíso de vida em grupo que lhe permite terminar a faculdade de forma mais amena. Ele relata, na terceira pessoa:

“Na CEU, tem a satisfação de encontrar uns iguais: outros idealistas apaixonados pelas letras, pelas artes e por esses caminhos sem margem. Formam um grupo compacto. Montam semanas de cultura, agitam o torpor de anos em que só o silêncio era permitido”.

Trabalhou em agência de publicidade, como recorda em *Paisagem com menino e cachorro*:

“Minha vida corria simples e burrinha. Trabalhava numa agência de publicidade. Função: diretor de arte. Muitas vezes me perguntei: o que pode haver de artístico neste tipo de emprego?” Trocou então a vida de publicitário pela Fundação Cultural, como professor de desenho no Centro de Criatividade.

Engraçado: também trabalhei em agências de publicidade e muitas vezes não atinava com o que poderia haver de artístico naquilo. E também trabalhei na Fundação Cultural, sabendo que havia muito de artístico ali.

Foi professor de língua portuguesa no Colégio Sion e depois no Colégio Medianeira. E embarca no teatro. Além de lecionar Literatura Dramática, História do Drama, Estética do Drama, no Curso Permanente de Teatro, do Teatro Guaíra, mantém o grupo “Todo dia tem neblina no horizonte”. Dirige as peças “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, “Yerma”, de Lorca e “O verdugo”, de Hilda Hilst.

Em 1982 casa com Libera Regina Costacurta Cecon. Segundo ele, “karma que ela carrega com paciência e silêncios”.

A partir de 1990, assume na UFPR como professor concursado, na área de literatura brasileira e afins. Torna-se mestre com tese sobre a obra de João Silvério Trevisan, que não gostou nada da reflexão. Depois, defende o doutorado na USP com a tese *Literatura e homoerotismo em circuito fechado*, pesquisa das relações entre literatura e homoerotismo, tema que segue estudando.

Não tem filhos, no sentido da transmissão genética. Mas sua obra mostra que criou muitos, alguns que o seguem de forma permanente, pulando de livro a livro. Jander é um deles. Deixa de ser um “polaquinho que vive na vizinhança, disputado por três ou quatro capetas” para ressurgir como filho do seu pai, irmão mais moço que ele transforma no próprio filho em *Meu Pai*.

Ao lado do caixão do pai, “um menino franzino, muito loiro, deslocado, ficou contemplando a mulher, com ares de quem não estava entendendo nada”.

Este é um recurso dos mestres, o de repetir aqui e ali locais, situações, personagens de outras obras, de outros momentos da própria escrita. Não é o que Dalton faz, o que Garcia Márquez sempre fez, o que Faulkner seguiu fazendo?

“Há torvelinhos de discursos, fragmentos de falas escritas na areia e no barro, tudo repuxando seus olhos para a dimensão da amplitude. Acontece que ele está estreitado pela própria ascendência de uma espécie de maldição: pensar. E, no pensar, pensar-se, aprisionando cada gesto na clarividência da lupa. Esta foi tendo vida a partir de camadas e camadas de matérias lidas. Então lhe fica difícil distinguir no emaranhado o que está sendo visto”.

Talvez no parágrafo acima esteja a gene da sua obra. Vê-se que ali estão fragmentos de quem o inspirou, autores como Machado e Augusto dos Anjos. Ou esse trecho de poema não exhibe semelhanças com o poeta da *Mão que afaga é a mesma que apedreja*?

“No seu olho direito uma pedra faiscava
Do seu esquerdo gotejava fel e pus
E excremento de animal esquartejado
Vendido em feira vã” .

Há nele também muito da ficção sartreana expressa em *Náusea*.

Encontra em Franz Kafka inspiração permanente, exposta no bicho kafkiano que assola o Senhor Mutt, e nas narrativas metamorfoides.

Kafka, sim, ele mesmo, um dos pais do realismo fantástico. Ambos, o autor tcheco e o gênero literário, se mostram em Carlinhos Gota D’água, menino que verte água até causar inundação, assim como no Chico Graça, que vomita rãs em *Menu Familiar*.

Lembro quando li seus *Fantasmas de Caligem*, o primeiro de seus livros a me chegar às mãos. Encontrei um escritor pleno em seu ofício, senhor de cada palavra, capaz de surpreender e de encantar página a página.

Ali descobri um autor assombrado pela solidão, mas não dominado por ela. Ele a desafia ao desfiar enredos, desenredando os fios de cada trama, passem-se em Glasgow ou em Lindau, um vasto universo capaz de afastá-lo da clausura. Vejamos:

“Acobertado pela noite penso que, ao lado de páginas vazias, há aquelas hieroglifadas. Moveu-as o entorpecimento do efêmero, um sendo de identidade que sorrateiro vaga entre os tons das máscaras. Personas e sabotagem. O mundo feito teatro”.

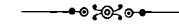
Paulo Venturelli é um artista de múltiplos interesses artísticos: vive de escrever como já viveu de desenhar. Não se duvide também intensa ligação musical. Um personagem diz:

- Só penso em música.

O autor amplia o interesse:

“Num oco do prédio de apartamentos, alguém ensaia flauta. Adejos ásperos de quase asa no ar. Pelas paredes, vêm da música tartamudeada alguns signos que escorrem, como se fossem hieróglifos oferecidos a uma

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS DISCURSO DE POSSE



Paulo Venturelli

Venho de longe. Venho de um menino encurralado pelos maus tratos físicos e psicológicos. Um menino frágil, tímido e gago como o garoto de Mishima em *O Pavilhão Dourado*. Um menino que devaneava, sentado numa forquilha de uma alta goiabeira no terreiro de sua casa, sonhando o mundo, pelo pedaço de Brusque que conhecia. Ali aquele menino, sem saber, aprendia um exercício fundamental para quem quer escrever: observar os detalhes, as cores, as nuances do entorno.

Venho de um menino recolhido num internato católico onde a repressão imperava sobre todos os quesitos da mente e do corpo. O pecado era o grande espantinho a nutri-lo de culpas que nunca foram apagadas de todo. Mas, como a realidade é dialética, foi neste inferno que o menino conheceu o céu.

Por meio de um professor de português, o menino descobriu a literatura e a leitura. E de tanto ler, com a mente prenhe de imagens, começou a escrever. Seus textos eram bem vistos e o menino, pela primeira vez em sua curta vida, teve aprovação social para o que era e o que fazia.

Então o menino levantou a cabeça do fosso onde sempre rastejara e decidiu ser escritor, por ver na literatura não só um caminho, mas um modo de vida que se coadunava com a sua forma tímida e reclusa de ser. Este menino gostava de ir até o rio e contemplar o verde e o azul das águas batendo nas rochas, prolongando o exercício que aprendera no alto da goiabeira e antecipando o que o adulto faria: isolar-se para pensar, para analisar, para fazer analogias e assim alimentar a mente que depois se extravasa nos textos diários.

simples decodificação: quem toca não consegue empurrar a solidão para a frente, para um canto, disfarçar seu peso”.

Faz parte do grande movimento migratório que trouxe para o Paraná tantos escritores catarinenses, como Cristóvão Tezza, Dante Mendonça, Deonísio da Silva, Eduardo Sganzerla, o incomparável Manoel Carlos Karam, Roberto Gomes, Silvio Back e Walmor Marcelino.

Nesta Academia Paranaense de Letras sucede ao também professor Leopoldo Scherner. Saberá ocupar a Cadeira nº 5 com o profundo conhecimento do seu ofício, que nos orgulha e ensina.

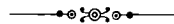
Paulo Venturelli gosta de citar este pensamento do magistral uruguaio que é Eduardo Galeano:

“(A utopia) está no horizonte. Aproximo-me dois passos. Caminho dez passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte fica dez passos mais longe. Por muito que caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar”.

Aqui seremos 40 para caminhar ao seu lado, Paulo.

“Os fantasmas desalojam-se na contraluz”.

Seja bem-vindo.



A PALAVRA DO NOVO ACADÊMICO

Tenho a honra de conceder a palavra ao Acadêmico PAULO VENTURELLI.

Louvo este menino corajoso que optou pela arte num meio hostil e totalmente filisteu. Que optou pela arte num ambiente que a renegava porque só quem sabia jogar futebol tinha valor ali e para tais tarefas práticas o menino era emperradamente inepto.

Venho de longe. Do menino que se negou a crescer desde que descobriu que, fruindo a arte, podia também fazer alguma coisa em arte, ainda tudo muito canhestro e primitivo, mas valia o empenho para fugir da massa, para não ser acomodado como todos, para não se contentar com a pobreza e a estreiteza de um cotidiano chão, chulo e limitado.

Desde cedo este menino aprendeu que seria diferente e por esta razão chamaria muita incompreensão sobre si. Que teria uma ordem de valores dificilmente encontrável entre seus pares. Que teria aspirações que iriam muito além daquelas coisas rasteiras que sideravam a todos: carro, dinheiro, roupas de marca e toda a quinquilharia daquilo que ele não sabia chamar-se indústria cultural.

Este menino optou por um caminho difícil, no qual nunca encontraria apoio e companhia. Louvo-o por isto. Ele não foi apenas corajoso, foi atrevido, aprendeu aos poucos a superar os rasos paradigmas da sociedade consumista e hedonista, a quebrar e ultrapassar os tabus, a vencer os preconceitos, a cutucar nas verdades prontas para saber o que havia do outro lado. Este menino, em sua fragilidade, nunca aceitou o teatro pronto do mundo e desconfiava que nos bastidores poderia haver outros elementos para outras peças.

E ele ousou ir até lá e buscar novos arranjos que não corroboravam o que todos acreditavam como a verdade. Este menino, mesmo arriscando a própria cabeça, começou a discutir com quem representava o poder – os professores – e sofreu na própria carne as represálias e os boicotes que se estendem até os dias de hoje.

Este menino pretendeu crescer. Eu o impedi. Queria manter o seu frescor e a paixão com que se empenhava em tudo, em especial, no ler/escrever. E este menino aquiesceu. Ficou lá no meu dentro, mantendo a curiosidade aguçada e sempre fazendo perguntas, quando outros se conformavam ao quietismo das manadas.

Se um dia ele resolveu ser escritor, precisaria fazer um curso em que aprenderia a aprofundar as técnicas da arte de escrever. Ilusoriamente, escolheu o curso de Letras, pensando que nele se formaria como escritor, homem de letras. Triste ilusão. Se acreditava que ler tornava as gentes melhores, encontrou no curso a massa pungente de alienados que não tinham no livro seu motor de vida como ele tinha. Encontrou professores que, mesmo lidando com literatura, eram pessoas azedas, egoístas, mesquinhas, andando nos altos tamancos do narcisismo porque ostentavam títulos e dispunham de uma carreira em que, semideuses, se achavam no direito de ser donos da razão absoluta. O menino, já mais taludinho, também enfrentou e discutiu aquelas aulas medíocres já que, sempre lendo muito, tinha bom estofo e queria momentos mais suculentos em que pudesse saborear as letras de um ângulo até então inusitado.

Eram os anos de chumbo, quando o tácio militar silenciava todas as vozes. O menino gritou, esperneou, teve problemas dentro da Casa dos Estudantes. Como os astros o protegiam, o menino escapou ileso das arapucas que lhe armavam e começou a trabalhar como professor, única profissão que se conciliava com suas ambições literárias.

E no magistério, o menino inquieto colocou todas as suas garras de fora e outra vez atrevido, resolveu mudar os caminhos que todos trilhavam. Por onde passou, inovou, revolucionou, trouxe novos padrões para o ensino de língua e literatura. No começo, recebeu o espanto, a incredulidade, a apatia daqueles que achavam que mudanças no ensino eram impossíveis. O menino insistiu com denodo, porque descobrira uma nova paixão: ensinar, não conteúdos, mas a prática de leitura, para que outros tivessem a chance de passar pelas mesmas venturas e aventuras pelas quais ele passara. Conseguiu algum resultado. Deu exemplo com a própria vida e até hoje há aqueles que lhe agradecem pelos anos de convivência e contato com os textos.

Todorov, em livro recente, diz o seguinte: “ hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela,

como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las.(...) Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.”

Se a literatura enriquece, então aquele menino acumulou riquezas impossíveis de medir pelos olhos viciados num cotidiano chinfrim e rotineiro em que, de cara contra a parede, não sabem o que um livro poderia lhes proporcionar.

Terry Eagleton, num pequeno e denso livro afirma que “as obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos da psicologia dos autores. Elas são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a ‘mentalidade social’ ou ideologia de uma época.” E o menino já havia aprendido isto. Literatura é trabalho, não dom dos deuses, nem inspiração dos céus porque, neste caso, a obra nasceria pronta, não precisando de tanto amadurecimento, de burilar detalhes, as eternas reescrituras que não acabam mesmo depois do livro estar publicado.

Se “toda arte surge de uma concepção ideológica do mundo”, segundo Terry Eagleton, o menino absorveu que se estava ligando a algo muito sério. Não bastava sentar-se e escrever uma história ou um poema. Os elementos no papel não viriam só de sua cabeça, mas de toda a rede que formava com as leituras ao longo da vida e para isto os estudos de Bakhtin foram fundamentais, porque lhe ajudaram a dar forma àquilo que intuía em suas nebulosas.

Descobrimo que a literatura é um “exercício de reflexão e experiência” e que, sendo assim, “responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”, palavras de Compagnon, o menino foi

aprendendo sobre o ser humano muito mais na literatura do que nos manuais de comportamento, fazendo eco ao que Engels reconheceu há muito tempo, quando afirmou que aprendera muito mais com Balzac, lendo sua portentosa *Comédia Humana*, um conjunto de mais de 90 romances, do que com os historiadores e sociólogos de sua época.

Assim temos a literatura, senhores e senhoras. Uma arte que não lida apenas com a emoção e a razão, mas que dialoga com todas as linguagens do mundo e as absorve, transformando-as em algo novo. Por isto, ler forma e desenvolve inteligência, por isto ler forma sensibilidade e no áspero mundo de hoje a literatura tem um papel fundamental: fazer frente a todos os mecanismos de alienação que, principalmente por meio de novas tecnologias, nos emparedam num mundo egóico em que nos conformamos a ser quem somos e até já dispensamos o contato humano, porque nosso narcisismo virtual nos torna fantoches de nós mesmos e achamos que precisamos do outro apenas como instrumento de nosso prazer egoísta e animal.

E foi por estes caminhos que cheguei aqui e recebo a homenagem de ser eleito para a Academia Paranaense de Letras. Foi o menino vivo e irrequieto que me trouxe aqui. Se devo agradecimentos a muita gente, é a ele que agradeço em especial porque tece a audácia de puxar o fio da meada. E se sou escritor, devo à sua inquietação, ao seu fervor, à sua dedicação em todas as horas do dia as alegrias e sombras de lidar com a palavra num mundo que se faz cada vez mais superficial e vazio, navegando nas tecnologias, como se elas fossem a solução para tudo. Quem escreve, aprende desde cedo: não há solução. Somos obrigados a conviver com nossa incompletude e é por sermos incompletos que precisamos da arte para pelo menos arriscar a saber que somos finitos, precários, frágeis e limitados, encontrando força para superar esta consciência na criação anônima de todo dia, enfurnados entre nossos livros, usufruindo do silêncio para montar mais uma história que nos deixará plenos por algumas horas até sentirmos a necessidade de começar outra...

Como é de praxe que, num momento como este se fale da obra e da vida de quem me antecedeu na cadeira nº0.. 5, em lugar disto, optei por ler uns poemas de Leopoldo Scherner, publicados no último livro de seu grupo de poetas ENCONTROVÉRSIA, livro este intitulado *DIVERSO*:

1.

*Pelas artérias da Língua
Correm muitos falares
Que dizem
Desdizem*

2.

*Como são bonitos os pés
Que vêm anunciando
E vêm anunciar
A Paz:
Viva a escritura;*

3.

*O relógio disse as horas
Exatamente como
Elas são.*

4.

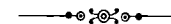
*Se o alto-falante
Não me dissesse
Que havia reunião
Como é que eu ia saber?*

5.

*Com esta luz,
Com este ar,
Com estas pedras,
Com estes olhos.*

Eis a literatura, nossa companheira de jornada.
Tenho dito.

25 de fevereiro de 2013

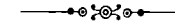


A PALAVRA DO PRESIDENTE DR. EDUARDO VIRMOND

Agradeço a presença de todos os presentes, inclusive dos acadêmicos que valorizaram esta posse, declaro encerrada a sessão.

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE
PELO PRESIDENTE, DR. EDUARDO ROCHA VIRMOND
AO ACADÊMICO JOÃO JOSÉ BIGARELLA

EM 5 DE MARÇO DE 2013



Senhoras e Senhores, Autoridades presentes, membros da Academia Paranaense de Letras, tenho a honra de declarar aberta esta sessão solene de posse do novo acadêmico João José Bigarella, que será precedida, no entanto de um breve preâmbulo, em homenagem a Ennio Marques Ferreira e Caique Ferrante. Ouviremos o hino nacional.

De início já declaramos um breve prelúdio à posse de João José Bigarella, que consiste nas homenagens que temos a honra de fazer, nas pessoas de Ennio Marques Ferreira e Caíque Ferrante.

Os dizeres das placas exprimem a admiração que todos devotamos a ambos os homenageados.

A placa em favor de Ennio Marques Ferreira será lida agora pelo acadêmico Ernani Costa Straube, por uma feliz particularidade. Em priscas eras, era Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná Newton Carneiro. Ele nos convidou, Ernani, Ennio e eu para ingressarmos no Instituto Histórico. Ingressamos nós três no mesmo dia e, além da ata, o Ernani tem uma fotografia da ocasião, que está no Instituto, a sete chaves. Agora nós três estamos reunidos para a homenagem ao Ennio. Quanto a mim, conheço o Ennio desde os anos de Universidade. A sua propensão para a arte era já demonstrada, mas nós sabemos que já ainda em tenra adolescente ele já tinha essa tendência. Ennio na década de 50 criou uma galeria de arte, a Cocaco, na Rua Ébano Pereira. Passou a Cocaco a ser um centro de reunião de todos que por aqui passavam. Lembro da Cacilda Becker, tão à vontade que,

enquanto em Curitiba, ela ia todos os dias à galeria, virando nossa amiga, assimcomo o seu marido Walmor Chagas. Voltemos ao Ennio. Ele depois teve a felicidade de casar com a Heloisa, especialista em matemática, que é muito importante para a vida dele. Depois fizemos, os então sócios disant intelectuais de Curitiba, uma campanha para que o Ennio fosse nomeado diretor do Departamento de Cultura, no que fomos bem sucedidos com o Ney Braga, recém eleito Governador. Ennio é um artista de valor, fazia belos trabalhos, desenhos, quadros a óleo, do que recebeu mais de um prêmio. Mas a sua carreira dedicada à cultura, no entanto, foi muito bem sucedida e forte. Só teve um efeito ruim, foi que assim foi encoberto o artista que morava provavelmente nele. Peço ao Acadêmico Professor e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná Ernani Costa Straube a leitura da placa e a entrega ao homenageado.

A ENNIO MARQUES FERREIRA, PELO SEU INCANSÁVEL DESEMPENHO EM FAVOR DA ARTE E DA CULTURA, EM TODOS ESSES ANOS, ALÉM DE TER SIDO DESTACADO MEMBRO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CULTURA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, DEPOIS POR MAIS DE UMA VEZ DIRETOR DO MUSEU DE ARTE DO PARANÁ, CUJO INTERESSE TEM ININTERRUPTA TRAJETÓRIA, PELOS ANOS AFORA, EM SUA CONTRIBUIÇÃO À RIQUEZA DA VIDA CULTURAL PARANAENSE, HOMENAGEM E RECONHECIMENTO DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS.

HOMENAGEM A CAIQUE FERRANTE

Caique Ferrante foi dedicado à política, a que foi levado pelo saudoso Norton Macedo. Norton apostou nele e foi bem sucedido. O último posto público exercido por Caique foi de Vereador em Curitiba,

o que exerceu com fé e decência. Por este último motivo se destaca em agir com simplicidade, para o bem da comunidade de Curitiba, agindo sempre em defesa dos livros e da cultura. Para nós, da Academia, ele está sendo fundamental, pois está conseguindo a concretização da doação da biblioteca que já está instalada e é denominada por nós de Biblioteca Norton Macedo, que estamos aperfeiçoando com a ajuda dos acadêmicos e da Fecomércio, na pessoa de Darci Piana, que nos deu uma sede, que a Academia nunca teve. Peço ao acadêmico Ernani Lopes Buchmann que faça a leitura da placa e a entregue ao seu destinatário, CAIQUE FERRANTE.

A CAIQUE FERRANTE, PELO SEU DENODADO INTERESSE PELA VIDA CULTURAL PARANAENSE, EM FAVOR DA ARTE E DOS LIVROS, ESTÍMULO QUE O LEVOU A CONTRIBUIR ESPONTANEAMENTE PELA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CURITIBANO, TANTO COMO VEREADOR, COMO ADMINISTRADOR, COM SEU RELEVANTE EMPENHO PARA A EFETIVAÇÃO DA BIBLIOTECA NORTON MACEDO DESTA INSTITUIÇÃO TRADICIONAL - HOMENAGEM DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS.

Nesta noite temos a satisfação de dar posse ao professor João José Bigarella, na vaga deixada pelo eminente Professor Metry Bacila. Para a Academia é uma honra contar com a presença entre os nossos pares do novo membro da Academia, que se destaca na história do Paraná com o seu extraordinário trabalho e também de seus livros. Será saudado logo mais pelo acadêmico Belmiro Valverde Jobim Castor.

Designo os acadêmicos Antonio Celso Mendes e Paulo Vítola para introduzirem no recinto o novo membro professor João José Bigarella, a ser empossado.

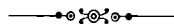
INTRODUÇÃO NO RECINTO

Peço que o novo acadêmico venha em frente a esta mesa para assinar o termo de posse, bem como receber o diploma de membro da Academia.

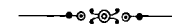
Convido a senhora professora Iris Koehler Bigarella para colocação da pelerine, revestindo pois o novo acadêmico.

SAUDAÇÃO

Todos sentados, teremos agora a saudação ao novo acadêmico, pelo nosso colega acadêmico Belmiro Castor, que tem a palavra.



DISCURSO DE SAUDAÇÃO - POSSE JOÃO JOSÉ BIGARELLA



Proferido pelo Acadêmico

Belmiro Valverde Jobim Castor

A Academia Paranaense de Letras recebe hoje em seu quadro de acadêmicos, o Professor João José Bigarella, geólogo, geógrafo, engenheiro químico, ecologista, museólogo, um dos mais eminentes cientistas brasileiros em suas múltiplas áreas de atuação que - ao longo de sessenta anos de carreira acadêmica e profissional - acumulou respeito, prestígio e reconhecimento internacional em todas elas. Ocupará a cadeira de Metry Bacilla, outro expoente na vida universitária e na pesquisa.

João José Bigarella é natural de Curitiba, filho de José João Bigarella e Ottilia Schaffer Bigarella, descendendo por parte de mãe de imigrantes vindos da Boemia em 1872 e por parte de pai de imigrantes vindos do sul do Tirol em 1872 e da Itália em 1888.

Bigarella, formou-se em Ciências Químicas (1944), Química Industrial (1945) e Engenharia Química (1953). O contínuo trabalho no campo em contato com a natureza, fez com que abandonasse o laboratório químico e se dedicasse intensamente à geologia e, mais tarde, à defesa ambiental. Ingressou no serviço público paranaense em 1945 no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), então o mais influente dos think tanks paranaenses, onde teve a orientação do Prof. Reinhardt Maack, o grande geocientista alemão, a quem a Paraná deve a elaboração dos primeiros estudos mineralógicos e geomorfológicos a respeito de nosso Estado bem como os primeiros alertas a respeito da degradação do solo arenoso da região Noroeste do Estado, que faz parte

da formação conhecida como Arenito Caiuá e cobre praticamente um terço da superfície paranaense.

Bigarella ingressou pouco mais tarde no ensino superior tornando-se Catedrático de Mineralogia e Geologia Econômica da Universidade Federal do Paraná em 1956. Desde 1985 é Professor Visitante da Universidade Federal de Santa Catarina. É membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Latino-Americana de Ciências. Entre 1973 e 1976 foi membro do Programa Internacional de Correlação Geológica da UNESCO - União Geológica Internacional; seu vice-presidente de 1975 a 1976. Realizou pesquisas geológicas e geográficas em vários países da América do Sul e da África, publicou mais de 200 trabalhos científicos no Brasil e no exterior (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Holanda, Alemanha, Rússia e África do Sul).

48

Ao recebê-lo, esta Casa consolida de vez sua filosofia de eliminar as fronteiras e barreiras entre o reconhecimento do trabalho intelectual na ciência e na arte; entre a busca do conhecimento sistemático, *sine ira et studio*, livre de emoções e sentimentos como disse Max Weber e preocupado, apenas, em avançar os limites do entendimento dos seres humanos a respeito deles próprios e do mundo que os cerca; e a Arte, o território da criação livre e descomprometida com códigos e métodos rígidos de investigação e de trabalho, como maneira de interpretar percepções, emoções e idéias dentro de limites propositadamente pouco precisos da Estética.

Ao acolher cientistas em seu quadro de acadêmicos, a Academia Paranaense de Letras se rende à evidência de que o mundo científico é povoado de valores estéticos, como a beleza, o equilíbrio, e a harmonia em todos os níveis e escalas da astronomia até a microbiologia, dos seres vivos aos seres inanimados. À elegância da pena inspiradora dos prosistas e poetas, o cientista contrapõe a disciplina do método e a eventual aridez

das narrativas, mas isso não prejudica nem reduz o reconhecimento da beleza e da harmonia das formas naturais. Em contrapartida, o artista toma emprestados seguidamente do mundo da ciência, princípios, artefatos e conceitos para utilizá-los como insumos do trabalho de criação, despiando-os de sua eventual aridez com a inspiração da pena, do pincel, do cinzel.

A enorme complexidade da natureza é uma área especialmente propícia para essa aproximação entre o saber científico e a arte, pois ao observar a delicadeza das estruturas e o funcionamento absolutamente harmônico de ecossistemas complexos, está-se a um tempo, desenvolvendo o conhecimento científico e se maravilhando com sua riqueza estética. Ao mesmo tempo, é fácil constatar o rompimento dessa harmonia e a destruição da beleza quando os sistemas naturais são perturbados por atos e práticas agressivas do homem.

49

Bigarella, um cientista eminentemente ligado aos fenômenos da terra e da natureza em geral, experimentou esta epifania desde cedo. Em notas sobre sua infância e adolescência, ele conta ter sido criado em uma casa com amplo quintal, pomar e horta e relata as viagens periódicas de sua família à praia, a então distantíssima Matinhos, só alcançada por transportes precários a partir de Paranaguá onde se dedicava a escaladas e passeios pela mata, naquela época abundante.

Mais tarde, Bigarella relegou a um segundo plano muitas de suas competências originais, ligadas à química para concentrar-se na mineralogia e na pedrologia, o estudo das rochas. E, concentrando sua atenção na investigação científica dos solos e do subsolo, Bigarella abandonou o foco estreito comum nos especialistas para tentar identificar os resultados da interação imprudente entre o homem e a natureza, entre as atividades econômicas e o manejo da base territorial.

Nessa ampliação de escopo, Bigarella demonstra uma de suas características mais marcantes: a atualização teórica pois, enquanto no Brasil os anos sessenta e setenta, as ciências ambientais dava seus primeiros passos, Bigarella já conhecia profundamente o que se pensava e fazia no mundo desenvolvido em relação ao entendimento dos fenômenos naturais e a sua preservação a partir do início dos anos sessenta. A aplicação aos problemas e impactos ambientais do que Jan Smuts chamou de enfoque holístico, uma visão abrangente e totalizante não era novidade para ele, ao mesmo tempo em que sua utilização se expandia no mundo desenvolvido.

Aplicando essa visão integrada aos movimentos de terra, aos deslizamentos e às avalanches, Bigarella demonstrou que eles não podem ser compreendidos nem evitados senão em conjunto com outros processos como o desmatamento desordenado, a alteração do microclima e dos regimes hídricos provocados pela ocupação e manejo desordenado da base de recursos naturais.

Desde cedo, Bigarella entendeu que é impossível estudar e compreender a natureza e sua capacidade de regeneração e preservação se não estudarmos antes e também os processos humanos de sua ocupação e exploração. Isso, que hoje soa óbvio à luz de novas teorias de investigação científica como a Teoria da Complexidade, nada tinha de óbvio nos anos setenta quando prevalecia em nosso país a filosofia de desenvolvimento a qualquer custo.

Antes, o trabalho com Reinhardt Maack certamente lhe abria os olhos para a extensão dos danos ao solo do Paraná pela erosão na região do Arenito Caiuá, uma área que - em nosso estado - atinge 1/3 do território, na sua porção noroeste. A partir de 1970, o trabalho de alerta de Bigarella encontrou grande ressonância quando denunciou os riscos do desmatamento e da movimentação imprudente de terras na porção paranaense da Serra do Mar para a construção da

BR-277, a ligação rodoviária entre Paranaguá e o litoral com Curitiba, alertas infelizmente confirmados pela recorrência de deslizamentos e movimentações abruptas de solo ao longo dos últimos quarenta anos.

Assim, a preocupação ambientalista de nosso ingressante estava sincronizada com o aumento da consciência ambientalista no mundo desenvolvido, a partir dos anos sessenta com a publicação do livro de Raquel Carson, *Primavera Silenciosa* em 1962, denunciando os efeitos dos pesticidas sobre a fauna, que teve tal impacto que levou a proibição do DDT nos Estados Unidos e no mundo todo em poucos anos. Sincronizada com a realização do primeiro Dia da Terra nos Estados Unidos, um protesto nacional em relação à ignorância ambiental, que reuniu 20 milhões de pessoas em milhares de celebrações paralelas país a fora.

E também sincronizada com a publicação nos anos setenta dos estudos do Clube de Roma que resultaram no estudo "Limites do Crescimento", no qual Donella Meadows, Dennis Meadows e outros co-autores alertavam para o descompasso entre a disponibilidade de recursos naturais não-renováveis e a demanda desses recursos por parte do formidável aparato econômico mundial associado ao crescimento populacional, o que colocava em risco a sobrevivência do planeta a médio prazo.

Porém, entre nós, o caminho de conscientização foi muito mais longo pois continuava a prevalecer nos meios oficiais a teoria de que nossa principal poluição era a pobreza e que os países desenvolvidos deveriam exportar para o mundo carente de desenvolvimento suas indústrias poluidoras. Essa tolerância foi expressa inclusive nas manifestações da delegação brasileira à Conferência de Estocolmo de 1972, considerada o marco fundamental da criação de uma consciência ambientalista universal.

A resposta ao "apelo" não demorou e como investimento emblemático dessa "página infeliz de nossa história" como classificaria Chico Buarque, os gaúchos foram brindados com uma das maiores

plantas de produção de celulose e papel do planeta, a Boorregard, instalada no Vale do Guaíba, que empestava a região metropolitana de Porto Alegre com odores fétidos, enquanto despejava dejetos tóxicos na calha do rio. O clamor público foi tão intenso e indignado que a partir daí o movimento ambientalista brasileiro ganhou peso e foco.

O compromisso de Bigarella com a geração e difusão do conhecimento para orientar ações concretas e não apenas para enriquecer as biografias dos pesquisadores é um segundo traço admirável de sua trajetória. “A melhor maneira de fazer ciência é a partir da vida, ou ainda da necessidade de responder aos desafios da realidade”, escreveu Guerreiro Ramos. E assim, em 1974, a par de outras atividades públicas, Bigarella, Iris Bigarella, Maria Luiza Merkle e um pequeno grupo de idealistas sonhadores criaram a ADEA- Associação de Defesa e Educação Ambiental, para expressar essa indignação e servir de contraponto a essa passividade tolerante com a degradação ambiental que ainda dominava amplas parcelas do empresariado e do poder público. A ADEA, apesar da modéstia de seus meios e dos apoios recebidos, durante vinte anos foi um canal ativo e agressivo de divulgação das ameaças ao ecossistema de nosso Estado, um rato que rugia e rugia alto.

Aqui, um parêntese: foi então que conheci o Professor Bigarella e Dona Iris. Iniciamos uma relação de amizade profunda já dura quase quarenta anos e continua a crescer. Algumas das reuniões da ADEA eram feitas na Secretaria do Planejamento, meu local de trabalho então e vários de nossos técnicos se filiaram à Associação. Como resultado dessa aproximação, Bigarella e uma equipe da Universidade Federal do Paraná produziram, por contrato com a Secretaria, os primeiros estudos destinados à criação do Parque Marumbi, resultando no tombamento da Serra do Mar em 1979 e na criação do Parque Estadual Pico do Marumbi.

Mas isso é história e progressivamente, a luta que mobilizou Bigarella como de resto mobilizou camadas crescentes do pensamento

desenvolvimentista no nosso país foi vitoriosa. Uma forte conscientização dos riscos ambientais ambiental se instalou solidamente no Brasil, acompanhada ou seguida de uma legislação poderosa e de políticas públicas preocupadas com a implantação de práticas responsáveis e socioambientalmente sustentáveis.

No entanto, os desafios não cessaram; talvez sejam apenas diferentes, envolvendo a própria essência dos processos econômicos: o crescimento populacional - embora menor do que o prognosticado por Paul Ehrlich no seu clássico, A Bomba Populacional continua a pressionar a base de recursos naturais do planeta; as necessidades e expectativas de grandes contingentes populacionais como a China e a Índia, agora mais afluentes, obrigarão à multiplicação de bens e serviços em escala inédita, cujos efeitos nocivos sobre o meio ambiente são facilmente quantificáveis. As questões do lixo, da poluição aérea e da poluição hídrica continuarão a fazer parte da agenda preferencial dos políticos, estadistas e cientistas do mundo todo.

Considerando a contribuição dada por João José Bigarella em sessenta anos de carreira, ele poderia tranquilamente dizer como o apóstolo Paulo: “combati o bom combate, acabei a corrida, guardei a fé!”. Seu espírito inquieto não lhe permite porém essa vilegiatura. Aos noventa anos, está envolvido com toda energia e vigor em um projeto irretocável em termos de relevância, oportunidade e utilidade científica, acadêmica e pública: a materialização do Museu Geológico e Arqueológico de Vila Velha, para colocar à disposição de estudiosos de todas as idades e procedências, o conhecimento a respeito dos quatro milhões de anos de evolução geológica daquele conjunto rochoso. Projeto esse que, apesar dos elogios unânimes dos meios científicos, luta contra a insensibilidade e a falta do senso de urgência das burocracias mais variadas. A luta pela instalação do Museu de Vila Velha, que mobiliza suas atenções e guia seus esforços, demonstra um terceiro traço de seu caráter: a impaciência obstinada. Sua alma não está pronta para dizer o que disse Paulo e sim

está mais afinada com o Engenhoso Fidalgo Don Quixote de la Mancha a quem esperam muitos monstros e moinhos de vento antes de encerrar sua fulgurante carreira.

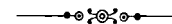
Em 05 de março de 2013



A PALAVRA DO NOVO ACADÊMICO

Tenho a honra de conceder a palavra ao Acadêmico João José Bigarella, que muito honra esta Academia.

DISCURSO DE POSSE



João José Bigarella

Preclaro Presidente da Academia Paranaense de Letras
Dr. Eduardo Rocha Virmond

Demais integrantes da mesa, já nominados,
Prezados confrades e confreiras,
Membros da minha família

Senhoras e Senhores convidados

Foi com muita surpresa que recebi a comunicação de que meu nome havia sido proposto para a cadeira número 22, a qual tem como patrono o Monsenhor Manoel Vicente Montepeliciano da Silva, sendo seu fundador o Bispo Dom Alberto José Gonçalves e que ficou vaga pelo falecimento de seu titular, Professor Metry Bacila, renomado Professor Catedrático de Química Orgânica e Biológica; pelo qual tenho admiração e apreço como colega de atuação no IBPT. Desde o início de sua carreira sempre demonstrou grande vocação pelo estudo e pesquisa, dedicando-se principalmente à Bioquímica. No final da década de 40 instalou o serviço de Química Biológica no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, e mais tarde introduziu a disciplina de Bioquímica na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná. Em 1978 coordenou a implantação do Centro de Biologia Marinha que vem

realizando trabalhos de grande relevância em Pontal do Sul no litoral paranaense. Participou intensivamente do Programa Antártico Brasileiro em diversas expedições científicas ao Continente Antártico.

Menciono igualmente com respeito e admiração o primeiro ocupante Professor Carlos Stellfeld que conheci em atividades universitárias e quando participava das excursões do Museu Paranaense.

Sinto-me extremamente honrado em fazer parte desta Academia que engloba tantos nomes destacados nas Artes, Ciência e Literatura.

Algumas breves considerações sobre minhas origens.

Três de meus avós vieram do império Austro-Húngaro, no século XIX.

Meu trisavô Anton Schaffer imigrou da Morávia tendo chegado a Curitiba em 1856. Em 1863 chegaram meu bisavô Johann Schaffer e meu avô de apenas três anos de idade. Instalaram-se no Pilarzinho onde atualmente se situa o Jardim Schaffer, na época ainda muito distante da cidade. Na impossibilidade de enviar os filhos para a escola, a família contratava professores vindos da Alemanha para lecionar em casa.

Meu avô Johann Schaffer Jr. estabeleceu-se na região do atual Bom Retiro, mais próximo à cidade. Minha mãe Ottília, sua filha, nascida em 1901 inicialmente teve aulas em casa e mais tarde no Colégio Divina Providência onde aprendeu além do alemão, o português sendo fluente em ambas as línguas.

Minha primeira língua, por isso, foi o alemão que minha mãe falava comigo; eu respondia em português. Para fazer a escola primária eu fui matriculado no Colégio Divina Providência, onde parcialmente fui alfabetizado em alemão. Aprendi a ler e escrever textos em gótico o que foi de grande valor para minha carreira, pois nas bibliotecas européias consegui obter informações valiosas para meus trabalhos científicos.

Meus bisavós paternos também eram Austro-Húngaros procedentes do Tirol Meridional. Minha avó paterna nasceu em Castel Tessino nos Alpes. Em casa falava trentino enquanto meu avô, nascido em Bolzano Vicentino falava vêneto e italiano.

Assim, minha infância foi quase uma babel de línguas. Na escola os colegas caçoavam pois eu não conseguia pronunciar o “r”. Ainda no começo da década de cinquenta, quando passei a contribuir em cursos de formação de geólogos em várias universidades do Brasil chegaram a perguntar de que país eu era... Mas fui melhorando gradualmente.

Cursei o ginásio no Instituto Santa Maria e sou muito grato aos excelentes professores que estimularam meu interesse pelas ciências abrindo um amplo horizonte de possibilidades.

Concluí os cursos de Ciências Químicas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná em 1943, em seguida o curso de Química Industrial e de Engenharia Química. Tornei-me Professor Catedrático de Mineralogia e Geologia Econômica em 1956, recebendo também o título de Doutor em Ciências Físicas e Químicas.

Iniciei minha carreira de professor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná, em 1949, prelecionando mineralogia e petrografia. Adotei uma didática muito apreciada que atrai com desenhos e imagens mantendo o aluno atento como se ele pudesse vislumbrar cenas do campo. O aluno que se destacava, convidava para estagiar no Laboratório de Sedimentologia. Muitos tornaram-se professores universitários, entre eles, José Henrique Popp, Rubens Viana e Rosemari Dora Becker, além de outros.

Em 1944 fui nomeado assistente voluntário do Museu paranaense. Nas excursões de campo, principalmente no litoral paranaense, participavam pesquisadores de outras instituições, entre elas, a Universidade de São Paulo. Nesta época aprendi indiretamente a metodologia da pesquisa científica, assunto que não era ensinado na faculdade.

Sou muito grato ao museu porque constituiu para mim uma verdadeira escola estimulando meu fascínio pela pesquisa.

Numa das excursões no litoral paranaense em junho de 1944, conheci minha esposa Iris, que me auxiliou e incentivou, com muita paciência e tolerância pelas minhas andanças mundo afora, em pesquisas geológicas em quatro continentes.

A partir de 1969 recebi vários convites para realizar trabalhos de campo no Continente africano (África do Sul, Namíbia, Angola, Nigéria e Argélia) fundamentados na problemática da migração dos continentes. Outra proposta de trabalho partiu do Instituto Argeliano-francês de petróleo e me proporcionou, acompanhado de geólogos de vários países, uma visita importante ao fascinante deserto do Saara, esclarecedor de muitos problemas ligados à mudanças climáticas pretéritas e atuais.

Em 1974 fui convidado a participar do Programa Internacional de Correlação Geológica da UNESCO e União Internacional de Ciências Geológicas, onde permaneci por 4 anos.

Quando comecei a trabalhar na Divisão de Geologia e Mineralogia no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), a minha primeira missão foi de prospectar matéria prima para a indústria mineral: cerâmica e cimento, além de outros trabalhos de campo. Fascinado pelos resultados, senti a necessidade de divulga-los nos arquivos de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. No início tinha muita dificuldade em redigir os textos. Porém, com persistência, essa dificuldade desapareceu como num golpe de mágica. Outro problema que me atormenta até hoje é a ortografia. Quando aprendi a escrever fósforo usava-se dois “ph” e assim por diante. Já familiarizado com a última, me sinto derrotado com a nova.

Minha dificuldade inicial para escrever desapareceu e me tornei um escritor ativo tendo publicado cerca de 230 trabalhos científicos (muitos com colaboradores) editados na Europa, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Rússia e Brasil. Escrevi também alguns livros de interesse geral, usando, a mesma técnica de pesquisa ampla e profunda.

Fui editor das revistas do Instituto de Geologia nas décadas de 50, 60 e 70 e também pertenci ao corpo editorial de revistas na Holanda e Alemanha.

Durante essas andanças na natureza, as rochas não conversavam comigo e eu teria que me tornar um quiromante capaz de ler e interpretar as linhas da grande mão da terra (como escreveu José Carlos Fernandes na Gazeta do Povo). Queria entendê-las, levar ao papel o que elas me

diziam e escrever sobre o seu significado; e assim fui me tornando um “escritor”, por assim dizer, da história do passado da Terra.

No começo foi um aprendizado árduo, que foi se aperfeiçoando com o tempo e intensificado consideravelmente quando recebi uma bolsa de pesquisa da John Simom Guggenheim Memorial Foundation nos Estados Unidos. Durante minha permanência de mais de um ano nesse país, aprimorei a minha técnica de interpretar as “linhas” apresentadas nos cortes de estradas, afloramentos e quando necessário, em trincheiras abertas nos sedimentos arenosos.

Esses conceitos possibilitaram conhecer de forma ampliada os processos vigentes nas bacias de sedimentação, bem como, as condições climáticas da área de procedência dos sedimentos.

Este tipo de pesquisa permite identificar o que aconteceu há muitos milhões de anos, o ambiente da época, os seres vivos, o clima...

Conhecendo o passado fiquei profundamente alarmado com a ganância do ser humano capaz de alterar gravemente o ambiente em que vive e interage. Essa preocupação despertou um intenso interesse ambientalista e uma grande inquietação que me levou a expor em pesquisas, palestras e publicações científicas, os malefícios da destruição generalizada das florestas, erosão do solo, poluição dos cursos de água, da vegetação dos manguezais, e outros severos danos à natureza.

Não estou satisfeito, porque temo que estou perdendo essa guerra. Como será o futuro dos nossos descendentes?

A partir dos cortes de estradas passamos a entender melhor os processos ambientais e promover a conscientização junto ao poder público. Com a colaboração da ACARPA, atual EMATER, visitamos as áreas com problemas de erosão, contribuindo para a instalação das microbacias com técnicas conservacionistas.

Em muitos municípios, principalmente no terceiro planalto, realizamos palestras em escolas, associações e prefeituras, normalmente com ausência do prefeito, que deveria estar presente para conhecer melhor a problemática dos fatores ambientais do município. No caso

das voçorocas pesquisamos seu interior, obtendo informações sobre os processos envolvidos. Desse modo, criticamos a implantação das obras de contenção que, depois de construídas, desaparecem em pouco tempo...

Na década de 70, com a destruição das florestas nativas do interior, algumas madeireiras quiseram se instalar no sopé da Serra do Mar para retirada de árvores. Levantamos a voz mencionando que esse desmatamento exporia o solo à erosão e ao entulhamento dos canais de navegação na Baía de Paranaguá inviabilizando o Porto.

Trabalhos anteriores com nossa equipe mostraram a fragilidade do ecossistema da baía e seus entornos. Comunicamos os resultados ao Governo Militar que impediu a instalação de serrarias, dessa forma, salvando o Porto.

Com o apoio do Secretário de Estado do Planejamento Prof. Belmiro Valverde Jobim Castor publicamos em 1978 um livro intitulado “A Serra do Mar e a Porção Oriental do Estado do Paraná. Um problema de Segurança Ambiental e Nacional.”

Por muitos anos a Serra do Mar foi preservada. Porém, infelizmente há vários anos atrás recomeçou o desmatamento e a construção de casas em áreas de altíssimo risco, deixando as encostas desprotegidas! Alertamos o Instituto Ambiental do Paraná, a Secretaria do Meio Ambiente e o IBAMA. Falamos em vão. Seriam eles responsabilizados por graves desastres ambientais e suas conseqüências? Atualmente os detritos descem a serra em direção aos canais de navegação. Haja dragagem!...

Na Universidade Federal do Paraná na década de 50 foi instalado o Instituto de Geologia no 11º andar do Edifício da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde montamos o laboratório de sedimentologia. Demos início a uma biblioteca e um centro de documentação reunindo publicações de vários países do mundo ocidental, bem como, União Soviética, China

e Polônia, além da Índia, Austrália e Japão que permutávamos com nossas publicações editadas em inglês. Posteriormente esse acervo foi transferido para a Biblioteca Central. Lamentavelmente a bibliotecária desconhecia o sentido de um centro de documentação existente em outras Universidades do exterior, adotando uma política retrógrada. Não compreendeu o seu significado. Publicações que não eram consultadas em 5 ou 10 anos eram descartadas como papel velho, incluindo também, as antigas publicações do Instituto de Geologia e de outras faculdades!

Desse modo, as antigas publicações deste Instituto tem que ser consultadas em bibliotecas do exterior, o que muito entristece, pois fui editor delas durante a fase áurea da Universidade.

Atualmente sou procurado com freqüência por estudantes de pós-graduação (mestrado ou doutorado) que solicitam orientação e comentários. Começo pela bibliografia e critico a ausência da citação de trabalhos pertinentes ao assunto. Justificam que o professor diz que os trabalhos antigos são ultrapassados. Lamento também que em dez anos suas publicações estejam nessas condições e jogadas no lixo!

Prelecionei cursos breves em universidades dos Estados Unidos, Alemanha e Argentina e proferi muitas palestras em universidades do exterior. Duas delas me impressionaram. Na Universidade Norte em Mumbai pela atenção respeitosa dos ouvintes como se estivéssemos em um grande templo.

Na Universidade de Ibadan na Nigéria fiquei admirado pelo comportamento e polidez dos estudantes. Todos com uniforme branco, levantaram-se quando entrei na sala e pedi para sentarem. Atentos, ninguém entrou ou saiu antes do término. No trabalho de campo foram impecáveis.

Convidado pelo Instituto de Ecotécnica da Inglaterra e Estados Unidos na década de 80 para proferir duas conferências na reunião dos países do sudeste Asiático e da Oceania, uma em Penang na Malásia

sobre a fragilidade das selvas e outra sobre aridificação em Perth na Austrália.

No auditório estava presente um Ministro do Governo. Falei sobre a problemática geral do semi-árido no sudoeste americano, na caatinga do nordeste brasileiro e no semi-árido africano.

Na Austrália havia um projeto para incrementar a área de pastoreio. Os criadores de ovelha estavam aumentando as pastagens com a derrubada dos eucaliptais (tipo de savana) o que contribuiria para aumentar a semiaridez e rebaixar o nível do lençol freático. Terminada a conferência, o Ministro fez numerosas perguntas e, fora do auditório, ainda conversamos. Os eucaliptais foram preservados...

A pedido de pesquisadores australianos, enviamos um ofício ao Governo do País solicitando a criação de um parque de Araucárias que estavam sendo indiscriminadamente devastadas.

Partindo dos madeireiros recebemos cartas de protesto referindo que não deveria me meter em assuntos internos do país. Entretanto, o parque e a proteção das Araucárias tornou-se realidade, o que até hoje não aconteceu entre nós.

A partir dos anos 50 comecei a trabalhar intensivamente no campo, o que é fundamental para todo geólogo que quer desvendar a história da Terra. Foram meses e anos de pesquisas nas mais precárias condições imagináveis num país ainda não desbravado, com estradas e alojamentos dos mais primitivos.

Entre os dedicados colegas de pesquisa menciono especialmente o Prof. Riad Salamuni. Suportamos juntos longas excursões de campo desde Patos de Minas (MG) até Taquarembó no Uruguai. Quando a UFPR não dispunha de um “jeep” seguíamos de ônibus e depois pedíamos carona a caminhoneiros que nos deixavam no local de trabalho. Na estrada, sob sol escaldante ou chuvas torrenciais, aguardávamos o próximo caminhão para levar-nos a outro local de pesquisa. Durante dias e semanas, para pernoite muitas vezes éramos acolhidos por humildes moradores locais

ou então, pernoitávamos em estrebarias. Para economizar os recursos recebidos do antigo Conselho de Pesquisa da Universidade, nunca usamos hotéis; procurávamos as pensões mais baratas, defendendo-nos de aranhas, mosquitos, pulgas e percevejos com DDT e BHC, cujos malefícios eram desconhecidos.

Muitas e longas caminhadas a pé ou no lombo de muare... O sacrifício valeu. Conseguimos projetar as Geociências da UFPR no cenário internacional. Muitos pesquisadores estrangeiros nos visitaram para conhecer os avanços aqui conseguidos.

Destaco igualmente a participação dos Professores Aziz Nacib Ab'Sáber, Gilberto Osório de Andrade, Regina Mousinho de Méis e Jorge Xavier da Silva de várias universidades congêneres.

Mais tarde, inspirado pelo meu decisivo estágio no Museu Paranaense, procurei montar museus; de início na Reserva Biológica Cambuí junto o Rio Iguaçu na Av. das Torres e mantido pela Associação de Defesa e Educação Ambiental (ADEA) e, posteriormente, na Universidade Estadual de Guarapuava no Parque Municipal. Durante minhas viagens de pesquisa no exterior, visitei cerca de 350 museus diferentes, desde o mais humilde ao mais sofisticado.

Imaginei então, criar no espaço muito oportuno da região de Vila Velha no Paraná, um Museu de concepção mais completa, não um mero amontoado de amostras. Seria como um grande livro em cujas páginas pudéssemos caminhar e ler a história da Terra. Grandes cenários demonstrando gradativamente a evolução, desde a formação dos oceanos, os primeiros vestígios de vida e, acompanhando esta evolução, chegar aos Arenitos de Vila Velha. Continuando, assistimos à formação de florestas, o intenso vulcanismo, seguido por um enorme deserto de areia, até chegarmos aos dias atuais.

Um museu que não apenas informasse turistas, mas principalmente estudantes, seja do ensino médio e do ensino universitário, utilizando uma tecnologia renovadora de grande impacto na educação.

Com o apoio do Governo do Estado foi construído um grande prédio de 3.700m² e, com recursos obtidos através da Lei Rouanet, conseguimos angariar 800.000 reais para elaboração do banco de dados e construção de toda estrutura metálica. Esta abrigaria os cenários de grande porte, bem como todos os vidros ondulantes.

Infelizmente, problemas burocráticos inviabilizaram a captação de três milhões de Reais, já prometidos, para a montagem de todos os cenários a serem localizados em três módulos do prédio.

Posso assegurar que este Museu será inédito no mundo e de grande valor para a educação e o turismo no Parque de Vila Velha.

Seria desejável que as autoridades do Estado tomem consciência da importância deste projeto para a Educação.

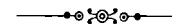
Terminando, agradeço comovido a atenção desta douta mesa e de todos os queridos convidados.



A PALAVRA DO PRESIDENTE DR. EDUARDO VIRMOND

Agradeço a presença de todos os presentes, inclusive dos acadêmicos que valorizaram esta posse, declaro encerrada a sessão.

DISCURSO DE INTRODUÇÃO - POSSE DARCI PIANA



Darci Piana, Mestre Construtor

Tenho o prazer e a honra de dizer, nesta sessão solene, algumas palavras sobre a personalidade de Darci Piana, há alguns anos o grande responsável pela maior programação cultural do Paraná, através da Fecomercio, SESC e SENAC.

O trabalho dessas duas organizações abrangem o Paraná inteiro. Em várias cidades do Paraná está lá ou o SESC ou o SENAC ou as duas juntas para alimentar a vida cultural, em todos os sentidos que se possa imaginar, mobilizando centenas e até milhares de jovens, principalmente jovens, para esse contínuo trabalho de inteligência, de estímulo ao conhecimento de nosso Brasil, sua história, sua cultura. É um trabalho diuturno, que aparece sem alarde e que estimula as inteligências desses inúmeros participantes.

Por este motivo, Darci Piana foi escolhido e tomará agora posse de uma das cadeiras da Academia, entre as quarenta cadeiras que existem e que agora estão desbravadas e preenchidas.

Mas não será em agradecimento, ou em devolução de gentilezas que o nome de Darci Piana foi lembrado. Reconhecimento não é agradecimento. Poderia se supor que ele foi escolhido pelo que fez à Academia. Ele fez muito porque, quando soube que recebíamos a cessão da Biblioteca que denominamos BIBLIOTECA NORTON MACEDO, Darci

Piana, sabedor de que não tínhamos onde instalá-la, ofereceu duas salas contíguas do SESC da Esquina, onde se encontrará à disposição de todos. Este gesto de nobreza espontânea, de uma grandeza inesperada, surpreendeu-nos a nós acadêmicos, e principalmente a mim, então Presidente, que já estávamos sobremaneira gratos pela concessão de CAIQUE FERRANTE, de toda a Biblioteca e de suas estantes. Tínhamos enfim sede e lugar para ficar.

No primeiro andar do SESC da Esquina, aqui ao lado, está regamente instalada a Biblioteca, sob a direção de competente bibliotecária, ELAINE VOIDELO e ainda sob a administração do SESC da Esquina.

Devo adiantar que ali é o destino da sede da Academia. Não é verdade que Darci Piana representa o estímulo a tudo isso? E que, com a sua consciência crítica e atuante, passa a ser valiosa aquisição da Academia? Ele também representa o que direi a seguir.

Quero por fim acrescentar, de moto próprio, que a Academia sempre terá a missão de defender a liberdade de pensamento. Não há cultura autêntica sem a liberdade de pensamento. A liberdade de palavra, de criação, a liberdade de imprensa, o direito de ir e vir, os direitos enfim dos cidadãos, são corolário da liberdade de pensamento, que, segundo Hegel, é o conhecimento da necessidade – o que abarca toda a humanidade. Por isso estamos irmanados no mesmo propósito e de sermos úteis às nossas famílias, aos nossos amigos, a nossa história, enfim ao nosso País, Brasil.

Eduardo Rocha Virmond

DISCURSO DE SAUDAÇÃO - POSSE DARCI PIANA

Proferido pelo Acadêmico
Ernani Buchmann

Senhoras e senhores.

“Sou Colorado por parte de pai. E mesmo sabendo que tal preferência não se deve às leis da genética, sou pai de um garoto colorado, boca-negra de terceira geração”.

O trecho que acabo de ler foi escrito por mim, em 1985. A publicação da sua versão completa, na forma de desesperado libelo de um torcedor afogado em decepções, levou-me à sala da diretoria do clube, na Vila Capanema. Cheguei ressabiado, saí de lá empossado como diretor de Relações Públicas, pelo então presidente a quem não conhecia. Ali não conhecia ninguém, a não ser pela mídia.

À minha frente, também disposto a ajudar o clube a sair de um atoleiro que parecia interminável, Darci Piana. Não era o presidente, já era um líder.

Gostei das intervenções daquele sujeito de barba grisalha. É de se supor que também tenha gostado das minhas, tanto que a partir do ano seguinte passei a ser convidado para as comemorações do seu aniversário.

Pode parecer algo insignificante, mas não é. Darci Piana nasceu em 24 de dezembro, o que levava os amigos a promover festejos vespertinos em um dia sempre repleto de comemorações noturnas e, é óbvio, natalinas.

A história merece ser contada. Em 24 de dezembro de 1970, ao ½ dia, Piana e seus amigos reuniram-se pela primeira vez, na Confeitaria

Cometa. Ao fim do aperitivo, alguém sugeriu que atravessassem a rua e comprassem, na Livraria Ghignone, um livro para o aniversariante. Todos os convivas assinaram o exemplar.

Começava desta forma prosaica um evento que, desde então, não mais deixou de ocorrer.

Quando passei a frequentar seus aniversários, as reuniões já ocorriam no Bar do Pasquale, no Passeio Público. A partir de 2010, Darci antecipou a festa, para evitar baixas na ceia de Natal. É que alguns chegavam atrasados em casa ou apresentavam-se em parcas condições físicas. O fato é que, agora, comemoramos durante a semana. Sempre autografando um novo livro para se somar àquele primeiro presente simbólico.

Quando, em 1989, a partir de uma ideia de Zeno Otto e Valdomiro Perini, pensou-se em uma fusão que unisse Colorado e Pinheiros, Darci Piana tomou para si a incumbência de viabilizar o projeto. Ao lado de Luiz Carlos Marinoni, Raul e Renato Trombini, Aramis Tissot, Jorge Celestino Buso, Erondi Silvério e alguns outros, o Paraná Clube foi sonho bonito que tomou forma em 19 de dezembro de 1989, com Piana assumindo a presidência do Conselho Deliberativo.

Dois anos depois, seria o segundo presidente do Clube. Ao terminar seu mandato, levava na bagagem, e deixava para a história, a conquista de um campeonato paranaense e o Brasileiro da Série B.

Darci Piana é um idealista determinado que fez do planejamento um dos pilares da sua vida profissional. A restauração do Paço da Liberdade e sua transformação em unidade cultural administrada pelo Sesc Paraná é um exemplo disso. Seu trânsito entre diferentes correntes políticas é notável. A capacidade de trabalho e a criteriosa análise dos detalhes são traços conhecidos por todos os que trabalham com ele.

Aroldo Murá, nosso professor de jornalismo, assim escreveu sobre ele:

“Darci Piana me lembra cavalheiros de um outro Brasil, em que o terno, a gravata, os sapatos lustrados, com um pouco de brilho,

identificavam o cidadão. Muitos usavam chapéus da Ramenzoni ou da Curi. No verão, o passaporte era trajar terno de linho branco.”

Faço parênteses para ressaltar uma curiosidade, coincidência extraordinária: é notável a semelhança física entre Darci Piana e o Coronel Domingos Soares, o primeiro deputado estadual pela região sudoeste ainda na década de 1910, prefeito de Palmas no tempo em que não havia divisas, e por isso mesmo havia guerra, entre 1912 e 1916.

Também é do professor Aroldo a constatação de que para Piana “o lazer prolongado parece soar-lhe meio como espoliação do tempo”.

A determinação já estava presente no jovem que deixou a casa dos pais aos 12 anos, traçando seu caminho em direção ao sudoeste do Paraná. Viver sozinho, estudar, desbravar os campos que o levariam à capital paranaense, foram os passos seguintes.

Nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul, em 24 de dezembro de 1941, filho de Angelo Piana e Augusta Barzotto Piana, é paranaense nas ações e no coração. Casado com Maria José Piana, teve dois filhos: Eduardo Luiz Piana, precocemente falecido, e Patricia Piana, professora universitária, casada com Joaquin Fernandez Presas.

Darci é Economista, formado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Paraná, e Contabilista, pela Faculdade Econômica e Administração da UFPR.

A leitura do seu currículo nos levaria hoje a uma sessão interminável.

Mas vale ressaltar ter sido presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Veículos, Peças e Acessórios no Estado do Paraná (Sincopeças), fundador e primeiro presidente da SINCOURED – Cooperativa de Crédito do Sincopeças/PR, presidente do Conselho do Paranaidade, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae e, desde 2004, é presidente desta casa que hoje nos abriga, a Federação do Comércio do Estado do Paraná, e vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Além de ser conselheiro vitalício do Paraná Clube.

Nosso acadêmico é, também, Cidadão Honorário da Cidade de Curitiba, do Estado do Paraná e das seguintes cidades: São José dos Pinhais, Palmas, Matinhos, Ivaiporã, Cornélio Procópio, Jacarezinho; Pato Branco, Campo Mourão, Apucarana, Maringá e Francisco Beltrão.

Já recebeu dezenas de homenagens, como podemos depreender.

A vida o obrigou a seguir na estrada. Transformou-se em empresário, liderança no setor, presidente do órgão que reúne seis dezenas de sindicatos empresariais paranaenses.

Durante sua trajetória, o Brasil mudou muito. Em vez de seguirmos a reboque das grandes economias globais, passamos a destino de investimentos.

Realidade que Darci Piana analisa em seu livro, *Nos Passos do Comércio*. Ali, mostra que é observador atilado. Sem se arriscar no pantanoso terreno das conjecturas e das previsões, seus textos são verdadeiros manifestos a favor da classe empresarial, denunciando iniquidades, exigindo melhoria na legislação, promovendo os pressupostos que alicerçam a atividade comercial.

Darci Piana, forjado na aridez do meio, sobreviveu às intempéries econômicas que assolaram o país nos últimos 50 anos.

Foi na lida diária com clientes e fornecedores, assim como na direção dos órgãos de classe que sempre fez questão de representar, que moldou a capacidade de liderar e de convencer. De negociar e empreender.

Se é econômico nos elogios, jamais se permitiu ser dominado pela avaréza. É que o termo *econômico* se refere à economia. E tudo na vida profissional de Darci Piana gira em torno deste tema.

Nos Passos do Comércio mostra as alterações do ambiente comercial no período de 2004 a 2012. Mais do que um recorte da atuação do homem e da entidade que representa, este livro é um verdadeiro manual da evolução da atividade. Deve ser lido e, após, consultado sempre que necessário. Assim pelos contemporâneos como pelos pósteros.

O jornalista João Alceu Ribeiro, seu conterrâneo, escreveu sobre a obra: “Darci Piana se posiciona sempre com palavras simples, objetivas e

diretas. Não há qualquer possibilidade de interpretações, porque opinião tem que ser clara e reafirmar conceitos.”

Por conhecê-lo há tempo suficiente, posso adiantar que não veio à Academia para passear. Traz na alma o espírito da terra em que nasceu. Do gaúcho, disse Euclides da Cunha, em contraposição ao sertanejo nordestino:

“O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arrebatadamente na marca do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinam as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistola e a faca, é um vitorioso jovial e forte”.

Dos 203 membros da nossa Academia, entre patronos e acadêmicos, poucos são os nascidos no Rio Grande do Sul. Tivemos o Marechal Bernardino Bormann como um dos patronos, e os acadêmicos Francisco Raitani, Arildo de Albuquerque, Ruy Miranda, Edwino Tempski, Carlos Antunes e Clotilde Germiniani. Nenhum deles chegado ao estado pela rota da migração pelo sudoeste.

A Academia só há pouco tempo voltou-se para o novo Paraná. Ela esteve restrita ao Paraná tradicional, representado por tantos acadêmicos naturais de Paranaguá, Morretes e Antonina, de Curitiba, da Lapa, de Ponta Grossa, de Castro e de Tigabi, e de outros estados e mesmo de além mar e muitos radicados na corte e em São Paulo, mas todos intelectualmente oriundos daquele Paraná que foi emancipado quando era a 10ª Comarca de São Paulo, depois de ter sido a 5ª.

Se hoje já temos Laurentino Gomes, nascido em Maringá e José Vanderlei Resende, no norte pioneiro, nunca tivemos entre nós um escritor londrinense. E tantos existem que podem honrar esta Academia.

O ex-ministro Deni Schwartz, nascido em União da Vitória, mas radicado em Francisco Beltrão, ele que foi o engenheiro-chefe do GETSOP – Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste, órgão que pacificou a região, dando 43 mil títulos de terra a colonos que não tinham um papel

que lhes garantisse a posse do seu pedaço de chão, Deni Schwartz, dia desses, em uma reunião com o também ex-ministro e gaúcho radicado em Beltrão, Euclides Scalco, e o ex-presidente desta Academia Eduardo Rocha Virmond, dizia que os governantes do Paraná precisam conhecer o interior.

Nós, acadêmicos, também olhamos pouco para o interior. Do Sudoeste, por exemplo, só o poeta e patrono Cícero França, natural de Palmas, mas criado longe, em Curitiba, depois radicado na Bahia e em São Paulo, falecido em um hotel em Ponta Grossa em viagem de volta para a casa dos pais, já corroído pela tuberculose.

Assim, Darci Piana passa a ser o segundo representante desse imenso sudoeste que o Paraná tanto demorou a descobrir. Lá não nasceu, mais foi lá que se formou.

Chegou pela rota dos tropeiros, desbravando caminhos até chegar a Curitiba. Aqui segue traçando caminhos. Muitos ainda haverá de traçar no convívio com a Academia, que o recebe como um empreendedor, apto a oferecer a esta entidade sua vocação de defensor da nossa cultura e de nossas instituições, sua determinação e sua capacidade de construir.

Esta capacidade ele tem tido a oportunidade de transformar em visível, em inúmeros setores da vida pelos quais transitou. Inclusive, oferecendo para a nossa Academia Paranaense de Letras, entidade de 76 anos e, ainda assim, uma casa sem casa.

Durante muitos anos, transitamos por endereços provisórios. Ouvimos promessas com os mais variados graus de “sinceridade”, palavra que me permito grafar entre aspas.

Foi preciso que, há pouco menos de dois anos, o presidente Eduardo Virmond viesse a uma reunião na Fecomércio e explanasse a Darci Piana a nossa angústia, expressa na falta permanente de pouso.

Éramos como os indianos retratados por Nelson Rodrigues, aqueles que nasciam e morriam sem ter vivido sob um teto.

Piana não só nos ofereceu um espaço na própria casa que administrava, como garantiu a sede permanente no novo edifício-sede

da Fecomércio, que este ano começará a erigir, aqui ao lado, na própria Rua Augusto Stelfeld.

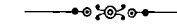
Senhoras e senhores, a generosidade é a maior virtude do ser humano, a mais alta das suas qualificações.

Por tudo isso e por tanto o mais que o Paraná pode esperar deste construtor de futuros, e que, posso garantir, porque sou testemunha, também profundo conhecedor de cada comunidade, cada rincão do nosso estado, é que me foi dada a honra de anunciar:

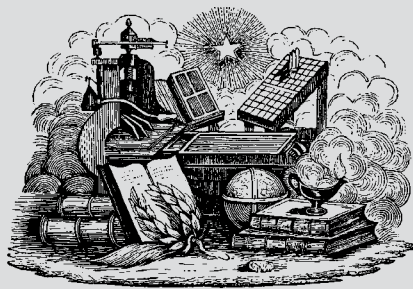
Darci Piana, a Cadeira nº 29 da Academia Paranaense de Letras, agora é sua.

Seja bem-vindo!

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS DISCURSO DE POSSE



Darci Piana



Senhoras e senhores.

Faz muito tempo que Pedro Ribeiro da Santana Vargas resolveu construir uma capela, fundar um povoado, em 1872. Levou à frente seu objetivo, mas não viveu o suficiente para vê-lo terminado. Um acidente o levou aos 33 anos, em Carazinho, Rio Grande do Sul.

Foi ele o fundador da cidade em que nasci, em 24 de dezembro de 1941.

O interessante na história é que Pedro Vargas nasceu em Ponta Grossa, em 9 de novembro de 1844. Era de uma família que havia feito o caminho daqui pra lá, ao inverso do que milhares de outros fizeram anos depois, nos quais me incluo: ou seja, de lá para cá.

Foi este trajeto que me fez cidadão de Palmas, a primeira cidade do sudoeste do Paraná. A cidade mãe de todos os demais 42 municípios do sudoeste paranaense.

Palmas que é município desde 1879, quando o Paraná ia até o Rio Uruguai, na divisa com o Rio Grande do Sul. E não havendo outro município entre Palmas e o Rio Grande, tudo nos pertencia, como conta o jornalista e historiador Ivo Pegoraro.

Palmas que José Ferreira de Almeida e Pedro Siqueira Cortes palmilharam e dominaram já nos anos trinta do século XIX.

Palmas que quase deixou de ser parte do Brasil, não fosse a brilhante atuação do Barão do Rio Branco e do General Dionísio Cerqueira na defesa do território brasileiro, vencendo a disputa com a Argentina pela decisão do presidente norte-americano Grover Cleveland, em 1895.

A cidade que deu ao Sudoeste o seu primeiro deputado estadual, o coronel Domingos Soares, depois prefeito no início nos tempos difíceis da Guerra do Contestado.

Em meus tempos de rapaz, andando pelos campos da região, mais de uma vez à beira de um riacho uma pequena cruz, compondo um oratório a Frei São João Maria.

Eram os ecos de uma guerra que matou milhares de brasileiros irmãos, terminando por dividir politicamente uma terra que a geografia sempre manteve unida.

É por isso, com orgulho, que saúdo o atual prefeito de Palmas, meu amigo João de Oliveira, que infelizmente não pôde estar aqui presente.

Ali fui morar com minha irmã, depois de deixar para trás a família no Rio Grande do Sul, as conversas com os nonos em dialeto do vêneto, e também o colégio de freiras em Machadinho, onde morávamos à época.

Aos 13 anos, já morava sozinho em um hotel, no qual trabalhava, para poder sustentar também os estudos.

Fui “adotado” pela família Giotto, o que me permitiu incorporar um casal de pais adotivos e mais alguns irmãos, com os quais ainda hoje mantenho o melhor relacionamento, dos quais aqui hoje estão Walmor e Wilson Giotto.

Comecei vendendo portas e janelas na firma Schenatto e Cia., lá mesmo em Palmas. Cursei o ginásio e científico no Colégio Leonel Franca e lá servi o Exército, no antigo 2º Esquadrão Independente de Cavalaria, como o Cabo de nº 94.

Cheguei a Curitiba em 1963, o ano do grande incêndio que consumiu grande parte das reservas florestais do Paraná, levando consigo uma centena de vítimas e deixando a natureza marcada para sempre.

Naquele ano de fogo, comecei a preparar minha vida acadêmica, depois consolidada com os cursos de Economia na FAE e Ciências Contábeis na nossa querida, e centenária, Universidade Federal do Paraná.

Foi em Curitiba que fiz minha vida profissional e criei, ao lado de Maria José, a vida pessoal. Aqui nasceram meus dois filhos, Eduardo,

uma saudade que não nos deixa, e Patrícia, que aqui conheceu seu marido, Joaquin.

Em Curitiba, segui construindo minha história.

Os diversos cargos que tive a oportunidade de assumir e que, cada qual a seu tempo, me ajudaram a consolidar este trajeto em que fui fazendo amigos, surgiram naturalmente.

Do primeiro emprego na Fornecedora de Acessórios S/A, hoje FASA; da minha primeira empresa, Representações Comerciais Piana, hoje Rewago Representações Comerciais; da DP Distribuidora, da DASA – Distribuidora de Peças e Motores Ltda; da Cepevil e de outras ao envolvimento público na superintendência da Companhia de Financiamento da Produção e à presidência do Paraná Clube, da direção do Sincopeças à presidência da Fecomércio.

Aqui, nesta função que exerço com orgulho há nove anos, tenho tido a ventura de realizar obras que não só justificam toda a minha trajetória, mas que demonstram a grandeza do empresariado do comércio paranaense, ao trabalhar pelo crescimento da atividade econômica, pela revitalização de seus espaços comerciais e pela preservação da sua cultura.

Estes são pressupostos da entidade que presido. Mas sua consecução representa também vitórias pessoais.

A restauração do Paço da Liberdade, a antiga sede da Prefeitura Municipal, mandado construir pelo prefeito Cândido de Abreu, em 1914, sobre o Mercado Municipal que até então funcionava no local.

O prédio envelheceu, deixou de ser utilizado, até que o Sesc assumiu a responsabilidade pela sua restauração, por meio de concessão do poder público municipal. Assim é que, em 29 de março de 2008, o Sistema Fecomércio Sesc e Senac entregaram aquele monumento do patrimônio curitibano para a população paranaense, como unidade cultural do Sesc, abrigando também um Café Escola do Senac.

O projeto de restauração não se encerrou aí. A revitalização daquela área, à época degradada, foi promovida pela Fecomércio, em uma ação pioneira no Brasil.

Contando com parcerias como a do Sebrae, que em conjunto com a Fecomércio ofereceu cursos de gestão comercial para os empresários da região; do Banco do Brasil, ao abrir linhas de crédito com juros subsidiados para os comerciantes ali instalados; do próprio Senac, qualificando os comerciários; e da Prefeitura Municipal, oferecendo benefícios no IPTU a quem se integrasse no projeto, além de realizar intervenções que ajudaram a revigorar toda a área no entorno do Paço, a iniciativa se mostrou tão bem sucedida que passou a ser copiada em todo o país.

Foi um primeiro passo, seguido por outro de importância similar: a restauração do antigo Cadeião de Londrina, prédio histórico da cidade localizado na Rua Sergipe, já está em obras, para ser transformado em um centro cultural administrado também pelo Sesc.

O Senac tem, igualmente, encampado projetos na área cultural. Vale destacar a edição dos livros *Pinhão Indígena – a Culinária do Paraná*, de Helena Menezes; *Polenta e Cia*, de Elsa Maria Vieira de Souza e Célia Maria de Moraes Dias; e, ano passado, a obra da cara amiga Niroá Ribeiro Glaser, *Famílias do Velho Mundo no Comércio do Paraná*.

A mais recente iniciativa do Senac na área cultural é também um projeto inédito: a concretização na forma culinária do livro *Café com Mistura*, de autoria da escritora lapiana Maria Thereza Britto de Lacerda, transformando em pratos para degustação aquilo que a autora relatou literariamente.

Além disso, o Sistema Fecomércio Sesc Senac Paraná tem feito um trabalho incansável de resgatar nossa cultura, que vem, infelizmente, se perdendo em todas as regiões do estado. O levantamento cultural abrange todos os municípios paranaenses, de forma que se possa apoiar, orientar, motivar e fomentar esse patrimônio que é de cada comunidade e de todo o Paraná.

O objetivo é que expressões artísticas que estão esquecidas ou sem apoio possam ter oportunidade de continuar a enriquecer nossa cultura. Exemplos disso são os Fandango do Litoral, a Cavalhada da Lapa, os festejos juninos que animaram nossos antepassados e que devem voltar

a serem fruídos pela população. Afinal, são expressões que ressaltam e elevam o caráter paranaense e mantêm viva a nossa memória.

Mas não posso e não devo esquecer que não cheguei até aqui apenas pelo esforço pessoal. Deveu-se, em grande medida, ao que herdei de meus pais, ao apoio dos amigos, dos colaboradores e, principalmente, à mão amiga, ao companheirismo, ao apoio integral nas horas difíceis, ao conforto do amor e ao carinho que sempre recebi e recebo da minha amada esposa Maria José, companheira incansável de todas as horas.

E também ao orgulho dos filhos que tenho: Eduardo, que já não está mais conosco, e Patrícia, que orgulharia qualquer pai com sua tenacidade e vontade de vencer, além do genro Joaquin, que também é um filho que Maria José e eu adotamos.

Não posso deixar de lembrar do jornalista João Alceu Júlio Ribeiro, que durante tanto tempo dirigiu o departamento de jornalismo da Fecomércio. Desde que assumi a presidência, esteve ao meu lado, prestando sua valiosa assessoria em tempo integral. Foi ele o responsável por abrir as portas dos órgãos de comunicação para o Sistema Fecomércio e para seu presidente, assim como foi dele a concepção do meu livro “Nos passos do Comércio”. Sem o trabalho de João Alceu nosso jornalismo não teria chegado aonde chegou.

As belas palavras de saudação proferidas há pouco pelo amigo e agora confrade Ernani Buchmann, às quais emocionado agradeço, me fizeram rememorar um pouco de minha história e trajetória até esta Academia Paranaense de Letras, na qual fui tão bem recepcionado pelo ex-presidente Eduardo Rocha Virmond e pela recém empossada presidente Chloris Casagrande Justen.

Chegar à Academia Paranaense de Letras é, portanto, a realização de uma vida dedicada ao fazer.

Nesta casa, do Sudoeste, em toda a história, apenas um representante, meu conterrâneo de coração: Cícero França, nascido em Palmas em 1884 e falecido em Ponta Grossa em 1908, poeta boêmio, levado pela tuberculose aos 24 anos, autor de apenas um livro.

Leônidas Barros, poeta, é o patrono desta Cadeira nº 29, que agora tenho a honra de ocupar. Filho de Fernandes de Barros, foi alto funcionário do Banco do Brasil, o que o levou para o Rio de Janeiro, mas não afastou das raízes. Também deixou um único livro publicado, *Ascensão*.

A Cadeira teve outro poeta, Adolpho Werneck, como Fundador. Dele, merece citação o poema que dedicou a Morretes, sua terra Natal:

*“Morretes, meu torrão, solo fértil
Regado pelo manso Nhundiaquara
Terra em que os olhos eu abri ao mundo
Ao calor de dezembro, em tarde clara”.*

Como Adolpho Werneck, também abri os olhos ao mundo em um dia de dezembro.

O primeiro ocupante da Cadeira nº 29 foi o curitibano Alcindo Lima, igualmente poeta, cronista, dramaturgo, que escreveu:

*“Há uma coisa qualquer por esse mundo afora
Um ideal, talvez, que é novo para mim”.*

Não posso deixar de ressaltar a coincidência com o fato de que, também para mim, havia um ideal, algo novo, a ser perseguido pela vida afora.

Coelho Júnior foi o segundo ocupante da Cadeira. Viveu em São Paulo e no Rio de Janeiro até voltar ao Paraná. Tronou-se um bandeirante, como escreveu Wilson Bóia, tendo percorrido milhares de quilômetros a pé, a cavalo, de canoa, com o teodolito em punho, a medir e a demarcar terras. Sobre essas aventuras, escreveu *Perfis e Panoramas* e, mais tarde, *Pelas Selvas e Rios do Paraná*.

O paranaense de Mallet, Ladislau Romanowski, ocupou a Cadeira 29 a seguir. Foi um autor fértil, que trabalhou tanto com a literatura infantil como com o romance. Deixou uma obra vasta, na qual se destaca

o livro *O Ciúme da Morte*, vencedor do prêmio Raul Pompéia da Academia Brasileira de Letras, em 1945.

Romanowski foi sucedido pela poeta ponta-grossense Leonilda Justus, minha antecessora direta, a quinta mulher a assumir uma cadeira na nossa Academia, depois de Pompília Lopes dos Santos, Helena Kolody, Chloris Justen e Adélia Woellner.

Semana passada completou um ano que perdemos Leonilda, falecida na sua Ponta Grossa em 18 de março de 2012. Era uma pessoa dinâmica, participando de antologias e coletâneas. Fez parte de diversas instituições culturais, em Ponta Grossa e em Curitiba. Sua coluna *Hipocrene*, no *Jornal da Manhã*, foi publicada durante décadas, sempre com um público fiel.

Jamais deixou de cantar a cidade do seu coração, como neste poema:

*PONTA GROSSA,
flor e cor surpreendendo a cada esquina,
é roda de união e amor
que a vida alegre e ilumina!*

Aos amigos, mandava correspondências seladas com versos, pequenas quadras que mandava imprimir com cola no verso. Graças ao trabalho e a sua inspiração, foi fundada a Academia de Letras dos Campos Gerais.

Nos últimos anos, após a perda de um filho e do marido, Leonilda Justus perdeu o gosto pela vida. Seus poemas refletiam a tristeza da solidão:

*“A quem tu cantas, ó meu sabiá, naquelas horas em que a nostalgia,
a companheira que me faz chorar?
Quem sabe para mim... Será? Será?...
Sim... pode ser o amigo na poesia do entardecer, ansiando me inspirar...”*

Cara Leonilda, não sei cantar, mas tentarei ser, na memória, o amigo almejado.

Como você, também tratarei de levar adiante a tarefa de preservar a nossa cultura.

Quem sabe, eu possa, aqui na Academia, assim como você, orgulhar os seus antecessores.

Muito obrigado.

Em 25 de março de 2013



A PALAVRA DA PRESIDENTE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN

Agradeço a presença de todos os presentes, inclusive dos acadêmicos que valorizaram esta posse, e declaro encerrada a sessão.

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE PELA PRESIDENTE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN AO ACADÊMICO GUIDO VIARO

EM 4 DE ABRIL DE 2013



A solenidade de posse das academias de letras está envolvida em tantos significados, que pode ser considerada um dos importantes acontecimentos culturais das sociedades em permanentes transformações.

E a nossa Academia Paranaense de Letras, seguindo as linhas mestras da Academia Brasileira de Letras, é um dos especiais expoentes dessas associações de caráter ímpar.

A Academia Brasileira de Letras, com sua fundação em 1936, foi instalada aos moldes da Academia Francesa, de 1635.

Nessas condições, nossa Academia é um elo de incontestável responsabilidade entre a manutenção dos valores culturais do passado e as projeções visionárias do futuro. Seu característico processo de imortalidade se instala na sequência institucional entre os ocupantes das cadeiras patronímicas. Daí, cada novo ocupante apresentar em público a notoriedade dos seus antecessores.

Fundada sete anos após a Proclamação de República, a Academia Brasileira de Letras reuniu escritores monarquistas e republicanos sob um mesmo objetivo: conservar e promover a cultura da língua e da literatura nacionais, deixando-nos o legado de ser, a nação, mais forte que as propostas políticas divisionárias. Igualmente é dela, da Academia

Brasileira de Letras, a lição de integrar entre os seus membros, chamados imortais, destacados homens públicos, cuja representatividade maior dos valores sociais e culturais se apresenta como de inquestionável importância para a comunidade e para a formação da cultura nacional.

Assim, a Academia Paranaense de Letras integra, entre os cultores da literatura e do vernáculo, historiadores, cientistas, cultores da arte, todos promotores da cultura, na sua múltipla diversidade. Buscamos manter os valores representativos que honram suas posições comunitárias e enaltecem a nossa academia.

Nós, os acadêmicos, orgulhosos da nossa herança e do nosso papel social, saudamos, nesta abertura, os convidados, ilustres representantes que são da comunidade cultural paranaense, que, nesta noite, se encontram aqui para saudar o novo Acadêmico.

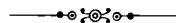
Designo, pois, os Acadêmicos:

ERNANI STRAUBE

RENÉ ARIEL DOTTI

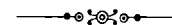
PAULO VÍTOLA

para conduzirem o novo acadêmico Guido Viaro até esta mesa diretora, para o ritual da cerimônia de posse.



DISCURSO DE SAUDAÇÃO - POSSE

GUIDO VIARO



Proferido pelo Acadêmico

Ário Taborda Dergint

Ilustríssima Sra. Chloris Casagrande Justen, Mui Digna Presidente da Academia Paranaense de Letras, demais componentes da mesa já nominados, prezados Acadêmicos, Senhoras e Senhores

Esta é uma reunião festiva, consequência daquilo que poderia ser explicado por um processo dialético. De uma situação negativa, triste, de ausência, a outra, como contraposição, uma situação positiva de renovação. A síntese, e esta, de grande alegria, resulta na continuidade da nossa Instituição: a Academia Paranaense de Letras. Daí a grande responsabilidade de nós membros na escolha dos novos nomes que irão substituir aqueles que saudosamente nos deixaram. Por outro lado, espera-se a conscientização dos que estão ingressando a fim de que sejam orientados na consecução do processo de permanência e engrandecimento da nossa Academia.

Em cumprimento às normas estatutárias desse sodalício e por convite do recipiendário Guido Viaro, foi com muita satisfação que aceitei o encargo de fazer a saudação daquele mais novo membro da Academia Paranaense de Letras. Disse do mais novo referindo-me ao entrante como o mais recente, como também o de menor idade cronológica. Nasceu



em Curitiba, em 26 de setembro de 1968, ou seja está com 44 anos de idade. Cada membro, cuidadosamente escolhido - com mais ou menos idade - é sempre uma renovação. Neste caso, além de sangue novo para a instituição é também uma garantia de fortalecimento e segurança da continuidade de seus propósitos culturais. A menor idade espera-se que seja requisito para arcar com um desempenho mais eficiente dos objetivos acadêmicos. Verdade que essa também pode não ser um estimulante ou limitante. Exemplo disso é o que ocorre com os demais membros, inclusive bem representados pela nossa atual Presidente, recém-empossada, Chloris Casagrande Justen, que, praticamente com o dobro de idade, é um verdadeiro dínamo na efetivação dos nossos objetivos.

Para o ingresso na Academia os valores considerados são mais amplos. Guido Viaro surpreende como escritor – já têm publicados 11 romances (“O quarto do Universo”; “Glória”; “A mulher que Cai”; “Praça do Diabo Divino”; “Embaixo das Velhas Estrelas”; “No Zoológico de Berlim”; “Flores Coloridas”; “A Floresta Simbólica”; “A Revelação Frutosa” e “O Livro do Medo”) e há sempre outro em elaboração. Todos esses livros tratam de temas profundos e tem desenvolvimento literário consistente. Como se não bastasse, possui ainda um vasto cabedal de conhecimento.

Ele teve a felicidade de nascer e viver em ambiente muito ligado ao desenvolvimento artístico, cercado por obras de arte – pinturas, esculturas e desenhos... - em grande parte de seu avô, artista plástico de mesmo nome, Guido Viaro, um dos expoentes da arte paranaense – tudo isso completado pela valorização da cultura sempre exercida por seus pais – Constantino e Vania. Ele – Constantino – sempre ocupou, na vida pública, funções ligadas à cultura, e ela, partícipe das atividades do marido, criaram um ambiente favorável à definição da personalidade de seus filhos. Nesse ambiente, Guido soube absorver e conseqüentemente forjar sua personalidade. Esse foi um de seus grandes méritos, pois

acontece, muitas vezes, que as condições favoráveis nem sempre são aproveitadas pelos jovens.

Desde sua formação escolar sentiu-se impelido a expressar seus sentimentos através da arte. Por mim indagado se recebeu durante o curso fundamental e secundário – que realizou no Colégio Medianeira – influência que o tivesse estimulado para a literatura, na verdade confessou que muito pelo contrário. Sentiu-se nesse período oprimido/tolhido naquilo que mais adiante seria o sentido de sua vida. Somente e de forma indireta as aulas do Professor Venturelli (também recém-ingressado em nossa Instituição) despertaram a curiosidade pelo conhecimento litero-filosófico que veio a pautar seu futuro. Ligado a essa preocupação, já mais adulto, decidiu visitar várias regiões do mundo, não como mero turista, mas com o objetivo de adquirir um conhecimento que possibilitasse a formação de um amálgama cultural e que orientasse seu comportamento vivencial. Fez três viagens ao redor do mundo, possibilitando assim retornos que aprofundassem sua vivência nas áreas que, em suas viagens anteriores, tivessem criado um impacto positivo. A parte do mundo que muito lhe impressionou foi o Oriente, em especial a Índia e a China. Aquela (a Índia) pelos aspectos de comportamento social, pois diante de uma pobreza extrema, foi possível sentir-se seguro. Não existe o roubo, pois filosoficamente não há estímulo ao acúmulo de bens, nem ao consumismo. A China lhe chocou pelo contraste da convivência de uma última tecnologia com processos rudimentares na produção de bens e oferta de serviços. O Japão mostrou-se uma nação organizada e limpa, ao contrário da Índia, porém triste e silenciosa.

Além da produção literária (vários gêneros), Guido fez também incursões no cinema em busca de sua expressão artística. Seu primeiro filme (Fuirei) foi premiado no Festival de Cinema de Brasília em 1997. Realizou mais outros dois – Maia, 1999 (tendo por tema ilusão da vida) e em 2002 o longa-metragem “O Quarto do Universo”, baseado no

seu livro de mesmo nome. O roteiro dos três filmes foi de sua autoria, o que bem demonstra seus pendores pela literatura. Questionado por mim, dentre as várias manifestações artísticas, mostrou preferência pelo romance. Para ele, este gênero literário é um aprendizado de vida. A princípio é um aglomerado de ideias, depois é uma conscientização através da forma, realizada com um suporte técnico que, a seu ver, não é um fator limitante, mas estimulante da criação. Além disso, a arte literária (romance) é êmulo à formação do caráter pessoal, ao passo que o cinema depende não só do autor, mas de pessoas tais como: diretor de diversas áreas, artistas, auxiliares, etc. que interferem no processo criativo. Na literatura o único responsável é o autor. E foi devido a essa independência que se sentiu mais realizado no romance.

Além das qualidades literárias, domina o inglês e o francês, expressando-se também em italiano e espanhol. Exerceu as funções de tradutor para turistas franceses de 2000 a 2005. “Por incrível que pareça também domina o português!!”

É assíduo leitor da literatura universal, em seus diversos gêneros. Aprecia autores como Thomas Mann, Gide, Jorge Luis Borges, e outros mais. Dá grande ênfase a Elena Blavatski, escritora, filósofa e teóloga Russa, que, segundo ele, é sua grande inspiradora. Como consequência desse conhecimento, ministrou palestras de história da literatura universal para professores da rede municipal de ensino.

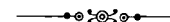
Na qualidade de graduado em Administração de Empresas, gerenciou o grupo Paineiras Residencial, do qual foi sócio-gerente de 1986 a 2009. Desde então, dirige o Museu Guido Viaro, fundado neste mesmo ano. É responsável pela curadoria das exposições de obras de arte, programação de concertos, peças teatrais, mostras cinematográficas e pelo rodízio das obras expostas do artista ítalo-brasileiro Guido Viaro.

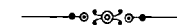
É responsável ainda pelas visitas guiadas para grupo de crianças, professores e público em geral.

Este é o nosso novo acadêmico Guido Viaro.

A seus pais e familiares apresento os parabéns, também para a Academia Paranaense de Letras e para toda a sociedade paranaense, que hoje tem enriquecida sua comunidade acadêmica. Congratulações, mais uma vez, ao ilustre acadêmico, esperando que seu ingresso seja um grande estímulo ao prosseguimento e burilamento de suas qualidades litero-intelectuais.

Em 04 de abril de 2013

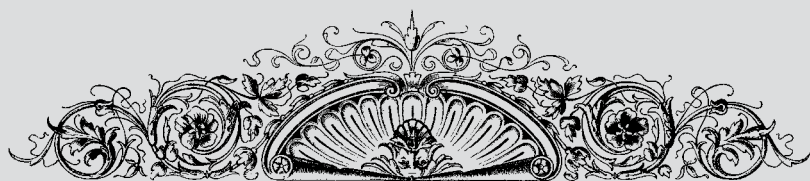




Guido Viaro

Se um viajante numa noite de inverno, descesse na estação ferroviária, na Curitiba das primeiras décadas do século 20, e enxergasse as formas da cidade, distorcidas pela bruma pesada, que parecia usar a solidão para separar os poucos que se arriscavam a caminhar na noite, daqueles que se aglomeravam ao redor do fogão de lenha e do olhar complacente dos parentes, talvez esse anônimo viajante esbarrasse com algum vulto agasalhado.

E então sentir-se-ia só, e talvez lamentasse a escolha da cidade, preferindo ter tomado caminho oposto. O silêncio mortiço da noite só seria quebrado pelas rodas mal lubrificadas de alguma carroça de imigrante, transportando verduras para serem vendidas no dia seguinte. Até o trote do cavalo pareceria tímido demais para ser ouvido. O viajante descobriria algumas luzes pálidas sobrevivendo atrás de cortinas, e, com muito cuidado, espiaria pela fresta, encontrando arabescos dourados decorando o teto, móveis feitos de madeira escura e pesada, um tapete tão grosso que parecia proteger do frio todos que nele pisassem... depois veria um homem. Sentado em sua poltrona, com uma pequena taça de licor vermelho nas mãos, o cansaço pesando suas pálpebras. Enxergaria algumas páginas da biografia desse homem nas marcas de seu rosto. Ao redor de sua boca descobriria frustrações e arrependimentos transformados em rugas, embaixo do nariz o homem guardaria seus pequenos orgulhos, por isso conservaria ali a pele extremamente lisa. Em sua testa moraria a disciplina com a qual sempre conduzira a vida. As



marcas teriam tamanho e profundidade regulares. Os olhos seriam sua última e mais difícil descoberta. Pareciam escritos em língua oriental, e o que o tempo deixara ali, seria feito de incoerências, como a onda que avança com ímpeto em direção da praia, para depois recuar para o mar. Aquele homem, que a princípio parecia tão fácil de ser definido, permanecia sendo pergunta, e como tal, perpetuava sua origem, que retrocederia para antes de seu nascimento, e espalharia seu destino até que nada dele sobrevivesse.

De repente, o homem retiraria do bolso do colete um relógio, o contemplaria por algum tempo, bem mais do que o necessário. Essa atitude despertaria imensa curiosidade em nosso viajante, que decepcionado por não haver compreendido tudo o que desejava, se perguntaria de que maneira o tempo, água na qual está mergulhada o espaço, ajudaria a encontrar as respostas perdidas.

A inquietude perpassaria o rosto do viajante, que sente que o estado de dúvida é sinônimo da condição humana. E para tal não há resposta ou remédio. Cansado de espiar, mergulha na noite. As luzes das casas começam a se apagar e o silêncio parece aumentar o frio. A tímida voz do vento balança os galhos de um ipê sem cores. O homem reflete sobre seu futuro... o tempo, o frio, o espaço...

As nuvens arrastam-se no céu descobrindo algumas estrelas, essas eternas promessas da felicidade inacessível. Ele caminha pelas ruas taciturnas, por um instante deseja que seus pés estivessem pisando os pedaços iluminados do céu. Um raio de luar vence a escuridão. O visitante decide partir, caminha na direção da estação ferroviária. Pegaria o primeiro trem da manhã. O destino não tinha importância. Na Praça Tiradentes o viajante descobre um relógio de sol. Os frágeis raios prateados do luar tentam imprimir-lhe alguma marca, mas não conseguem, a pedra não admite esse tipo de tempo, e permanece um morto monumento pendendo sobre a praça.

Distraído, o viajante não percebe que atrás dele quatro homens conversam animados. Quando um deles toca-lhe o ombro, assusta-se.

Mas o homem o tranquiliza e se apresenta, chama-se Bernardino, e segundo ele era Marechal do Exército e historiador. Bernardino chamou seus amigos e apresentou-os ao desconhecido “Esses são Dídio, Júlio, e José Carlos, historiadores como eu.”

Pela primeira vez desde que desembarcara na cidade o viajante experimenta um pouco de calor humano. Os quatro homens tratam-no como um conhecido de longa data. O encontro é insólito, porque afora suas vozes, a cidade está silenciosa como um cadáver. O viajante mantém um olho no velho relógio de sol, mas ele continua imerso no líquido do qual são construídos os sonhos, distante de qualquer marcação temporal.

Bernardino pergunta ao viajante de onde ele vem, e antes de sua resposta, desanda a narrar sua vida. Ajudante de ordens do Duque de Caxias, escrevera “Bibliografia do Duque de Caxias”.

Dídio interrompe-o, dizendo que não era só ele quem havia escrito um livro sobre um vulto militar, ele mesmo escrevera “O elogio de seu patrono, o Marechal Bormann”. Bernardino enrubesceu, como se não quisesse que o estranho descobrisse seu segredo. Percebendo o constrangimento, Júlio diz, que como bons anfitriões, deveriam fazer com que o visitante conhecesse a cidade e sua história, para tal sugeriu que passeassem por alguns pontos significativos, mostrou o terreno onde ficava a antiga cadeia pública, depois disso os cinco caminharam pela rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), até a Rua XV de Novembro. No caminho Júlio disse ao visitante, que caso quisesse conhecer um pouco mais da história da cidade, sugeria o livro “A Fundação de Curitiba à Luz de Novos Documentos”. Quando o visitante perguntou quem era o autor, foi a vez de Júlio ficar constrangido. José Carlos foi quem respondeu “O autor é o Júlio”. Depois disso José Carlos falou dos próprios livros “Origens do povoamento de Ponta Grossa”, “Campos de Guarapuava”, “O Continente da Pedra Branca e As Minas de Tibagi”, em seguida pediu licença, porque era autor de muitos outros e não queria cansar o visitante citando títulos.

Os cinco terminaram a caminhada no ponto de partida. A noite parecia mais escura e o relógio solar tornara-se quase invisível. José Carlos, assim como seus amigos, revelou que também ele escondia um segredo. E porque talvez, fosse o mais inverossímil, preferia partilhá-lo com o viajante, mesmo correndo o risco de ficar desacreditado.

“Eu não poderia estar aqui, nem ter feito esse passeio. A razão disso é simples. A noite em que estamos é anterior a meu nascimento.”

Voltamos para a noite de 4 de abril de 2013. Os quatro amigos que citei são na verdade quatro célebres historiadores paranaenses (por nascimento ou adoção), que me antecederam na cadeira número 14 da Academia Paranaense de Letras: Bernardino Bormann (Patrono). Dídio Costa (Fundador), Júlio Moreira (Primeiro ocupante) e José Carlos Veiga Lopes (Segundo ocupante).

Iniciei meu discurso com a expressão “Se um viajante numa noite de inverno...”, que é o título de um livro do escritor italiano Ítalo Calvino, brilhante obra de ficção, em que através da metalinguagem o autor discute os espelhamentos da vida. O mundo é construído por caminhos que se cruzam, o concreto dos dias é feito de acasos e vontades. Portanto, retomando Calvino, cujo personagem lê um livro cujo título é o livro que lhe trouxe à vida, gostaria agora de revelar a identidade de nosso viajante. Desse homem, que também poderia ser mulher, que poderia estar perdido em Curitiba, Roma, Tokyo, durante uma madrugada fria ou uma tarde escaldante.

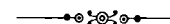
Essa pessoa, meus amigos, não tem um nome ou idade, é baixa, bonita, alta e feia, e também é cheia de qualidades que se opõem aos defeitos que possui. O viajante somos todos nós. Emaranhados pelo tempo na aventura humana. Imortais que deixam sobre o mundo as impressões acumuladas atrás das retinas. O viajante bem poderia ser o artista italiano Guido Viaro, meu avô, que nos anos trinta, encantado pela arte muralista mexicana, e cansado da mentalidade provinciana que imperava em nossa cidade, juntou dinheiro para comprar uma passagem de navio para o México. Passeando pela rua XV viu uma mulher, Yolanda,

desistiu do sonho, substituiu-o por outro. Gastou todo o dinheiro com flores e entregou-as para a desconhecida, que se tornaria sua esposa. Há tantas outras histórias dignas da imortalidade, umas escritas, outras não, algumas preparando-se para acontecer, e que só serão escritas por mãos ainda não nascidas. E por falar nisso, prestei minha singela homenagem aos homens que me antecederam na cadeira que hoje tomo posse na Academia Paranaense de Letras. Mas o que me impediria de também homenagear aqueles que me sucederão? Homens e mulheres, que invadindo as décadas e séculos futuros, se ocuparão de carregar o fardo da imortalidade, deixando marcas humanas e literárias, riscando a superfície do mundo com suas poucas certezas e imensas dúvidas. Para finalizar gostaria de citar o escritor Walter Campos de Carvalho, no que considero ser a receita para a imortalidade, imortalidade essa que é latente em cada ser humano:

“Se não posso mudar o mundo, tampouco permitirei que o mundo me mude a mim, arrancando esse câncer de mistérios e heresias que é toda minha riqueza e que faz com que minha voz não seja apenas o grunhido de um porco, nem meu olhar, apenas o olhar de um peixe dentro do aquário.”

Muito obrigado.

Em 04 de abril de 2013

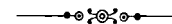
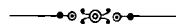


Esta cerimônia de posse bem retrata as características intrínsecas das academias de letras.

Os acadêmicos portam com orgulho seus paramentos, cumprindo com dignidade os rituais, confirmando, frente à comunidade, a honorabilidade de seu comprometimento com as finalidades sociais e culturais da Academia.

A Academia Paranaense de Letras, ao encerrar a sessão, saúda e agradece as ilustres autoridades e a distinta plateia, fazendo votos de que todos os presentes, envolvidos por esta mística secular, levem consigo a essência do significativo papel das academias no progresso cultural das comunidades, incentivando e promovendo o desenvolvimento crescente do país e a sua respeitabilidade nacional.

Agradecendo à presença de todos, dou por encerrada esta sessão solene e os convido para o coquetel que será servido na sala ao lado.



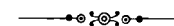
Por Eduardo Rocha Virmond



A presença do Papa foi o fato positivo mais importante que aconteceu, para as consciências, neste Brasil nos últimos anos. Confundi-se curiosamente com a antecedente manifestação do povo nas ruas. Esta se realizara como que uma preparação, que permitiu ao Papa Francisco sustentar as suas ideias de respeito, atenção e solidariedade que se deve conferir e conceder à voz e à vitalidade reanimada de todas as gentes brasileiras.

Assim ele pronunciou: “Não se cansem de trabalhar por um mundo mais justo e mais solidário. Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo. Cada um, na medida das próprias possibilidades, saiba dar a sua contribuição para acabar com tantas injustiças sociais!” E disse muito mais. Por exemplo: “Não é a cultura do egoísmo, do individualismo que frequentemente regula a nossa sociedade, aquela que constrói e conduz a um mundo mais habitável, mas sim a cultura da solidariedade, ver no outro não um concorrente ou um número, mas um irmão”

Mesmo em seus pronunciamentos religiosos, ele não deixou de associá-los às aspirações que norteiam com naturalidade os seres humanos, independentemente de cor política, de origem social, de



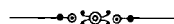
Por João José Bigarella

Há cerca de 4,5 bilhões de anos, no seu início o globo terrestre era um planeta ígneo, incandescente, sem água e atmosfera, a qual foi perdida possivelmente num acidente cósmico.

Com o resfriamento progressivo iniciou-se a formação de uma atmosfera com gases procedentes do interior do planeta e do intenso vulcanismo. Pouco mais tarde a grande quantidade de vapor de água condensou-se originando os mares. Neles teve início o surgimento dos primeiros seres vivos, nos mares primitivos, há cerca de 3,8 bilhões de anos, os quais passaram a absorver o gás carbônico, liberando oxigênio em quantidades cada vez maiores, originando através do tempo a atmosfera atual, aumentando progressivamente o teor de oxigênio, a qual necessitamos proteger a todo custo!

Há cerca de 1,2 bilhões de anos na região ao norte de Curitiba, nos mares quentes de então, se depositaram rochas calcárias. Numa pedreira em Bacaetava, no município de Colombo encontramos recifes de algas calcárias (*Collenia. sp*) com essa idade, isto é, o fóssil mais antigo do Paraná.

No início do Cambriano (500 milhões de anos) a vida nos mares começa a prosperar, surgindo várias espécies de invertebrados, entre eles trilobitas. No Paraná não temos rochas desse período. Os primeiros depósitos são de idade ordo-siluriana (cerca de 400 milhões de anos). Trata-se do Arenito Furnas de origem marinha. Nele raramente são encontradas pistas de trilobitas.



credo – colocando-os todos dentro da mesma condição humana a serem reconhecidos, abrigados e estimulados.

A presença calculada de três milhões e quinhentos mil pessoas na praia de Copacabana não constitui valor suficiente para abarcar todos aqueles que ouviram emocionados a voz engrandecedora das mensagens do Papa. Quantos milhões estariam, em todo o território nacional, mais ainda na Argentina e ainda na Itália, na Espanha, por assim dizer grudados aos meios de comunicação, principalmente a TV, a absorver os ensinamentos e a doutrina social e religiosa do Papa Francisco?

Não se pode, no entanto, esconder os esforços contrários exercidos para diminuir essa demonstração de vitalidade e amor, o que resultou inevitavelmente em fiasco dos governos, com discursos fantasistas e arrogantes, tanto na chegada do Papa como na festa exclusiva, organizada no Teatro Municipal por políticos, empresários, carreiristas de todo gênero, a que o Papa respondeu, delicadamente porém, com a a condenação da busca sem princípios pelo dinheiro, pela ganância, pela pose do degradante mundo oficial.

O Papa Francisco, na medida em que, desde a primeira hora, evidenciava o seu amor pelo povo do mundo inteiro, contribuía com maior conteúdo, cada vez mais, para se comunicar com os brasileiros e os latino americanos da forma mais sincera e ao mesmo tempo dinâmica, até os últimos momentos em que passou entre nós.

Os reflexos dessa presença, dessas mensagens, desse engrandecimento do homem comum, da simplicidade e naturalidade de suas atitudes profundas, poderão ser grandiosos e universais, na medida em que as esperanças foram e serão despertadas e tocadas em todos os que, independentemente de religião, de origem racial, de tendências políticas e culturais, tiveram a chance de apreciar e assimilar a palavra do Papa Francisco.

Pretendeu-se preservá-las num sítio geológico de proteção, porém na prática, estão sendo destruídas por caminhões que sobre elas trafegam!...

Nos mares devorianos foram depositados os folhelhos de Ponta Grossa ricos em fósseis. No início do Permiano vivia em grandes lagos o réptil *Mesosaurus brasiliensis*. Os sedimentos de então foram posteriormente transformados nos folhelhos pirobetuminosos de Irati.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Atualmente comenta-se muito a respeito de mudança climática, seja na televisão, seja em jornais ou revistas. Não se pode esperar uma mudança em poucos anos. Elas são seculares ou milenares. Nos meus trabalhos de campo estudei as grandes mudanças no passado geológico analisando sequências estratigráficas expostas em cortes de estrada. Nelas encontram-se informações importantes sobre as mudanças da hidrodinâmica na evolução do relevo terrestre.

Abordaremos de um lado as mudanças paleoambientais que aconteceram no Cenozóico (65 milhões de anos), aquelas do início do Paleozóico e no Mesozóico. E no contexto da Pangéia, que incluía o super continente do Gondwana. Num determinado momento do Ordo-siluriano há cerca de 400 milhões de anos o Saara situava-se nas proximidades do Polo Sul. Este fato é bem exposto em superfícies elevadas que mostram claramente as estrias originadas pelo avanço das geleiras que se moviam para o norte e na África do Sul, na Província do Cabo, o movimento do gelo para o sul. Nas imediações de Picos no Piauí as estrias glaciais demonstravam um movimento para noroeste.

No Carbonífero Superior ocorreu outro grande episódio glacial. No Paraná encontram-se os vestígios de quatro avanços e recuos das geleiras com superfícies estriadas e depósitos periglaciais. Na segunda glaciação o recuo deixou os depósitos arenosos que originaram os arenitos de Vila Velha.

Seguiu-se no Permiano e no Triássico e predominância de um clima mais úmido com o desenvolvimento de florestas e com destaque a origem dos ancestrais da araucária, cujos fósseis são encontrados no Rio Grande do Sul.

Com o advento do Jurássico o clima tornou-se extremamente árido com enormes campos de dunas representadas pelos arenitos Botucatu, Caiuá e Sambaíba. Ainda no Jurássico e continuando no Cretáceo teve lugar um extenso vulcanismo basáltico, cujas lavas acumuladas em alguns lugares ultrapassa 1.000m de espessura. O Cenozóico foi caracterizado pela expansão da fauna de mamíferos.

As mudanças profundas dos climas vigentes no Quaternário afetaram o globo terrestre. Durante as glaciações os processos de degradação lateral do terreno foram importantes não apenas nas regiões periglaciais como também nas regiões de menor latitude. Nessas condições as condições climáticas severas permitiam um desenvolvimento quase global de superfícies aplainadas associada a depósitos correlativos.

O clima do passado geológico não foi uniforme, tendo sofrido mudanças profundas de natureza cíclica, provavelmente comandadas pelas variações seculares das taxas de radiação recebidas em função da mecânica celeste. A órbita da Terra ao redor do Sol, bem como a orientação do seu eixo de rotação sofrem variações seculares em relação a um plano de referência fixo. Essas variações são devidas a perturbações gravitacionais inerentes ao próprio sistema planetário. Entre os elementos a considerar estão: excentricidade da órbita, longitude do periélio e obliquidade da eclíptica.

Os principais elementos da órbita terrestre deslocam-se no espaço de acordo com ciclos mais ou menos definidos. O Sol ora se aproxima ora se afasta do centro da elipse, num ciclo de cerca de 90.000 anos fazendo com que os valores da excentricidade variem. O ângulo da obliquidade da eclíptica varia dentro de certos limites num ciclo da ordem de 28.000 anos. O plano que contém esse ângulo gira no espaço no sentido dos ponteiros do relógio. Os equinócios e solstícios deslocam-

se com o tempo no sentido horário, enquanto que o periélio e o afélio movimentam-se no sentido anti-horário. O ciclo médio da variação da longitude do periélio é de cerca de 22.000 anos.

Estes princípios constituíram a base da geomorfologia climática que adotamos no início da década de 60.

As prolongadas mudanças climáticas que afetaram grandes extensões da Terra possuíam um caráter cíclico. O avanço das geleiras pleistocênicas acompanhado da diminuição da temperatura, fez com que os climas anteriormente úmidos se tornassem áridos a semi-áridos.

Essas considerações foram sugeridas por Bigarella & Salamuni (1961), Bigarella, Marques F.º & Ab` Sáber (1961), Bigarella & Ab` Sáber (1961, 1964), Bigarella & Andrade (1965) e Bigarella, Mousinho & Xavier (1965).

Foram identificados três fases de pediplanação datadas respectivamente no Eoceno, Mioceno e Plioceno. Em cada uma delas ocorreram breves momentos de clima úmido seguidos de fases semi-áridas mais extensas, criando “famílias” de pediplanos. Os pediplanos foram designados como Pd₃, Pd₂ e Pd₁ do mais antigo ao mais recente, correlacionando-se a episódios de glaciações pré-Quaternárias. Do final do Cretáceo, ainda com a presença de dinossauros no Brasil (Triângulo Mineiro e no Paraná) a semi-aridez severa inviabilizou a vida dos gigantes animais. Há quem relacione sua extinção à queda de um grande meteoro no Golfo do México, em Yucatan. Com o que não concordamos.

Após o Pd₁ teve lugar no Pleistoceno a formação de duas superfícies de pedimentação designados como P₂ e P₁. Nova época úmida que se sucedeu o P₁, houve dissecação. Episódios semi-áridos subsequentes não foram suficientemente enérgicos para originar novos níveis de pedimentos, porém foram formados dois níveis de baixos terraços de cascalho Tc₂ e Tc₁, além da formação de rampas colúvio-aluvionares.

Nos últimos 650 mil anos ocorreram três grandes crises climáticas: a primeira ao redor de 500 mil anos; a segunda há cerca de 200 mil anos; e a terceira entre 90 e 70 mil anos.

Nessas ocasiões episódios de semi-aridez obrigaram os hominídeos a imigrar para o norte, na Europa ou Ásia durante os períodos glaciais.

Na primeira crise foram descobertos vestígios do *Homo heidelbergensis*. Na segunda crise surgiu o *H. neanderthalensis* que viveu entre 200 e 30 mil anos quando ocorreu sua extinção. O *H. sapiens* imigrou entre 90 e 70 mil anos, tendo convivido com os neanderthais e provavelmente houve miscigenação.

Episódios frios há 14.500 anos permitiram os australo-melanésios a atravessarem o Estreito de Behring tornando-se os primeiros povoadores das Américas.

No Museu Nacional orientei a dissertação de mestrado de Elba Moraes Rego Töth na área de arqueologia dirigida pela Professora Maria da Conceição Beltrão. Os trabalhos de campo tiveram lugar na região de Central na Bahia visando correlacionar as ocorrências arqueológicas com a estrutura do terreno. Num dos trabalhos de campo, subimos a pé a Serra da Estrela. A certa altura nos deparamos com uma pintura rupestre numa estreita lapa encontrada em arenitos silicificados muito resistentes. Sobre a pintura havia uma fina pátina de sílica indicando sua antiguidade.

A pintura representava uma cena de caça ou de defesa contra um grande animal parecido com um hipopótamo. Tratava-se do toxodonte pertencente à megafauna extinta no final do Pleistoceno, cujos ossos encontram-se em horizontes expostos em cacimbas erodidas, comuns na Bahia. A vegetação atual é de caatinga.

A possibilidade da megafauna ter vivido na região exigiria um clima totalmente diferente do atual. Os rios teriam sido perenes com florestas de galeria, matas ou eventualmente cerradões, cujos vestígios atuais são encontrados atualmente em refúgios de maior altitude, designados no Nordeste como “brejos”.

Para calcular a idade da pintura rupestre utilizei as curvas elaboradas pelo Prof. Besnard para o último milhão de anos a partir da mecânica celeste. Através delas foi possível determinar quando as

condições climáticas do sertão foram úmidas, isto é, entre 14.000-6.000 anos. Estimamos uma idade média em cerca de 11.000 anos atrás.

Quando tomamos conhecimento dos trabalhos de Walter Neves com referência à restauração do crânio da Luzia encontrado em Lagoa Santa, Minas Gerais, avaliada nessa faixa de idade, podemos afirmar que o povo responsável pela pintura rupestre pertencia aos australianos-melanesios, primeiros habitantes das Américas, os quais atravessaram o Estreito de Behring há cerca de 14.500 anos atrás, anteriormente aos mongoloides, que o fizeram há cerca de 11.000 anos.

A extinção da megafauna ocorreu com a vigência de um clima semi-árido severo, tendo deslocado os australiano-melanesios para regiões mais favoráveis. No Paraná escavações arqueológicas revelam sua presença há 8.000 anos e no litoral, em dois momentos, com o nível do mar mais elevado, sob condições climáticas mais quentes. Eles foram responsáveis pela construção dos sambaquis em dois episódios de 300 anos ao redor de 5000 e 3.000 anos AP. Essa população pertencia ao grupo "ge" da etnia australo-melanesia. Atualmente estão representados no Terceiro Planalto paranaense pelos índios Kaingangues, cujo aspecto físico assemelha-se ao reconstituído da Luzia de Lagoa Santa (Minas Gerais), apresentado por Walter Neves.

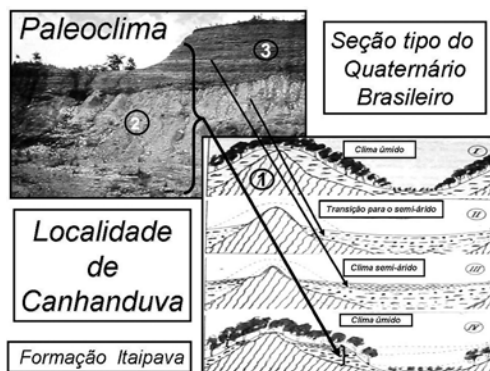


Fig. 1 - Corte na rodovia BR101 localizado entre Itajaí e Balneário Camboriú.
1) - embasamento cristalino (Grupo Brusque);
2) - depósitos formados na transição climática para o semi-árido;
3) - depósitos originados na vigência do clima semi-árido.
A interpretação dessa deu origem a geomorfologia climática.

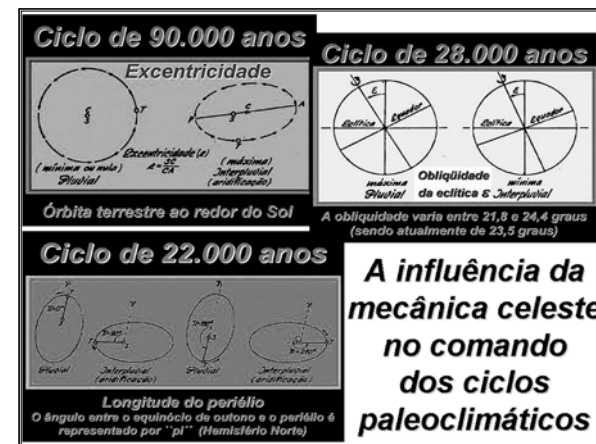


Fig. 2 - Os estudos realizados pelo Prof. Besnard (1963) sobre a Mecânica Celeste no último milhão de anos foram de grande utilidade para interpretação do relevo brasileiro.

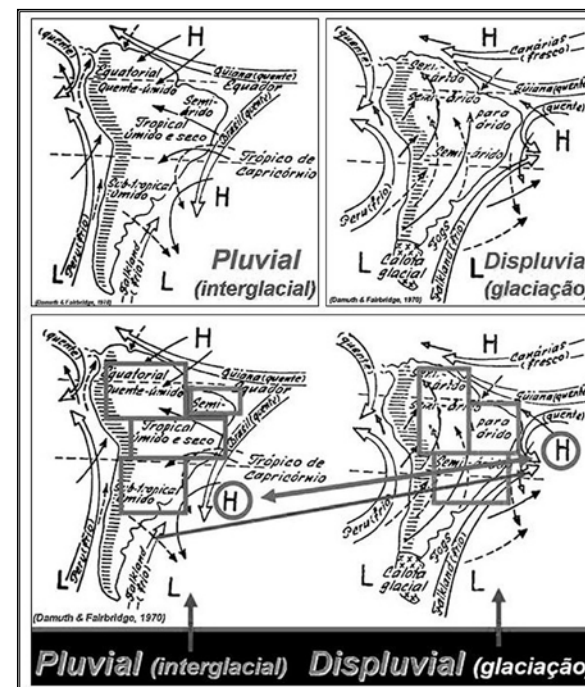


Fig. 3 - Durante a vigência do clima pluvial, a célula de alta pressão (H) do Anticiclone do Atlântico Sul situa-se abaixo do Trópico do Capricórnio, enquanto que no clima displuvial o mesmo encontra-se ao norte, quando grandes extensões do território brasileiro tornaram-se semi-áridas.

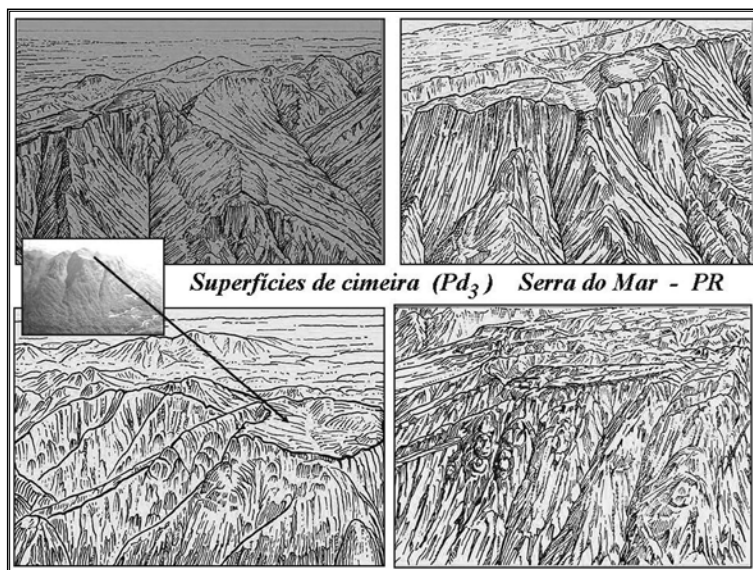


Fig. 4 - Superfícies pediplanadas formadas durante climas semi-áridos de grande duração originaram as superfícies de cimeira na Serra do Mar paranaense.

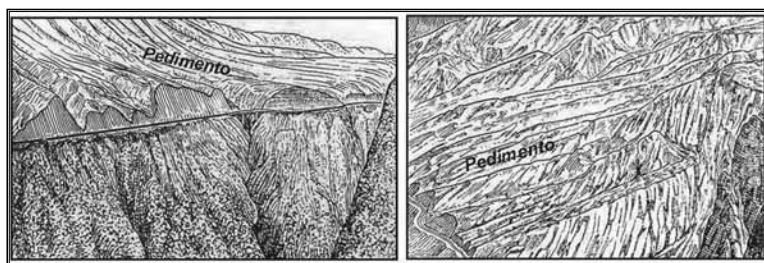


Fig. 5 - Ao longo da rodovia Curitiba - Paranaguá, na Serra do Mar encontram-se ombreiras de pedimentos dissecados.

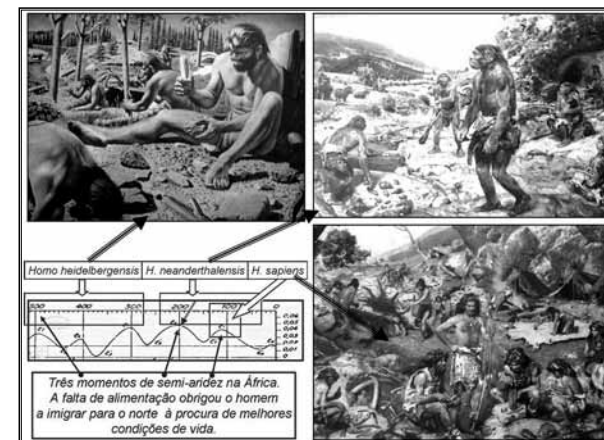
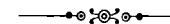


Fig. 6 - Momentos de semi-aridez severos obrigaram os Hominídeos a deixar a África:
1) o Homo heidelbergensis a cerca de 480.000 anos;
2) o Homo neanderthalensis entorno de 200.000 anos e;
3) o Homo sapiens entre 90.000 e 70.000 anos.
As imagens apresentam uma representação do tipo físico.



Fig. 7 - Os primeiros habitantes da Américas eram de origem australo-melanésios, os quais atravessaram o Estreito de Behring há cerca de 14.500 anos. No Brasil seus vestígios foram encontrados nas grutas de Lagoa Santa, em Minas Gerais, onde foi possível reconstituir o crânio da Luzia. Este povo foi responsável pela pintura rupestre encontrada na Serra da Estrela, em Central na Bahia. Restos desse povo foram encontrados em sítios arqueológicos no Paraná datados em 8.000 anos. Eles também foram responsáveis pela construção dos sambaquis em dois momentos de nível marinho mais elevado: 1,5 a 2m acima do atual ao redor de 5.000 e 3.000 anos. Os Kaingangues são seus representantes atuais no Brasil.

BATALHA DO PARANÁ (OU MARAGATOS NO PARANÁ)



Por Paulo Roberto Hapner

membro do IHGPR



I - Cumpro missão que me foi imposta pelo ilustre advogado paranaense Doutor Eduardo Rocha Virmond, durante a palestra sobre os Antecedentes Administrativos e Jurídicos da Questão de Limites entre o Paraná e Santa Catarina (Contestado) realizada no último dia 9 de maio de 2013, no Instituto dos Advogados do Paraná.

Ordenou-me escrever algo sobre a revolução federalista que eclodiu no ano de 1893 e teve o Estado do Paraná como palco central de tristes e heroicos acontecimentos, como o cerco da Lapa e o assassinato do Barão do Serro Azul, episódios tão bem descritos, no passado, por David Carneiro (*O Paraná e a Revolução Federalista* – Atena Editora – São Paulo) e mais recentemente na pena de Túlio Vargas (*A última viagem do Barão do Serro Azul*), cuja pesquisa histórica, por sua vez, inspirou o filme “*O preço da paz*” de Maurício Appel, com as participações de Lima Duarte, Herson Capri e Giulia Gam.

São histórias que atualmente o Paraná desconhece, mas que sempre foram lembradas por nossos educadores do século passado. Urge introduzir no ensino estadual, na grade curricular normal, uma cadeira de História do Paraná, conforme preconiza a digníssima Presidente da Academia Paranaense de Letras, a Professora Chloris Casagrande Justen. É reconhecido seu empenho na produção dessa lei e na busca de sua efetiva aplicação, fato lamentavelmente ainda não implementado.

Passemos ao episódio que tem como antecedente inicial a segunda revolta da armada ocorrida entre os dias 6 a 13 de setembro de 1893, tendo por palco central a baía da Guanabara.

II – No plano federal, os revoltosos da armada tinham como objetivo a deposição de Floriano Peixoto, que na qualidade de Vice-presidente da República, portanto, substituto do renunciante Deodoro da Fonseca, assumira o cargo sem convocar novas eleições, conforme dispunha a Constituição. Esta postura tinha alguma base jurídica, porém, a tese divergente passou a interessar aos postulantes do cargo. Assim sendo, por não convocar novas eleições, bem como centralizar o poder em suas mãos, passou a ser denominado Ditador pelos federalistas, os quais também pugnavam por maior autonomia aos Estados.

Frustrada a rebelião comandada pelos almirantes Saldanha da Gama, Eduardo Wandenkolk e Custódio de Melo, dirigiram-se os rebeldes ao sul do país, desembarcando no fim de setembro na cidade de Desterro, onde procuram articular-se com os federalistas gaúchos, entre os quais estavam os famosos maragatos.

Havia igual descontentamento em várias regiões do Brasil. No Rio Grande do Sul, extinta a monarquia, ficara difícil conciliar as facções políticas dos antigos monarquistas, tanto liberais quanto conservadores, que se filiaram às novas agremiações políticas, dentre as quais sobressaía o Partido Republicano, sob a liderança de Júlio de Castilhos.

No início da república, o nome “*federalista*” já havia sido adotado pelos liberais catarinenses que haviam derrubado Lauro Müller e, valendo-se do mesmo dístico, os federalistas gaúchos se opunham ao Presidente Republicano do Rio Grande do Sul, Júlio Prates de Castilhos, ao qual derrubaram. Ao mesmo tempo pleiteavam maior autonomia do Estado diante da concentração de poderes do Marechal Floriano Peixoto, Vice-presidente exercendo definitivamente a Presidência da República em substituição ao Marechal Deodoro.

Em contraposição, no Rio Grande do Sul, se encontrava o senador Gaspar da Silveira Martins, opositor de Júlio de Castilhos, tido como líder dos maragatos, porém, sendo parlamentarista, discordava da forma presidencialista e também resistia à ideia revolucionária.

Gaspar Silveira Martins – proeminente liderança política liberal gaúcha que fora desterrado pelo Decreto Federal 1037, de 19 de novembro de 1890, retornou aos pagos e juntamente com Joca, Francisco e José Bonifácio Silva Tavares, em Bagé, fundou o Partido Federalista em 31 de março de 1892, com forte representação daquela região.

Um ano depois, em 15 de março de 1893, foi assinado o Manifesto em Santana do Livramento, com forte presença dos fundadores do referido partido que tinha Gaspar Silveira Martins como sua principal figura sem, contudo, possuir intenção belicosa.

Ficou célebre a sua frase:

Como chefe do Partido, aconselho. Como correlegionário, peço. Como rio-grandense, suplico. Guerra civil, não! Não é necessário para a conquista do poder e para conter governo federal. Dificuldades de todo o gênero, erros naturais dos governos, liberdade de imprensa e opinião pública, fazem o que a violência não consegue.

Mas a insurreição nascida desse manifesto trouxe também a depreciativa alcunha de maragatos aos comandados de Gumercindo Saraiva que procediam, em parte do Departamento de San José de Mayo, no Uruguai.

Esse grupo de rebeldes usava o lenço vermelho e era formado por gaúchos exilados no Uruguai e também por alguns uruguaiois, que se submetiam ao comando do célebre General Gumercindo Saraiva ou Sarabia, conforme o linguajar dos pampas.

Originariamente, o vocábulo maragato refere-se ao habitante ou natural da comarca espanhola da Maragateria, região situada no norte

da Espanha, mais precisamente na Província de Leão, tendo por capital econômica a cidade de Astorga. Na época das guerras púnicas, seriam descendentes dos derrotados cartagineses que, por sua vez, teriam íntima relação étnica com os berberes norte-africanos, povo sabidamente altivo e guerreiro por natureza. Desta região espanhola conhecida como comunidade autônoma de “*Castilla y León*”, a qual engloba “*la vieja zona de la Somoza ou país de los maragatos*”, incluindo os distritos ou subcomarcas da Alta e da Baja Maragateria, emigraram como espanhóis para o Vice-reinado do Prata diversas famílias. Estabeleceram-se na Argentina (região de Viedma) e no Uruguai (San José de Mayo), conservando seus costumes e vestimentas, sem contrair matrimônio fora de sua tribo ou clã, conforme os ciganos.

Na época da revolução federalista os maragatos se opunham aos “*pica-paus*”. Com esse epíteto eram conhecidos os soldados das tropas governistas ou florianistas em razão dos barretes (peça do uniforme) que possuíam aspecto semelhante às cores existentes na cabeça da ave desse nome.

No Rio Grande do Sul, tempos depois, durante a revolução de 1923, surgiu a antonomásia chimango em oposição a maragato, para identificar os seguidores de Antonio Augusto Borges de Medeiros, conhecido como Antonio Chimango.

III - Voltemos ao tema central. Em fins de setembro de 1893, diante do apoio da armada de Custódio de Melo e Saldanha da Gama, a tomada da ilha de Desterro se consumara com facilidade. Assim, estando a capital catarinense de posse dos federalistas, o General Francisco de Paula Argolo (comandante do Distrito Militar com sede em Curitiba), em outubro de 1893, resolveu assumir o governo de Santa Catarina, instalando provisoriamente sua sede na cidade de São Bento, onde concentraria suas tropas. Entretanto, seu plano foi logo alterado. É que por terra, após certa resistência em Tubarão e em Blumenau, a

tropa federalista sob o comando do General Antonio Carlos Piragibe continuava sua marcha em direção ao Paraná. Subia pelo litoral e, na altura de Pirabeiraba, defletia para noroeste pela recém aberta Estrada Dona Francisca com destino à Rio Negro, circunstância que os levaria diretamente a São Bento.

Por seu turno, os maragatos de Gumercindo Saraiva, Laurentino Pinto Filho e José Serafim de Castilhos (Juca Tigre) transitavam pela antiga Estrada das Tropas que também os conduziria a Rio Negro, onde se daria a conjunção de forças para dominar Curitiba. Diante desse quadro, o comandante do Distrito Militar resolveu concentrar suas tropas na Lapa, local presumivelmente mais favorável à resistência, missão que lhe fora imposta pelo Presidente da República em exercício, Floriano Peixoto.

O avanço dos rebeldes obedecia a um plano preestabelecido na reunião do porto de São Francisco realizada no fim do ano de 1893, que visava: a) por mar, a tomada de Paranaguá, Antonina e Morretes, visando dominar o tráfego pela ferrovia; e, b) por terra, com intuito de vencer as resistências de Ambrósios, Tijucas e Lapa, abrindo caminho para Ponta Grossa e Castro.

Na madrugada do dia 11 de janeiro de 1894, sem esperar a chegada dos navios de Custódio de Melo, o capelista Teófilo Soares Gomes tentou tomar a cidade de Paranaguá, contudo veio a ser preso. O precipitado incidente provocou a imediata intervenção do Governador Vicente Machado para punir os revoltados, o que se efetivou de forma precária, pois, já no dia 13 de janeiro o cruzador República, após forçar a barra, acompanhado dos navios Urano, Palos, Iris e Esperança ancorava em Paranaguá e fazia tremular a bandeira da revolução no mastro do velho forte, com a libertação de Teófilo.

No dia 15 de janeiro pela manhã após bombardear posições inimigas em terra, a esquadra de Custódio se afastou da barra. Por coincidência, viajando para Paranaguá chegara o General José Maria Pego Júnior em Morretes, onde se inteirou da situação. Supondo uma

retirada de Custódio para atacar Antonina, resolveu estabelecer sua tropa estrategicamente em Morretes, entroncamento da ferrovia. Porém, na tarde do mesmo dia, a esquadra voltara com reforços e depois de intenso fogo acabou por dominar Paranaguá sem maiores esforços diante da debandada geral.

Estando Paranaguá e logo em seguida Antonina, sob controle dos revoltosos, Morretes também foi abandonada pelas tropas legalistas, tanto que no dia 16, por volta das 22,00 horas o General Pego estava em Curitiba onde se reuniu com Vicente Machado, Capitão Antonio Lago (Chefe de Polícia) e o Tenente Lauro Mueller (foragido de Santa Catarina) quando traçaram o plano de retirada estratégica para Castro, preparando-se o decreto de transferência da capital para esta cidade.

IV - Rememorando os acontecimentos, verifica-se que os maragatos, no fim de outubro de 1893, se encontravam nos campos de Vacaria e se aproximavam do Rio Canoas onde iriam pelear com Pinheiro Machado que retrocedera de Tubarão, fato este ocorrido em meados de novembro, quando Gumercindo após vencer Pinheiro Machado partiu de Curitiba para Blumenau.

Existiam assim duas frentes de batalha. Além da progressão terrestre, que acabara de conquistar Florianópolis (Desterro) e se deslocava com destino a Curitiba; a força naval composta dos navios Republicano, Urano, Esperança e Íris da Armada Revolucionária, sob o comando do Almirante José Custódio de Melo se preparava para a tomada de Paranaguá, o que ocorreria no dia 15 de janeiro de 1894.

Quatro dias antes, ou seja, no dia 11 de janeiro, os revolucionários (cavalarianos e artilheiros) que avançavam sobre Tijucas, foram surpreendidos com a resistência oferecida pela tropa do Capitão Ismael Lago e pelo sucesso da artilharia do Tenente José Cândido Murici. Diante da concentração do ataque em Tijucas, o Comando do Distrito Militar providenciou reforços ao contingente para essa localidade. Assim, no

dia 15 de janeiro, além de receber novas tropas, a guarnição sediada em Tijucas passou ao comando do Coronel Adriano Pimentel, veterano da Guerra do Paraguai.

O envio de tropas àquela localidade, porém, em nada modificou a situação que apontava para a vitória dos rebeldes. Com evidente monotonia, prosseguiram pequenos entreveros até o dia 18. Contudo, em face das notícias de que Paranaguá já havia sido tomada e que tanto o Presidente da Província quanto o Comandante do Distrito Militar haviam deixado seus postos em decorrência da supremacia das forças rebeldes que estariam marchando sobre Curitiba, houve a capitulação de Tijucas no dia 19 de janeiro de 1894.

Diminuída a intensidade da refrega em Tijucas, as tropas de Gumercindo Saraiva progrediram no rumo ocidental em direção à Lapa, distante cerca de nove léguas, onde se travou o primeiro combate com alguma violência, no dia 17 de janeiro. Os acontecimentos heroicos que se sucederam nesta localidade até a rendição das tropas florianistas com a morte do General Antônio Ernesto Gomes Carneiro (09 de fevereiro) merecem referência especialíssima. Longa seria a narrativa desses fatos que, como se sabe, por um erro estratégico dos maragatos, permitiram a reorganização das tropas florianistas e a retomada de Curitiba e do Paraná, com a volta de Vicente Machado, reassumindo o governo no dia 04 de maio de 1894.

V - Concomitantemente, com a tomada da cidade de Paranaguá por Custódio de Melo, ocorrida no dia 15 de janeiro de 1894, a ocupação de Curitiba pelos rebeldes federalistas gaúchos, conhecidos por maragatos, se inicia na madrugada de 17 de janeiro de 1894, quando um grupo de homens comandados pelo médico João Meneses Dória, intitulado-se Coronel do Exército Libertador tomou a estação ferroviária de Serrinha, situada um pouco adiante de Balsa Nova. Desse ponto, com a cumplicidade dos telegrafistas daquela estação e com a finalidade de

causar pânico, passou a informar que milhares de maragatos estavam se dirigindo à Curitiba. As tropas legalistas sob o comando do General José Maria Pego Júnior, que se deslocava em composição ferroviária rumo a Ponta Grossa, diante da informação telegráfica, desistiu da viagem de trem e empreenderam marcha terrestre com destino à Castro, Jaguariaíva e Itararé, cruzando o rio Cerne e passando pela vila de Assungui (atual Cerro Azul), seguindo a comitiva de Vicente Machado que se antecipara nesse movimento de retirada.

Enquanto isto, desde o dia 15 Paranaguá fora subjugada e já no dia 16 de janeiro, atendendo às ordens do Comando das Forças Libertadoras, foi aclamado Governador do Estado do Paraná, o capelista Coronel Teófilo Soares Gomes que governou apenas por quatro dias, uma vez que no dia 21 de janeiro, em Curitiba, tomava posse como novo Governador o médico parnanguara João Menezes Dória.

A passagem do governo se deu em Curitiba quando aqui se reuniram os comandantes das forças rebeldes, numa mansão situada no Alto da Glória, quando prevaleceu a opinião de Gumerindo Saraiva, apoiando Menezes Dória, em contraposição à nomeação feita por Custódio de Melo em Paranaguá.

João Menezes Dória governou o Paraná desde 21 de janeiro até 24 de março de 1894. Foi sucedido por Francisco José Cardoso Júnior, veterano da Guerra do Paraguai que na ocasião já contava com 68 anos de idade. Segundo consta não se interessou muito pelo poder que lhe foi conferido, deixando o governo acéfalo. Por esse motivo, cerca de dez dias depois de sua nomeação, portanto, no dia 3 de abril, tomava posse como Governador o baiano Tertuliano Teixeira de Freitas, irmão caçula do jurista Augusto Teixeira de Freitas. Sua permanência no governo durou aproximadamente um mês.

O último dos governadores desse período de permanência dos maragatos no Paraná foi Antônio José Ferreira Braga

VI – A revolução federalista revelou muitas personalidades que merecem ser enaltecidas pela história. Dentre estas, além dos participantes do Cerco da Lapa, devemos cultuar, em especial, a grandeza de Ildefonso Pereira Correia – Barão do Serro Azul.

Compreenda-se que a capital do Estado do Paraná ficara a mercê dos maragatos diante da retirada do General José Maria Pego Júnior, Comandante do Distrito Militar e também do Governador Vicente Machado, que transferiu seu governo para Castro. A evacuação das tropas legalistas provocou verdadeira acefalia diretiva, preenchida pelo espírito de chefia e autoridade moral do Barão do Serro Azul, assistido prontamente pelos comerciantes e ervateiros da cidade. Na verdade, a postura desses homens preservou a sociedade dos notórios abusos decorrentes das estripulias e conhecidas desordens causadas pelas hordas dos maragatos em suas passagens por Ambrósios, Rio Negro, Tijucas do Sul e Lapa. Entretanto não os livrou da morte.

Esses emblemáticos sacrifícios serviram para demonstrar a magnificência dos paranaenses que, embora tenham visto o sangue derramado pela crueldade das paixões políticas, assim mesmo, reconstruíram suas vidas. É bem verdade que a revolução atingiu nosso Estado no cerne de sua gente, separando os paranaenses em grupos inimigos a odiarem-se de morte, consoante afirmou Bento Munhoz da Rocha Neto na sessão da Câmara Federal de 18 de novembro de 1946, em comemoração ao centenário de nascimento do General Gomes Carneiro.

Disse ele que o sentimento foi tão profundo que *“passado meio século da luta fratricida, quando se processa uma recomposição política, é ainda comum que ressurgam as velhas quizilhas entre pica-paus e maragatos, a determinar afinidades e incompatibilidades ancestrais, que já não podem caber neste nosso tempo definido por afinidades e incompatibilidades de nova espécie”*. Mas todos, pica-paus e maragatos são unânimes no culto do herói que caiu em 09 de fevereiro de 1894, no cerco da Lapa, cumprindo o seu dever.

VII – Do mesmo modo cultuemos nosso Barão do Serro Azul, trazendo um fato histórico devidamente comprovado, todavia, lamentando a truculência e as atrocidades cometidas por maus brasileiros que ficaram marcados com o rótulo da infâmia.

Consiste ele no “termo de verificação e inumação” dos cadáveres do Barão do Serro Azul, Presciliano da Silva Correia, José Lourenço Schleder, José Joaquim Ferreira de Moura, Balbino Carneiro de Mendonça e Lourenço Rodrigues de Matos Guedes, realizado no dia 25 de maio de 1894, uma sexta-feira.

Tinham sido executados, por ordem do Governo legal, na noite do domingo anterior, 20 de maio de 1894, em consequência de serem julgados cúmplices da revolta federalista que invadira o nosso território e nele permanecera desde 17 de janeiro até 24 de abril do referido ano.

Permaneceram insepultos, portanto, por cinco dias, às margens da ferrovia Curitiba-Paranaguá, no quilômetro 64,8 aproximadamente, ou seja, cerca de dois mil e duzentos metros depois da Estação Veu da Noiva, despojados de seus haveres e amontoados perto da mata que circunda o talude ali existente. Apenas o cadáver de Matos Guedes foi encontrado um pouco mais distante, cerca de trinta (30) metros, a beira de um riacho.

A execução desses seis cidadãos envergonhou o Estado do Paraná. Foram seis chefes de família que não mereciam o castigo ordenado e cumprido pelas forças legais, sob o comando do General Ewerton Quadros, que tinha como auxiliares diretos nessa empreitada os Alferes Joaquim Freire e Ataliba Lepage. Aceitaram eles, sem qualquer reserva, a alegação de cumplicidade das vítimas com os maragatos, o que, posteriormente, ficou arredado diante das circunstâncias da ocupação e da postura de todos eles em defesa da família paranaense, principalmente em face da liderança do Barão do Serro Azul. Proteção esta que deixou incólume Curitiba da rusticidade dos carbonários salteadores sulistas.

O *jus sepelendi* que lhes fora negado pelos verdugos foi cumprido

por uma piedosa comitiva que partira no dia 25, por volta das 07,30 horas, da estação da estrada de ferro da vila de Piraquara (Km. 87) e chegou ao sítio desejado em torno de 08,00 horas da manhã. Era composta pelo Major Praxedes Gonçalves Pereira, Capitão Luiz Vitorino Ordini, Tenente Agnello Carmeliano Pereira, cidadãos Alberto Munhoz da Rocha, Domingos Leal Nunes, Manuel Simões e Simão Marques, os três últimos como trabalhadores que acompanhavam o Major Maurício Sinke (genro do comendador Presciliano da Silva Correia). Todos foram enterrados nos lugares em que foram encontrados, a exceção de Matos Guedes, cujos restos mortais foram puxados um pouco para cima para afastá-lo do riacho.

VIII – Finalmente, em 15 de maio de 1895, clandestinamente, por volta das 19,00 horas, no Cemitério Municipal de Curitiba (do lado esquerdo da frente do cemitério, onde havia uma cerca de tábuas), foram enterrados os cofres com os cadáveres do Barão do Serro Azul (Ildefonso Pereira Correia) e do Comendador Preciliano da Silva Correia, “*vítimas sacrificadas ao furor das autoridades legais a vinte de Maio de mil oitocentos e noventa e quatro, sendo o primeiro inhumado na carneira número quatro mil quinhentos e quarenta e três e o segundo na de número quatro mil quinhentos e cinquenta e dois, achando-se a este ato presentes o desembargador Agostinho Ermelino de Leão, Tenente Coronel Joaquim Antonio Guimarães, David Antonio da Silva Carneiro, Manoel do Rosário Correia, Major Maurício Sinke, Praxedes Gonçalves Pereira, doutor Antonio Candido de Leão, Tenente Agostinho Ermelino de Leão Júnior, Capitão Luiz Vitorino Ordini, José Francisco Correia, Leocádio Cisneiro Correia, Pedro Falce, Manoel Xavier Pereira, e o zelador do cemitério Serafim Santoni*”.

Este termo foi feito em três vias, escritas por Ermelino Agostinho de Leão, sendo selado com estampilha de duzentos réis da República Brasileira, Estado do Paraná.

IX – Por força da Lei 11.863, de 15 de dezembro de 2008, de iniciativa do Senador Osmar Dias (Projeto de lei nº 354/2004), o nome do Barão do Serro Azul se encontra inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.

X - Este é um pequeno resumo dos acontecimentos relacionados com a revolução federalista que se de um lado trouxe lances de heroísmo e bravura, de outra banda magoou a família paranaense em face dos eventos sanguinários praticados pelos infelizes maragatos que ocuparam o Paraná até abril de 1894, quando foram daqui expulsos.

Não menos cruéis foram os vencedores em face da desnecessária vingança engendrada contra cidadãos indefesos e injustamente acusados de inexistente perfídia.

BIBLIOGRAFIA

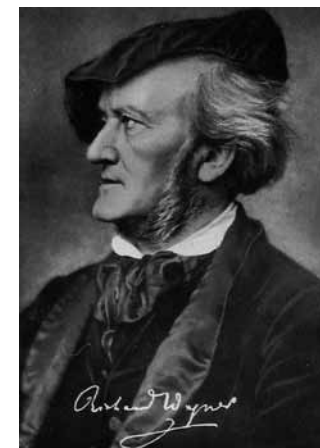
- a) - Revolução Federalista – David Carneiro – Atena Editora – São Paulo – 1944.
- b) - Gabriel – Iberê de Mattos – Editora Lítero-Técnica – Curitiba - 1981.
- c) - Munhoz da Rocha – Perfis Parlamentares – Câmara dos Deputados – 1987 - pág. 582
- d) - Memorial do RS nº 13 – Sérgio da Costa Franco – O Partido Federalista do Rio Grande do Sul.
- e) - História do Paraná – Romário Martins – Editora Travessa dos Editores – Curitiba - pág. 294 e ss.

O BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE UM GIGANTE : RICHARD WAGNER

Por Osvaldo Colarusso

Em 22 de maio de 1813 nascia em Leipzig, Alemanha, um dos mais importantes e influentes compositores da história da música ocidental: Richard Wagner. Sua fé em uma nova maneira de se enxergar a arte em geral fez dele um verdadeiro messias de uma nova era da arte musical. Nascido em meio a uma família devotada ao teatro desde cedo o compositor se interessou no teatro musical, mais especificamente na ópera. Desde tenra idade Wagner tinha um enorme apreço pela arte musical alemã, especialmente por Beethoven e Carl Maria von Weber, mas pretendendo fazer uma conquista nos teatros líricos acabou sofrendo influência no início de sua carreira tanto de alguns mestres italianos mas sobretudo da “Grande ópera” francesa de Meyerbeer.

Seu primeiro grande sucesso, “Rienzi o último dos tribunos”, estreada em Dresden no ano de 1842 é um trabalho fortemente calcado no esquema de Meyerbeer, com cinco atos e uma ação preenchida por cenas impactantes, como procissões, desfiles, orações e incêndios. Esta estreia foi um imenso sucesso e valeu a Wagner o cargo de diretor musical da ópera de Dresden, isso aos 29 anos de idade.



Algo especial já neste trabalho juvenil é o fato dele próprio escrever seus libretos, e seu objetivo de tornar o teatro lírico uma fonte de reflexão também aparece bem evidente. A partir de sua nomeação na capital da Saxônia Wagner vai escrever três óperas, nas quais aparece seu desejo de cultivar um discurso que permita discutir algum mito: em “Der fliegende holländer” (O Holandês errante ou O navio fantasma) ele discute a entrega voluntária de uma mulher a um homem amaldiçoado, em “Tannhäuser” um homem dividido entre o mundo dos prazeres e o mundo da pureza e em “Lohengrin” um ser que não pode viver com quem ama se sua verdadeira identidade é revelada. Este estudo de mitos humanos nos faz reencontrar o teatro grego clássico, e Wagner se revolta com um público que busca apenas a diversão, e não a evolução espiritual. Ao envolver-se na revolução republicana de 1849 o compositor foge da Alemanha e se refugia na Suíça. Os líderes da revolta, Bakunin, Otto Leonhardt Heubner e August Röckel foram condenados à morte (mais tarde as sentenças foram comutadas em prisão perpétua), e se Wagner ousasse pôr os pés em qualquer território alemão teria o mesmo destino.

É neste momento que ele vai escrever suas obras teóricas mais importantes: “Arte e revolução” e “Ópera e drama”. E é neste momento que ele imagina uma obra grandiosa, que se desenvolverá num ciclo de quatro óperas: “O anel do Nibelungo”.

Este trabalho ocupou o compositor por um quarto de século, e sua ideia de colocar em cena verdadeira reflexão mítica, mostra a inutilidade dos sonhos de poder se há uma ausência de amor. Não só a música é maravilhosa, mas o texto pode nos levar a muito mais do que simplesmente a admiração musical. Estas quatro óperas (O ouro do Reno, A Valquíria, Siegfried e O crepúsculo dos deuses) levam mais de 16 horas para serem executadas, e modificaram completamente a maneira de se encarar um espetáculo lírico. Enquanto escrevia este ciclo monumental Wagner compôs duas óperas que navegam mais uma vez na questão mítica. “Os mestres cantores de Nuremberg” trata de renúncia e “Tristão e Isolda” trata do amor. Em “Tristão e Isolda” Wagner abre caminhos

para a música do futuro, e não fosse o original trabalho do mestre com certeza a arte musical ocidental seria totalmente diferente.

Pensando em fugir da rotina teatral típica dos teatros de ópera, e fugindo da maneira superficial da absorção de sua mensagem filosófica Wagner pensou em ter um teatro especial, numa pequena cidade, aonde o único motivo das pessoas irem até lá seria os seus dramas. A cidade escolhida foi Bayreuth, e o teatro pensado por ele, inaugurado em 1876, permanece até hoje inteiramente dedicado às suas obras. Em 1882 Wagner compõe sua última obra: Parsifal. Desta vez o mito é a iniciação, e através de figuras da literatura medieval alemã o compositor realiza o mais apaixonante de seus textos dramáticos, além de uma música absolutamente maravilhosa. O compositor viria a falecer em 13 de fevereiro de 1883, em Veneza.

A influência

Sem Wagner, como já disse, a arte musical ocidental seria completamente diferente. Sua influência em termos orquestrais pode ser sentida nos compositores mais futuristas: Anton Bruckner, Gustav Mahler, Richard Strauss, Arnold Schoenberg e muitos outros. Mesmo compositores que não expressaram admiração pelo compositor alemão acabaram se influenciando também. O grande compositor francês Claude Debussy, por exemplo, sofre uma imensa influência das sonoridades de “Tristão e Isolda” e “Parsifal”, e sua única ópera “Pelleas et Mélisande” utiliza diversas técnicas de associação dramático-musical herdadas de Wagner. Em termos harmônicos o pensamento de Wagner levará ao atonalismo no início do século XX, e as óperas mais importantes depois de sua morte sofrerão imensa influência do gênio de Bayreuth. Mesmo o mais renomado mestre italiano do início do século XX, Giacomo Puccini, revela uma imensa predileção pelas técnicas de identificação musical, os assim conhecidos como “leitmotiv”, motivos condutores que Wagner aperfeiçoou ao extremo em suas obras.

Wagner e Nietzsche

A polêmica entre o compositor e o mais conhecido filósofo alemão da segunda metade do século XIX já foi tratada em diversos livros. Se Nietzsche no início de sua carreira idolatrava Wagner, sobretudo em seu livro “O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música”, esta idolatra passa a ser um imenso ódio. Seus livros “O caso Wagner” e “Nietzsche contra Wagner” destilam uma série de incompreensões dos motivos que levaram um revolucionário anarquista admirar e bajular um rei (Ludwig II da Baviera) para que o mesmo sustentasse o compositor e conseguisse o dinheiro necessário para a construção de seu teatro em Bayreuth. Além disso, Nietzsche não encontrava lógica em Wagner utilizar o cristianismo como pano de fundo para sua última ópera, “Parsifal”. O filósofo via o compositor como um “vendido”. Dois livros esclarecem bem esta discórdia: “Nietzsche e Wagner A Lesson in Subjugation” de Joachim Kohler que existe em alemão e em inglês. No entanto o livro que reputo imbatível no assunto é “Wagner und Nietzsche” do grande barítono alemão Dietrich Fischer-Dieskau. Este magnífico estudo pode ser lido em alemão e inglês. As obras de Nietzsche citadas acima tem, em português, traduções primorosas de Jacob Guinsburg, e estão ainda em catálogo as boas traduções de Paulo César de Souza.

Wagner e Dom Pedro II

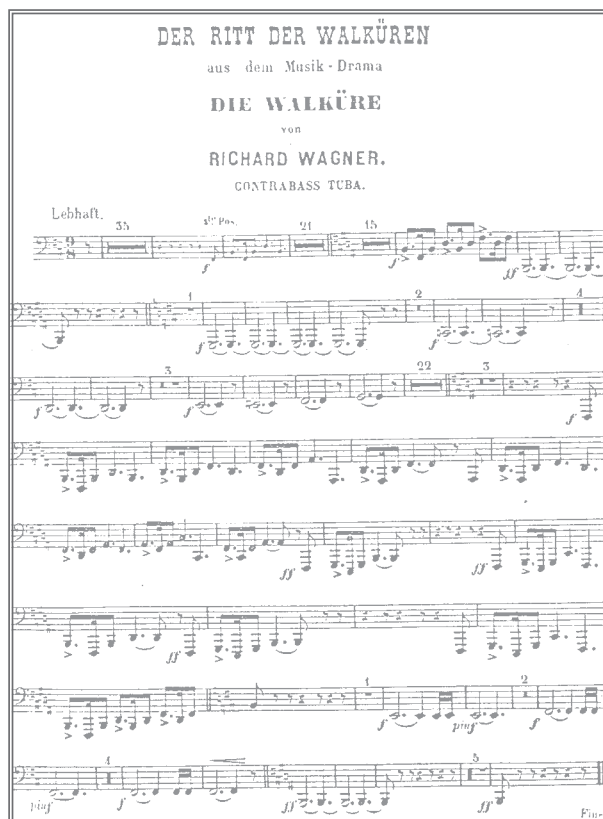
Em sua autobiografia “Minha vida” Wagner narra um contato do imperador brasileiro Dom Pedro II, oferecendo-lhe acolhida em nosso país. Em março de 1857, quando o compositor se encontrava ainda exilado, e numa situação financeira desesperada, o embaixador brasileiro em Leipzig apareceu inesperadamente em Zurique trazendo uma mensagem

para o compositor. Sua Majestade Imperial Dom Pedro II, Imperador do Brasil, estava muito interessado no trabalho de Wagner, e queria que ele fosse para o Rio de Janeiro. Wagner ficou tão entusiasmado que mandou partituras ricamente encadernadas e autografadas de O Navio Fantasma, Tannhäuser e Lohengrin para o Brasil, e ficou aguardando uma resposta. Passaram-se muitos meses, e a resposta não veio. Wagner chegou a pensar que tinha sido alvo de uma brincadeira. Só muitos anos mais tarde, quando o próprio Pedro II compareceu para cumprimentá-lo pessoalmente no primeiro Festival de Bayreuth em 1876, é que Wagner ficou sabendo que o interesse do imperador na sua obra era verdadeiro.

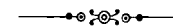
As novas tecnologias facilitam o contato com a obra de Wagner

Conhecer as monumentais obras de Wagner tornou-se imensamente mais simples nos dias de hoje. Todas as obras do mestre estão disponíveis em DVD ou Blu-ray, e a possibilidade de, através de legendas, inteirar-se do texto, faz com que a compreensão seja muito mais simples. Para quem quer ter um primeiro contato com a obra de Wagner alerta que muitos encenadores alteram drasticamente as informações dramáticas, numa reinterpretação muitas vezes irritante. Isto faz com que as valquírias, por exemplo, apareçam comprando blusas na Zara, ou que Siegfried apareça vestido de Elvis Presley. Por isso recomendo sempre montagens que respeitem as intenções do autor. Todas as montagens realizadas no Metropolitan Opera de Nova York são excelentes, e serve muito bem a que aprofundemos nosso conhecimento. Do teatro americano recomendo “Parsifal”, “Os mestres cantores de Nuremberg” e “Tannhäuser”. Em catálogo ainda se encontram duas montagens de “O anel do nibelungo” realizadas no “Met”, uma dos

anos 80/90 e outra bem recente, ainda em cartaz. Ambas são ótimas. O “Lohengrin” estrelado por Plácido Domingo ainda é o melhor vídeo da ópera e o “Tristão e Isolda” do “Scala” de Milão, com Waltrud Meier, é de uma qualidade realmente impecável. As gravações apenas em áudio revelam artistas do passado, de uma época em que raramente se registrava em vídeo uma ópera. É nestas gravações que podemos ouvir as vozes insubstituíveis de Birgit Nilsson, Wolfgang Windgassen, Christa Ludwig e Dietrich Fischer-Dieskau, glórias do canto wagneriano.



Comentário de Eduardo Rocha Virmond



Comentário de Eduardo Rocha Virmond - O cineasta Tom Hooper, que dirigiu o famoso seriado “John Adams” e o magnífico filme “Discurso do Rei”, perguntado porque ele usava em seus filmes a música de Beethoven, explicou: “Beethoven pertence ao nosso inconsciente coletivo”. De minha parte, também digo que Beethoven está em meu inconsciente coletivo. Talvez com Mozart, Bach, mas não com Richard Wagner. Este gigante está contudo em outras esferas, como ressaltou o Maestro Osvaldo Colarusso, grande músico e profundo conhecedor crítico de música, em seu artigo que transcrevemos, autorizados pela escritora e jornalista de primeira cepa Marleth Silva. Obrigado Marleth, por isto e pelo artigo do Dante Mendonça. Colarusso conseguiu a proeza, com muita objetividade, até mesmo simplicidade de linguagem, dar uma visão global sobre Richard Wagner, suas obras e suas atividades.

Embora o Anel de Nibelungen seja sua obra mestra (as quatro operas, O Ouro do Reno, As Valquírias, Siegfried e o Crepúsculo dos Deuses) a mais popular e mais querida, por assim dizer, é a ópera Tristão e Isolda. Depois desta, isoladamente, as Valquírias, por causa naturalmente de seu retumbante “leitmotiv”, que serviu até de um dos temas do cruel filme de Coppola “Apocalypse Now”, muito bem aproveitado por sinal.

As interpretações do “Anel” (“Der Ring des Nibelungen”) estão à disposição em CDs, em DVDs e em Blue Ray. A última em Blue Ray, em Nova York, é ressaltada pelo Colarusso. De minha parte, tenho duas observações a fazer, a primeira que a engenhosidade de lá não me parece ter funcionado a contento, a segunda é a de que os intérpretes, todos com mais de cento e cinquenta quilos, não convêm totalmente, porque perdem para os outros, do disco de Karl Bohm, a Birgit Nilsson, Theo Adam, a fantástica orquestra de Bayreuth, do disco de Georg Solti, com a Filarmônica de Viena, outra vez Birgit e mais Windgassen, Gottlob Frick, Christa Ludwig, o canadense George London, com homenagem e presença de Kirsten Flagstad, entre outros wagnerianos. Quanto às engenhosidades (ia dizer geringonças), parece-nos que a da ópera de Amsterdam era mais bonita.

Bem, tudo isso, estes exemplos só servem para saudosistas (como eu, Joel Mendes, Carlos Demeterco, Hélio Germiniani, Eduardo Todeschini, Eduardo Alberto Marques Virmond, Arnaldo Rebello, ainda outros, todos fanáticos), para afirmar que não se faz mais música como antigamente, - o que é uma injustiça para com os contemporâneos. Só quero afirmar, por fim, que o meu Wotan é o baixo inglês James Morris, sem igual, convincente e elegante, do DVD anterior de James Levine, Metropolitan Opera House.

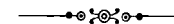
E Giuseppe Verdi? Strawinsky admirava Bellini (Norma), natural da Sicília, mas tinha certo desdém em relação a Wagner (e seus homens chifrudos, como dizia). Nada pois como “Il Trovatore”, sem ir para trás, sem falar-se no invencível Mozart portanto.

Seja como for, não sejamos preconceituosos, adotemos o velho preceito “comparações não prestam” ou só servem para exibicionismo nosso e de alguns poucos. Vamos curtir o Wagner de todos esses, mais de Furtwangler etc., vamos assimilar o novo Blue Ray, vamos sentir os prazeres infinitos da música e de Richard Wagner, forte e presente, gigante e desafiador. Vamos aplaudir Osvlado Colarusso pela sua visão musical e clareza de idéias. Quanto mais claro e simples, mais sábio.

Em sua autobiografia, Arthur Rubinstein conta que, no começo do século, estudante em Berlin, foi assistir o “Ring” com a célebre diva Emmy Destin, que fazia Brunnhilde. Que a emoção de que foi sacudido era tão forte que ele era obrigado a ir chorar nos corredores da Opera de Berlin. Não sentimos mais isso porque os meios de reconhecimento da música são hoje tão sofisticados que você pode assistir o Ring de pijama, em casa, como lhe aprouver. Emmy Destin era famosa atriz alemã, Rubinstein ficou apaixonado por ela. Como sempre, ele conta vantagens, dando a entender que ela se tornara sua amante (duvido que fosse verdade, ele era um piá).

Voltemos a Wagner e Colarusso. Estaremos bem com qualquer das sensacionais apresentações. À propósito, repudiaremos sempre a modernidade cafona que faz Wotan, por exemplo, com paletó de fumoir, mexendo com os dedos os gelos em um copo de whisky. Modernudo e repugnante. Nem vou dizer quem fez isso em Bayreuth, mas tenho certeza que Wagner e Colarusso repudiam essa versão.

A SAUDADE DAS TARDES DE PRIMAVERA



Por René Ariel Dotti

Há alguns anos eu redigi um texto para a exposição do pintor **Guilherme Matter** (1904-1978), no Clube Curitibano. Ele já havia falecido e eu escrevi - com a pena *molhada na nostalgia* - sobre o tempo em que freqüentava o seu *ateliê* juntamente com o amigo **Danillo Lorusso**. O título (*A primavera e as criações de Matter*) procurou evocar os dias do final de setembro e de outros tempos que chegariam na sua casa e nos arredores da Avenida Paraná.

Eram tardes de sábado dos anos sessenta com as cores, a claridade e o cheiro da primavera. Ele tinha poucos alunos e rejeitava novos interessados. Sua didática era simples e direta. Consistia em mostrar os segredos da técnica de misturar as tintas e modelar com o pincel ou a espátula as formas dos objetos que iam surgindo: campos, matas, águas, caminhos estreitos. **Matter** não se preocupava com a natural inclinação dos alunos em imitar o seu estilo singelo e atraente: ao contrário, estimulava-os para olhar, sentir e interpretar a natureza como ele próprio fazia. Ao sair com eles para fora da casa parecia um guia apontando os locais de adoração: “Vejam aquela parte do mato: ela tem vermelho, amarelo, azul. Não é só verde”. Os aprendizes olhavam fixamente os pontos indicados, mas não conseguiam enxergar e reproduzir as imagens com a facilidade e o talento do mestre.

Outra marca indelével de sua figura humana era o entusiasmo com o próprio trabalho. Ele acreditava no que estava fazendo e irradiava paixão trazendo à vida pinheiros, águas, ruelas, sombras que iam nascendo pela ponta do pincel, luz que ia fazendo com o risco da espátula no alto de uma colina. *“Veja como está vibrando esta macega (...) olha como está forte aquele telhado...”*, dizia orgulhoso da obra que estava compondo.

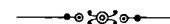
Entre os alunos, o mais dedicado e atento era o **Danillo Lorusso**. Ele seguia os gestos e ouvia as palavras do mestre com o silêncio e o respeito que merece a boa e fecunda oração religiosa que fala da alma para o coração.

Com a última viagem de **Matter**, a Avenida Paraná ficou mais vazia. O pequeno grupo de alunos se dissipou. Eu, que freqüentava o atelier mais pela atmosfera de liberdade e alegria dos sábados, não encontrei mais os outros. Só o meu amigo **Danillo**. Muitos anos mais tarde, quando fui convidado para assumir a Secretaria de Cultura, um dos primeiros nomes que lembrei para me ajudar foi o dele. Profundamente leal e afetuoso, revelou outras virtudes como a boa gerência administrativa, a absoluta retidão funcional e um extraordinário desvelo com a probidade financeira de projetos culturais cujos custos eram também por ele analisados. Para esse mister muito lhe valeu o magistério e a experiência profissional nas áreas de contabilidade e administração.

Após um fecundo trabalho público, **Danillo** viveu outras tardes de primavera na solidão criadora de sua casa e, mais tarde, no convívio da família e dos alunos que o procuravam após conhecer a qualidade de suas telas identificando as peculiaridades e a sedução da paisagem paranaense.

Agora, há poucos dias, ao voltar de uma viagem do exterior recebi a notícia de que ele também havia partido.

Nesses momentos de quietude em que escrevo esse bilhete de saudade eu lembro o entusiasmo de **Danillo** com a vida, por maiores que fossem as dificuldades, e a sua irresistível paixão pela sua pintura que criou com estilo, tema e calor próprios à sua personalidade e ao seu talento. Eu reencontro o amigo ao olhar para a sua obra. São óleos sobre telas com paisagens de arredores de Curitiba; são águas que rolam de um canto do morro; pinheiros de braços estendidos e as mãos abertas para o alto; manhãs e tardes de todas as estações do ano; são, enfim, os rastros da criação e os retratos da natureza, distribuídos pelas paredes da casa e do meu escritório.



HISTÓRIAS DA PRAÇA OSÓRIO



Por Paulo Vitola



Sabe o rio Ivo, que desce a Fernando Moreira, passa por baixo do Bar Triângulo e vai se encontrar com o Belém na altura da Tibagi? Por cima dele, mais ou menos em frente ao Palácio Avenida, havia uma ponte. A Rua das Flores acabava ali. A Avenida Luiz Xavier e a Praça inteira, o começo da Vicente e da Comendador, tudo isso era um banhado só. Aí, no dia 15 de abril de 1871, inventaram uma estrada que ia atravessar o pântano e seguir para oeste, na direção do Buraco da Velha. Era a Estrada do Mato Grosso. (A propósito, para quem não sabe, Buraco da Velha é o pedaço de céu que a gente enxerga entre os prédios, quando olha da Praça Osório em direção ao alto da Vicente Machado. Quando aparecem ali nuvens cinzentas, pode escrever: é chuva na certa. Pelo menos, entre as teorias científicas de minha avó, essa era uma das mais aceitas.)

Ao lado da Ponte do Ivo, lançaram pedra fundamental e enterraram uma caixa de ferro com documentos, jornais, moedas de ouro e a ata de abertura da Estrada. Era para a posteridade. No dia seguinte, porém, quando chegaram ao local, os operários já encontraram a caixa arrombada e vazia. O prefeito pergunta: quem foi? Enquanto a polícia investiga, ele ordena: comecem a obra! Tratem de secar o charco e abram espaço para ali surgir um largo! Demorou 3 anos para a ordem ser cumprida. Uma parte daquela região pantanosa virou a menor avenida do mundo. A outra, uma Comissão denominou Largo Oceano Pacífico,

evocando, com certo exagero, o seu submerso passado. Quanto à caixa de ferro, ninguém nunca mais encontrou.

Em 1879, o Largo Oceano Pacífico recebeu o nome de um Guerreiro, assim, como o dia vira noite. Em homenagem ao herói da Guerra do Paraguai, virou Praça General Osório. Um descampado, para falar a verdade. Os militares usavam para fazer suas manobras. Provável que, por ali, tenha fugido, na madrugada espessa de 29 de janeiro de 1893, o ansejada Diniz, levando no bolso a navalha manchada do sangue de Maria Bueno. De quando em quando, na Osório, erguia-se a lona do circo e a multidão acorria para aplaudir o Homem de Borracha, o Engolidor de Fogo, a Mulher Barbada, as Gêmeas Siamesas. Entre 1903 e 1905, o trecho que ligava a Rua 15 à Comendador foi arborizado com álamos e, pelos trilhos que cortavam a Praça de lado a lado, trotavam os bondes puxados por pares de burros. Com seu entorno calçado e o restante do espaço recoberto por alvos seixos rolados, a Osório foi inaugurada com banda de música e tudo.

Ah, maravilha das maravilhas, onde hoje está o Cine Plaza, em 1907 surgiu o Parque Éden Paranaense! No meio do terreno murado, um barracão de madeira. Em torno do barracão, barraquinhas vendiam delícias. De um coreto, brotavam valsas, polcas, serestas, mazurcas. Mas dentro do barracão, a suprema atração da cidade: o cinematógrafo! O invento dos Irmãos Lumière encantava os curitibanos projetando em uma tela imagens que se mexiam. A Osório sempre foi a Praça novidadeira. Vai me dizer que você não pagou um cruzeiro para ver ali o Homem Macaco ou a Mulher Aranha! Só se ainda não tinha nascido.

A Curitiba do início do século XX carecia de uma autoridade máxima no mister de medir o tempo, infalível na tarefa de informar a hora certa a todos os relógios da cidade. Quando mandou reformar a Osório, em 1913, o prefeito decidiu resolver esse assunto. A Praça foi

remodelada, ganhou jardins e aleias. Um cisne e 6 sereias abraçadas a peixes boquiabertos vieram da França para fazer jorrar água em um elegante repuxo de bacia circular. Um pouco adiante, cresceu na Praça um coreto que, por muitas décadas, haveria de ser animado pela Banda da Polícia Militar. Mas, dominando a cena, no alto de uma coluna feita do melhor granito de Piraquara, lá estava um relógio elétrico, de máquina inglesa, para marcar nossa hora oficial com pontualidade britânica.

No dia da inauguração, 19 de dezembro de 1914, a cidade inteira foi para a Praça Osório. No alto da coluna, porém, o relógio não podia bem cumprir o seu papel: o vapor que vinha da Europa, com seus ponteiros a bordo, estava ancorado no porto, a Primeira Grande Guerra impedira de zarpar. O relógio ficou sem ponteiros até 1917. Daí, eles foram colocados, apontando algarismos romanos. Os mesmos, sempre os mesmos, em 1920, 1930, 1940. Já em 1950, sentindo-se meio inúteis naquele relógio parado, os números romanos revoltaram-se, tornaram-se árabes. E nada dos ponteiros saírem do mesmo lugar. No fim dos anos 50, depois das clássicas três badaladas e dos primeiros acordes da ópera O Guarani, Bill Halley fez trepidar a tela do Cine Palácio com seu “Rock Around the Clock”. Mas o relógio da Osório limitou-se a fazer uma piada: ficou completamente quadrado até 1993.

Foi então que, numa noite de março, a coluna de granito se pôs a andar pela Praça, deslizou sobre o petipavê que já cobria a Voluntários da Pátria. Ali, o mostrador do relógio sorriu para o calçadão da Boca, voltou a ficar redondo e os ponteiros, finalmente, começaram a funcionar. Nesse intervalo infinito, sentado em um banco da Praça, um homem de cabelos brancos sonhou que ali os tempos se embaralhavam como as cartas das ciganas guardando passado e futuro para quem quisesse saber. E Tito Schipa cantava “O Sole Mio” no Cine Teatro Avenida. E a Padaria Aurora fazia o melhor pão d’água do mundo. E todo domingo, depois da matinada do Cine Ópera, a Ana Maria passava por aqui.

Logo ao lado daquele homem, surgiu Cândido da Costa, tirou do saxofone um choro de Pixinguinha, enchendo a Osório de suave nostalgia, como quem diz aí que vontade de beber um chope e contar o que eu fiz da minha vida. Na esquina da Cabral, o luminoso do Bar Stuart ouvia o apelo e piscava, rebrilhando nas toalhas vermelhas. E vai correr o pernil de leitão! Assim era a voz do garçom misturada ao ruído do bonde, que agora contornava a Praça, orgulhosamente elétrico, mostrando – eis aqui o Edifício Garcez, 8 andares, primeiro arranha-céu da cidade! Ah, sim, nesse meio tempo, os automóveis foram tomando conta das ruas. E os edifícios pipocaram ao redor da Praça. Santa Júlia, Arthur Hauer, Vasconcelos, ASA, Ana Cristina.

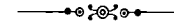
A rapaziada se encontrava nos Cafés Alvorada, Avenida, Ouro Verde. Cada qual no seu estilo, todos assumiam, todas as tardes, por horas a fio, a posição fundamental da paquera. As costas e um dos pés apoiados na parede externa dos prédios e os olhares pregados nas garotas que por ali passavam para com eles flertar. Surgisse uma chance, talvez desse para marcar encontro. Sábado à tarde em frente ao Cine Arlequim? Depois da sessão, dois lances de escada no Edifício Arthur Hauer e – última moda na cidade – uma Banana Split na Confeitaria Iguazu! Muitos desses casais desceram dali juntos, atravessaram a Praça de mãos dadas e, de mãos dadas, subiram ao altar.

A turma do outro lado da Praça era menos casamenteira. Via Godard, Fellini, Buñuel, Welles, Eisenstein, Glauber, sempre na tela do Cine Plaza. E depois seguia para a sobreloja do Edifício Ana Christina. Ali funcionava, primeiro, a Massalândia Roma. Depois, o Jan-Jil. Tanto num lugar como noutro, era possível passar a noite inteira discutindo uma cena ambígua, uma fala enigmática, um movimento de câmera polêmico ou simplesmente a boca ou qualquer outra parte do corpo perfeito, escultural como se dizia, de uma juvenzinha chamada Brigitte Bardot. Quando não havia filme algum para discutir, o teor étlico aumentava

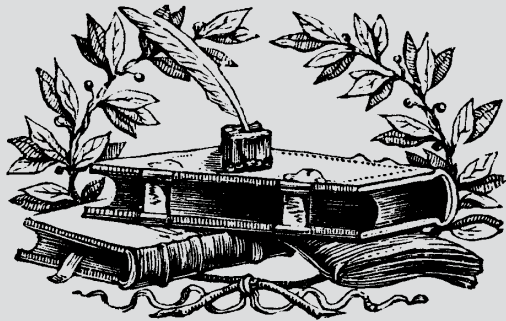
e, paradoxo, o volume das vozes diminuía até as palavras ficarem quase incompreensíveis. Era quando se falava dos planos, em andamento ou puramente imaginários, para derrubar o Governo Militar.

Olha a Borboleta! É a sorte grande! Quem vai levar? E aí, vai uma graxa, doutor? É a máquina de descascar batatas! Não requer prática, nem sequer habilidade! Vamos chegando pra ver! Extra! Extra! Brasil Campeão do Mundo! E agora, vamos executar o Rancho das Flores, de Ary Barroso e Vinicius de Moraes! Na Praça, quantas vozes foram filtradas pelas folhas das árvores, cada vez mais belas, cada vez mais velhas, cada vez mais altas. Árvores nativas, de nomes bonitos, que muita gente nem supõe que estejam ali. Cedro Rosa, Alecrim do Norte, Guapuruvu, Juvevê, Canela Guaicá, Ingazeiro, Quina, Angico, Peroba, Cerejeira, Dedaleiro, Branquilha, Pau Jacaré, Adalbergia, Aroeira, Monjoleiro, Jerivá, Mulungu, Pata de Vaca, Cordia, Pau Marfim, sem falar nas Araucárias, nos Ipês Amarelos em flor. Nunca viu um Araçá de Porco? Um Pau d'alho? Uma Canafístula? Também, a Praça Osório tem 411 árvores! Duvida? Pois venha contar.

Praça Osório, cota zero, para ela descem todas as águas. Águas da chuva, águas do Ivo, águas da memória. Provenientes de todos os bairros, todos descem para cá. Caem na Praça como as moedinhas de neon que despencam sem parar no luminoso da Caixa Econômica Federal. Abaixo da cota zero, só mora o Nelson Barbudo. No porão de um dos prédios da Praça, duas janelinhas de vidro martelado, bem na altura da calçada, deixam entrar a claridade do dia. Assim ele fica sabendo a hora de dar uma volta, tomar o café da manhã. Uma noite, a turma comprou uma lata de tinta preta e pintou as janelinhas pelo lado de fora. E por muitos anos correu a história de que o Nelson dormiu 3 dias seguidos. Só saiu da cama quando fustigado por fome avassaladora. Será que isso foi verdade?



Por Dante Mendonça



Dizem os seguidores do Conselheiro Acácio (aquele personagem de Eça de Queiroz precursor dos livros de autoajuda) que os brasileiros deveriam aprender o idioma de Portugal antes de conhecer Lisboa. Assim não ficariam *contundidos* (magoados) ao ganhar de presente uma *calcinha* (cueca), ou mesmo quando um médico de além-mar receitasse uma *pica* (injeção) no *serviço de urgência* (pronto-socorro).

Afora palavras, expressões e o *acento* (sotaque), portugueses e brasileiros falam a mesma língua quando se referem aos políticos. Como diria o Conselheiro Acácio, são todos da mesma laia. São eles os responsáveis pela *marcha atrás* (marcha a ré), pelo *travão* (breque) em que nos encontramos. Principalmente em Portugal, onde a *troika* (a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional) está deixando o gajo sem dinheiro até para entrar *no rabo da bicha para pegar o cacete* (entrar no fim da fila para pegar o pãozinho). O terremoto econômico europeu está causando maremotos de Viana do Castelo ao Faro, onde pretendem sequestrar até um bom tempo da aposentadoria dos portugueses. Por enquanto, a *troika* ainda não sequestrou a poupança. Está sequestrando apenas a esperança portuguesa, com certeza.

Sem querer nos gabar, em matéria econômica o lado de baixo do Equador tem muito a ensinar aos lusitanos. Nossos parentes por parte de língua nem imaginam o que já passamos nos tempos de guerra à

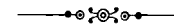
inflação, ao desemprego e à recessão. Até mesmo no tempo da guerra propriamente dita. Poucos sabem, mas a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, a exterminadora de poupanças, seria uma boa correligionária de Getúlio Vargas.

Quando os navios brasileiros foram torpedeados pelos nazistas, em represália o caudilho mandou congelar as contas bancárias dos italianos e alemães residentes no Brasil. A cada navio brasileiro afundado, era retirada uma percentagem de 30% dessas contas, como reparação aos danos de guerra. Houve casos dolorosos. Dona Mafalda, uma italiana sexagenária de Curitiba, então moradora da Água Verde há mais de quarenta anos, casada e sem filhos, ficou sem um tostão depois do quinto navio brasileiro afundado. Suas economias de uma vida foram a pique.

Fosse o Barão de Itararé, diria que há algo mais sob o céu de Lisboa do que o odor de alho e óleo. Melhor descer o Chiado, passar pela igreja de Santo Antônio e subir as ladeiras da Alfama para constatar, do alto do Castelo de São Jorge, que não há luminosidade igual à de Lisboa. Talvez a luz de Paris, mas só numa *tasca* (bar e restaurante) da Trindade para saber que a única diferença entre o pastel e o bolinho de bacalhau é que no Brasil tudo é muito mais caro.



MARGARET ATWOOD E O ROMANCE-CILADA



Por Paulo Venturelli

Em seu monumental e revolucionário estudo sobre o romance – Questões de literatura e estética: a teoria do romance – Bakhtin nos traz uma visão inovadora deste gênero, quando diz que o romance, tomado como conjunto, é um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe, plurivocal. Não temos mais o estilo do autor e sim uma combinação de estilos dentro de uma obra que, sendo linguística, tem uma natureza eminentemente dialógica. O romance rompe as fronteiras tradicionais de como era lido e se torna uma arena de tensões e vozes, em que o autor/narrador é apenas uma voz entre muitas.

Propomo-nos aqui, ainda que de forma rápida, uma leitura sob estes prismas do inquietante romance de Margaret Atwood, O assassino cego. Aparentemente, temos duas narradoras, já que o enredo aborda a vida de duas irmãs: Laura e Iris. Laura é a “maluquinha” de uma família poderosa em Port Ticonderoga, família esta que vai do ápice da riqueza ao plano baixo do empobrecimento. E como cada capítulo é escrito por uma das irmãs, em primeira mão temos uma bivocalidade que depois é desfeita.

Tudo se passa nos turbulentos anos 30, com a grave crise econômica que assola o Canadá e durante a Segunda Guerra Mundial.

As irmãs, filhas de um rico industrial, veem a família perder o fôlego e o poder, quando as indústrias do pai vão à falência e são compradas por Richard, que mais tarde casa-se com Iris. Esta, no casamento, se vê presa numa redoma em que é tiranizada pela cunhada. Como Iris era do

interior, moça simples, de costumes austeros, do dia para a noite está aprisionada nas garras de Winifred que tenta transformá-la numa dama grã-fina, “reeducando-a” pelo domínio completo de suas ações, desde o vestir até o postar-se à mesa, para que ela assuma os modos e hábitos da “alta classe”.

Na aparência, encontramos duas narradoras: uma que conta o presente e o passado da família e outra que escreve O assassino cego, mantendo um tórrido relacionamento com um anarquista fugitivo da polícia. Os capítulos são intercalados por notícias de diversos jornais que fazem referência à vida social e econômica daquela pequena cidade. O romance também nos apresenta cartas, bilhetes, anotações de cadernos, inscrições de banheiros públicos que, por si só, constituem aquele pluriestilismo bakhtiniano.

De antemão, podemos ver como Margaret Atwood, ao tecer seu romance, está usando aquela diversidade de linguagens para as quais aponta Bakhtin e que são organizadas artisticamente, seja no uso de vozes individuais, seja no sentido de línguas estratificadas com acentos diferenciados.

O romance começa com a morte de Laura num acidente de automóvel. Este fato primordial abre uma discussão que jamais será concluída: Laura suicidou-se? Ou tudo não passou de uma falha mecânica no carro que terá levado ao fim da moça? O fato não esclarecido será uma base ideológica para a veneração que cercará Laura depois de sua morte. Esta dúvida e muitas outras permearão as estruturas narrativas do livro, trabalhado com labilidade e ironia, porque “as narradoras” nos conduzem por um caminho que só no final reconheceremos que não é aquele que imaginávamos trilhar.

Iris vive à sombra de Laura porque a publicação do livro desta e seu trágico fim criam uma aura em torno dela, a ponto de transformar o seu túmulo num lugar de romaria, onde seus admiradores constantemente depositam flores, numa espécie de santificação daquela criatura que, em verdade, ninguém conheceu.

O diálogo específico das linguagens do romance, segundo Bakhtin, aqui ocorre com a depressão dos anos 30, com a Segunda Guerra Mundial, as artimanhas e tramoias da política, o jornalismo social, a ganância dos empresários materializada no arrivismo de Richard e duas mentes que encaram o mundo de forma oposta: Laura e Iris. Aquela, mais descontraída e solta; esta, mais formal e com uma vida dentro dos parâmetros aceitos na época, ainda que, ao desenrolar do enredo vamos percebendo que tudo não foi além de um jogo de cena desta mulher de caráter duplo e personalidade multifacetada, uma forma compreensível que ela arranhou para sobreviver e manter a sanidade em meio à cova dos leões.

Dialogicamente muito bem tramado o romance, na verdade, nos apresenta uma série de ciladas, e o leitor, despreparado, cai nelas, porque Margaret Atwood tem uma argúcia invejável em criar as várias tramas que se cruzam e entrecruzam no leito pedregoso do romance. É como se este estivesse com suas sondas abertas e voltadas contra a boa-fé do leitor e apenas no final fica revelado que “as autoras” não eram confiáveis porque, o tempo todo o leitor foi manipulado e levado a crer em algo que na efetividade da trama não existe: Laura não é a tresloucada e Iris não é a mulher formal. Ambas são pinceladas por uma única voz, nascidas de um único foco sobre o mundo, brotando de um esquema ideológico furta-cor que faz de nós, leitores, o que bem entende. E o final, em aberto, nos mostra o quanto fomos iludidos por aquelas “vozes” que em verdade se enfeixam numa única.

Se Bakhtin afirma que a verdadeira premissa da prosa romanesca está na estratificação interna da linguagem, esta é lapidada de tal forma pelas “narradoras” que nelas o leitor vê figuras antagônicas se movimentando num mundo hostil, em que cada uma tem de encontrar um modo de sobreviver e evitar a loucura. A diversidade social da linguagem bakhtiniana se vai afunilando, à medida que os dramas crescem e a divergência de tonalidades se dilui num plano muito bem

armado pela autora real que tem em suas mãos um material denso para armar as ciladas que constituem o ponto forte e o fulcro do romance.

No momento presente, Iris já completou oitenta e dois anos e se vê às voltas com a pobreza, porque se separou de Richard e com um corpo decrepito que não atende mais aos seus comandos. Além disso, tem uma filha rebelde que chafurda nas margens da sociedade e uma neta que não pode manter junto de si pelas interferências danosas de Winifred. Se o seu corpo não é confiável, o discurso igualmente não o é. Mas isto só saberemos no final. Iris, na verdade, está desafiando uma longa reflexão sobre a vida em que muitas ações são reprováveis, só que, num primeiro plano, tudo é imputado à Laura. A fama desta, com a publicação de *O assassino cego*, provoca uma sombra sobre Iris que se atormenta com a desenvoltura e certa ingenuidade da irmã, e toda esta tapeçaria com tantos fios entrecruzados é só mais uma armadilha em que nós, leitores, caímos, manipulados que fomos porque não dispúnhamos dos dados jogados por Iris.

O amor tem uma carga erótica explícita, com encontros de uma narradora com aquele anarquista em hotéis de baixa extração, em quartos infectos, locais estes em que o jovem atraente libidinoso e viril se esconde das perseguições a que está sujeito. Nestes encontros, ele, com a mulher, traçam uma história rocambolesca, um verdadeiro folhetim, ambientada no planeta Zíncron, onde se fazem sacrifícios de donzelas virgens e onde aparece, enfim, aquele que será o assassino cego, que terá um papel redentor e mistificador diante das potências em luta. Este folhetim dantesco dentro do romance representa mais uma vez uma das linguagens do plurilinguismo que são pontos de vista específicos sobre o mundo, sendo formas de interpretação verbal deste mesmo mundo, logo, ideológicas.

Para Bakhtin, a língua não apenas comunica. Quando falamos ou escrevemos, falamos e escrevemos de um determinado mirante sobre o mundo, avaliamos este mundo, portanto, demonstramos nossa

visão e nossos valores axiológicos, em decorrência do que, todo uso de linguagem é ideológico. O romance é um gênero literário ideológico por excelência, porque ele representa o caos linguístico da sociedade e em cada uma dessas emanções há uma tintura de valor. Ninguém usa a língua neutramente, muito menos um romancista que tem ao seu dispor toda a paleta da vida social e, escolhendo este ou aquele ângulo, estará afirmando ou negando verdades prontas que serão postas sob sua lente para ser criticadas ou não. Como ocorre aqui: Richard, sendo um industrial, pensa o mundo de uma forma. É acolitado por Winifred. Já Iris e Laura, por serem filhas de um empresário falido e ver as posses do pai passar para outras mãos, terão outro modo de encarar o mundo. Enquanto entre e Laura e Iris também há um abismo em termos de escala de valores, centralizado numa questão crucial: a primeira renega o casamento e a segunda, por não ter outra saída, casa-se com Richard, justamente aquele que se apoderou dos despojos do pai delas. Nesta multifacetação romanesca, a autora está estilizando leituras do mundo que se conflitam e conformam o rendilhado ideológico do romance, revelando-o como uma teia multiforme de posturas que levam à desgraça de uns e ao sucesso de outros.

E Margaret Atwood é muito sensível a esta questão. Mergulha fundo na psicologia de cada personagem e em suas falas objetivas e refuta a estilística tradicional que, nas palavras de Bakhtin, via a obra literária como um todo, fechado e autônomo, cujos elementos compunham um sistema encerrado em si mesmo que não pressupunha nada fora de si, nem sequer outras enunciações. Para o pensador russo, a visada tradicional sobre o romance o considerava incapaz de se encontrar em interação dialógica com outras línguas, tarefa que nossa autora se propõe a fazer e o faz até as últimas consequências. Porque Atwood, atenta a esta problemática, elabora em seu romance uma colcha de retalhos de vozes díspares. Desde Richard, com seu pedantismo de empresário com falsa moral, passando pela cozinheira que cuida das meninas depois da

morte da mãe delas e sempre tem um dito providencial para cada ocasião que se apresenta, indo até as raias da loucura de Laura que é trancafiada numa clínica por manejos interesseiros de Richard que a obriga abortar um filho seu, atingindo o discurso plácido de Iris, por meio do qual ela se apresenta como uma mulher de classe, o que está longe de ser - esta pletora de vozes refere no plano do romance, tornando-o, pelos menos numa primeira visada, multilíngue, em que choques e divagações, assertivas e negações digladiam-se constantemente, criando a superfície áspera, cheia de reentrâncias e saliências que é a textura primeira de O assassino cego.

Bakhtin ainda nos traz à lembrança que a orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem criou novas e substanciais possibilidades literárias para o discurso, deu-lhe uma peculiar artisticidade em prosa que encontra sua expressão mais completa e profunda no romance. Por esta razão, Margaret Atwood é uma autora de alto coturno, de mão cheia. Ela se recusa a um enredo meramente monológico (num primeiro plano) em que, baseada numa suposta realidade, apenas nos conta uma história. Ela ergue a trama que, num corte longitudinal, nos mostra as várias camadas de vozes de que é constituída, abrindo os condutos do seu romance para a babel social, sugando dali as tonalidades mais diferenciadas, por nos atrair para as ciladas em que a univocidade impera com toda a força e rigor, acentuando a orientação dialógica que é própria de todo discurso, mas apagando a polifonia aparente em nome do monologismo de Iris que governa a narrativa e formata-a do princípio ao fim, até enxergarmos, atônitos, que tudo o que foi contado passou pelo seu crivo, pelo seu filtro e em nenhum momento tivemos a voz direta dos outros personagens. Lançando mão da memória, que modela o mundo segundo os interesses de quem a usa, Iris congelou todo um mundo que se submete a seus princípios, às suas frustrações, aos requintes de manipulação em que foi “treinada” por Winifred. Na verdade, o discurso de Iris não se encontrou com o discurso de outrem. Manteve-se num

trilho subjetivo e particular em que a arte de trair e disfarçar e trapacear é a tônica predominante de sua perfídia.

Assim, a literatura é o texto que imprime uma intenção (objetiva) que estratifica a linguagem semântica e expressivamente. A escritora em pauta é astuciosa nesta amostragem, em que Iris reputa tudo a Laura, a Winifred e a Richard, quando, no frígido dos ovos, ela é o centro das questões que grassam pelo romance, roubando-lhe o ar substancioso, e tornando-o claustrofóbico como uma obra de Dostoiévski.

Da perda da filha à perda da neta, Iris, a narradora, se envolveu em todos os atos, sem parcimônia, trazendo para si a tragédia da solidão e de estar abandonada. Neste ponto crucial, funciona a ironia de Margaret Atwood, cuja prosa sofisticada nos permite entrar num mundo de detalhes sórdidos e também poéticos por meio de surpreendentes metáforas que rasgam um discurso monolítico, tornando-o anuancado e dando ao texto uma tessitura até branda, diante dos dramas narrados.

A autora tem um poder de observação impressionante e nada escapa ao seu olhar. Minuciosa ao montar um cenário, também o é no enquadramento psicológico de cada personagem, nos dando deles um quadro vivo, de gente palpitante e não apenas de figuras aprisionadas pelas páginas. Ao “fotografar” seu mundo, a escritora torna-se até excêntrica pela natureza das imagens e analogias que cria, num excruciante painel daqueles tempos em que uma foto, por exemplo, de um piquenique num parque, em que aparece Laura e o moço que a encanta, mais Iris, sendo que Laura estende a mão para cobrir-se, será uma peça-chave da trama e antecipa muito do que será narrado, como se aquele instantâneo fosse um marco de um destino irrefreável que envolverá as duas irmãs com o mesmo homem. Atwood maneja personagens soturnos do modo vibrante, pulsantes em suas vidas que têm algo de tragédia grega. E, o conjunto final de tudo isto são discursos e vozes em que entrechoques formulam o veio principal do romance de onde emana seu encanto e o poder de atração que exerce sobre o leitor que, como numa boa leitura,

não fica passivo diante do livro, mas é conclamado a juntar as meadas para ir fabricando o que sugere a autora, numa interação viva e frustrada, porque o ponto final cabe a Iris.

Ainda recorrendo a Bakhtin, a palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina por meio do discurso com sua orientação semântica e expressiva. Este povoamento, no romance em tela, se dá em duas mãos. Temos a autora real se apropriando da língua e nela imprimindo suas intenções reais e temos Iris, se adonando de todas as palavras alheias para circunscrevê-las em seu redil e assim ludibriar o leitor com uma cilada atrás da outra, o que garante a alta voltagem literária e a originalidade de O assassino cego.

Margaret Atwood é canadense e tem uma vasta obra. Inclusive, recentemente, teve um livro de poesia vertido para o português por Adriana Lisboa, A porta, que teve ótima recepção da crítica brasileira. Com este O assassino cego, ela conquistou o Book Prize. Vivendo em Toronto, tem os olhos acesos para o mundo e volta e meia nos presenteia com obras-primas como o romance que acabamos de abordar e que não pode ser deixado de lado por quem se interessa pela real literatura digna deste nome.

Outono de 2013

VIAGEM ABISSAL

Por Chloris Casagrande Justen

Olhos na imensidão, repouso na dança dos ventos.

Deixo a alma vagar em portos desconhecidos, vivendo as canções, as lendas, as esperanças de imaginários povos exóticos. Passeio nas lembranças de pradarias e vales, sentindo o perfume dos meus próprios pensamentos.

Na superfície sempre densa, nunca reveladora do fremit da alma tangida pelas dores que definem a humanidade, permaneço como a concretude inerte, exposta ao tempo sem luz, que não permite nem mesmo a bênção do orvalho.

Nem a prata que contorna o vergel da folha ao luar, nem a mágoa que baila nos olhos dos que perderam a esperança, nem o nirvana da apatia do desiludido, são descobertas de quem se deixa impregnar do limbo da realidade.

Deslizando pelas escalas menores da sinfonia da tristeza, mergulho na abissal e silenciosa profundidade do meu ser, debatendo-me com as incertezas da razão, com as simulações da verdade, com a inconsistência da fé.

Na abadia do silêncio e da meditação, dispo-me do cotidiano. Liberto as azas dos meus sonhos, e deixo pulsar as emoções, que fazem cobrir de lágrimas as minhas faces. No cipoal de algas verdes das minhas esperanças, há seixos e seixos pesados como chumbo sob as escondidas amarguras das decepções e a dolorosa e fria saudade do ter sido.

SÍLFIDE

Jamais direi a morte como o fim.
Quero cantá-la como o desvendar
Do ignoto pleno de mistério,
Em melodias feitas de esperanças.

Quando passar a linha do horizonte
E já sem peias a impedir meus passos,
Roçando as ondas que guardam os sons,
Buscando as sombras dos antigos sonhos,
Irei na esteira da Estrela D'Alva

Enquanto a lua pratear de encantos,
Juras de amor e preces de mãos postas,
Sílfide esguia, entre a luz dançando,
Brilhando auroras, desfazendo trevas,
Sempre estendendo mantos de ventura
Vou integrar-me na alegria da vida!

RIO CANTANTE

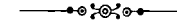
A vida é rio cantante
Em busca do arco-íris.

Turbilhão,
Presa dos ventos,
Marulho, quedas, cascatas.

Mais adiante
Alvissareiros,
Leito ameno de Águas claras.

Cedo ou tarde
O arco-íris
Põe sonhos por sobre o rio.

LEONOR CASTELLANO, A PASTORA INTELCTUAL DO PARANÁ



Por Chloris Casagrande Justen*

*Num viver de presente e passado
De abraçar mil momentos num gesto
As lembranças passeiam ligeiras
Esfumadas a quase perder-se.*



Os fatos e as datas fazem da História um relato. Os clarões que permeiam as lutas, a emoção que se envolve nos sonhos, a vibrante estesia do amor, são a essência envolvente da História. As ações, a esperança, a utopia, tão rica e constante, são da História o mistério insondável que permeia a vitória de um grande ideal.

Quando a luta é da frente a batalha, vida e morte marcando a vitória, é a bandeira que dita o destino, é a glória que marca os heróis. É a História que guarda os roteiros, os limites que riscam divisas, dizem fatos e revelam princípios, dão à História o contexto e a razão; seus ditames legislam nações. É a História das conquistas entre povos, é o passado que embasa o futuro dos países nas posses das terras, do domínio de força e poder.

Quando a História é da humana aventura, diz da história do Bem e do Mal, de propostas maiores que a vida, de jornadas em planos maiores, que conferem ações benfazejas, que integram projetos sem fim. É a História que conta a jornada da chegada ao final da existência. Cada ser tem nas mãos seu destino, um domínio envolvente e supremo, onde vale

o respeito e a humildade de lutar por um mundo melhor, sempre utópico na busca do Bem.

Utopia que é feita de sonhos e *“Sonhar é ter um grande ideal na ingloria lida/ tão grande que não cabe inteiro nesta vida/ Tão puro que não vive em plagas deste mundo”*(H.K)

Entre nós, os mais comuns, que pensamos, há sutil e fugaz convivência entre gênios e simples mortais; há humildes e sábios brilhantes, entre aqueles de olhos vedados, insensíveis ao brilho da Estrela.

Essa mística de mil personagens, da existência dual entre os vivos, é o cadinho que forma o caráter, é o campo de lutas do Bem, construção permanente e singela, luta imensa buscando a harmonia. Há heróis que desfraldam bandeiras; há vitórias em lutas sem fim. Há gigantes que vencem barreiras, entre os simples e os grandes do mundo, personagens de destaque e importância que abriram veredas de sonhos transformando o viver das cidades em mudanças caldeando a cultura.

Junto aos fatos da Curitiba de outrora, lá dos tempos do início do século, há jornada de homens e mulheres, que marcaram de luzes a História.

Entre eles, a História incorpora a Pastora Leonor Castellano.

Mulher de distintos valores Leonor Castellano é a razão de nossa homenagem. “Professora Honorária”, título que recebeu oficialmente da Secretaria de Educação, por seus significativos trabalhos em prol da Educação, e, ligado a esse título, o cognome de “Pastora Intelectual do Paraná”, por manter-se em permanente busca e incentivo à participação da mulher na cultura paranaense”.

Tão atuante o seu envolvimento na comunidade cultural paranaense, que a maioria das mulheres de sua época, guarda imperecíveis

lembranças de sua presença como um valor na contribuição à cultura paranaense transformando costumes e aperfeiçoando instituições.

Para acrescentar maior brilho à imagem dessa extraordinária mulher cabe ressaltar que Leonor Castellano foi sempre uma mulher além do seu tempo. Essa a História que envolve a cultura, conta a luta renhida e constante da mulher, que olhando o horizonte, impulsiona a dinâmica cultural da insipiente Cidade Sorriso.

Nascida em Curitiba, em 25 de outubro de 1899, filha de Francisca Wienonewki e Francisco Castellano, foi aluna de Julia Wanderley, e com as Mestras Miss Dascomb e Miss Kohl, diplomada pela Escola Americana. Talvez estivesse aí, nessa escola mais universalista, a formação de uma mentalidade com maior desenvoltura, em uma época de tantas restrições ao desempenho feminino. Funcionária pública foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Secretária da Procuradoria Geral do Estado do Paraná.

Leonor Castellano foi cronista, comentarista, ensaísta e jornalista, tendo publicado Marisa, romance; Santo Agostinho e Mensagens de Santa Clara, ensaios; Figuras de ontem e de hoje, retratos biográficos; Festa da Primavera, Gabriela Mistral, Maria Montessori, Maria Falce de Macedo, Alcina Sabbag, o Anjo Bom, biografias; além de inúmeros artigos sobre temas religiosos. Foi dirigente de jornais literários, organizou o 1º Congresso Paranaense de Escritores, a 1ª Exposição de Originais e Livros de Autores Paranaenses e instalou a Comissão Brasileira de Arte para Amizade Mundial.

Mais do que autora, Leonor Castellano destacou-se por sua intensa participação na vida cultural paranaense, tendo lutado por grandes ideais com entusiasmo, denodo e pertinácia, onde se ressaltaram sua forte liderança e invulgar capacidade de trabalho.

Pertencendo ao Soroptimista Internacional das Américas, foi Sócia Fundadora do 1º Clube Soroptimista do Paraná. Fundadora e

Presidente do Círculo de Estudos Santo Agostinho, foi Sócia Fundadora e 1ª Presidente da Arregimentação Cívico Eleitoral Feminina, Presidente da Associação de Proteção à Jovem, e primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente do Centro de Letras do Paraná.

Em 1935, aos 36 anos, ao lado de Benedito Nicolau dos Santos e Ilnah Secundino, Leonor tomou a iniciativa e apresentou a primeira proposta feminina para integrar o corpo associativo do Centro de Letras do Paraná.

Aprovada a proposta, logo após a sua posse, destacando-se pelas suas realizações, foi integrada à Diretoria, ocupando o cargo de Bibliotecária. Ao mesmo tempo, passou a atuar na equipe de editoração do Centro de Letras, passando também a representá-lo em cerimônias cívicas, seminários e congressos, tendo participado, em nome da entidade, do Congresso das Academias no Rio de Janeiro, em homenagem a Machado de Assis.

Dedicando grande parte do seu tempo ao Centro de Letras, conviveu com a necessidade de a instituição ter sua sede própria; liderou, então um abaixo assinado que deu início a um movimento para a sua conquista, desenvolvendo paralelamente um intenso movimento cultural que a levou a vencer as eleições, acabando por assumir a presidência do Centro de Letras do Paraná.

Com a previsão de uma sede para o Centro e vencidos os trâmites legais, graças aos seus ingentes esforços, a Câmara Municipal de Curitiba oficializa o ato de concessão do terreno para a construção do CLP, ficando registrado um agradecimento especial ao Dr. Ernani Santiago de Oliveira, presidente da Câmara, como “brilhante centrista, amigo do Centro de Letras do Paraná”.

Em uma rápida sequência de atos, o Governo do Estado aprovou o início da construção da sede e, em alguns meses, houve a comemoração festiva do lançamento da pedra fundamental, reconhecido o denodado esforço da Presidente Leonor Castellano.

Em novembro de 1948, Gláucio Bandeira foi eleito Presidente para o biênio 48-50, tendo como vice Leonor Castellano e como 1ª Secretária Pompília Lopes dos Santos, formando um imbatível triunvirato no gerenciamento do Centro. Os diversos afazeres de Gláucio Bandeira, levaram Leonor Castellano a assumir a presidência.

E em 18 de maio de 1949, em virtude de seu afastamento para uma viagem ao exterior, Gláucio deixou definitivamente suas funções, passando oficialmente a presidência à Leonor Castellano, e registrado em data, o seu pronunciamento: “*O pouco que me cabe do sucesso do Centro se deve à Senhorinha Leonor Castellano e à Senhora Pompília Lopes dos Santos*”.

Como Presidente, Leonor formou várias comissões, entre as quais a que se preocupava com os enfermos, incentivando-os à produção literária.

Terminada essa gestão, Leonor Castellano pleiteou a prorrogação de seu mandato, a fim de concluir o processo de construção da sede, no que, por impossibilidade regimental, teve rejeitada a sua pretensão. Para atender os estatutos foi montada uma chapa com David Carneiro na presidência e Leonor Castellano como Vice, com o compromisso de, após as eleições, o presidente renunciar o cargo em favor de Leonor.

Em 7 de dezembro de 1952 a chapa de David Carneiro vence as eleições.

Em 19 de dezembro do mesmo ano, em sessão pública e solene em homenagem à emancipação Política do Paraná, realizada no Instituto de Educação do Paraná, Leonor Castellano foi vibrantemente aplaudida pelo relato de toda a sua gestão, tendo recebido, com efusivas palmas além das flores, uma pasta de couro, ricamente entalhada, e uma placa de prata e ouro com a gravação “ *À grande presidente do CLPR, a homenagem e gratidão do CPLP*, seguindo-se a apresentação de composições de renovados musicistas paranaenses.

Nessa mesma data, 19 de dezembro de 1952, David Carneiro toma posse, cabendo a ele, a inauguração da nova sede.

Em 16 de março de 1953, em sessão especial em homenagem aos engenheiros construtores da sede, durante a cerimônia o Dr. Elato Silva, entregou as chaves da nova sede, ao associado fundador Dr. José Gelbeck que, emocionado, agradeceu a deferência, entregando as chaves para a Vice-Presidente Leonor Castellano, a seu ver “*a maior merecedora do trabalho realizado em prol da concretização desse ideal.*”

Com seu afastamento definitivo, David Carneiro passa a presidência para a vice presidente Leonor Castellano, que assume o posto de presidente, assegurada assim a continuidade de sua luta.

Inicia-se, então um intenso movimento cultural na entidade, quando Leonor alcança muitos dos seus propósitos, como a significativa participação cultural comunitária, inclusive participação definitiva na Rádio Guairacá, para leitura de textos dos centristas, projetando o Centro de Letras em todos os campos da cultura. Terminada a sua missão na presidência do Centro, Leonor Castellano, continua como associada, colaborando intensamente com a entidade.

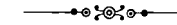
Associada já destacada do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Leonor Castellano, convidada, assumiu o desafio de pleitear a presidência da entidade. Seguindo as tramitações estatutárias, em 16 de março de 1953, Leonor Castellano foi eleita presidente do CPFC, assumindo aí também, a árdua tarefa de instalar a instituição em sede própria, projeto que levou ao fim, com a firmeza que sempre a caracterizou.

Leonor Castellano desenvolveu, com o brilhantismo que sempre lhe foi peculiar, atividades inovadoras em mais de quinze anos de atividades, durante os quais conseguiu instalar o CPFC em sua primeira sede própria, vindo a falecer no exercício da Presidência, em 13 de janeiro de 1969.

Esta é a História que guarda escondidas, emoções que permeiam as lutas, onde os tempos apagam as lágrimas, onde as luzes desfazem tormentas. Entre as linhas há suspiros e sonhos, há ilusões que só os fortes superam; compreensões que só entendem os que choram; alegrias de quem busca o horizonte.

* Presidente da Academia Paranaense de Letras
e Presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura.





Por Léo de Almeida Neves



O Congresso Nacional – Câmara dos Deputados e Senado – tem dado triste espetáculo ao povo brasileiro na discussão e votação de Medidas Provisórias, baixadas pela Presidente da República em temas de relevância.

A MP que permitia a redução do custo da energia elétrica para os consumidores domésticos e as empresas em geral não foi aprovada por decurso de prazo, uma vez que a discussão se alongou na Câmara e o presidente do Senado recusou-se a apreciá-la em menos de 7 dias. O mesmo aconteceu com a que diminuía os impostos incidentes sobre os produtos que integram a cesta básica. Com nosso famoso jeitinho, os textos dessas Medidas Provisórias foram enxertados em duas outras MPs e aprovados pelo Congresso Nacional.

A respeito de energia elétrica a nação assistiu com estupefação a campanha da mídia, anunciando que o país corria risco de racionamento, igual ao ocorrido em 2001 no governo Fernando Henrique Cardoso, ocasionado pelas privatizações e por falta de investimentos em geração e em linhas de transmissão.

Todavia, o maior vexame do Congresso Nacional verificou-se anteriormente na apreciação da Medida Provisória que moderniza o sistema portuário do país com novo marco regulatório, atraindo

investimentos e ampliando a competição entre empresas, nos portos públicos e privados. Ela só foi aprovada na segunda sessão mais longa da história do Senado.

A oposição (principalmente DEM e PSDB) obstruiu a tramitação da matéria e houve intensa atuação dos lobbies de grandes corporações que agem no setor e não queriam perder privilégios ou desejavam satisfazer a gula de obter lucros ainda mais fabulosos.

Em assuntos como as Medidas Provisórias da Energia Elétrica, dos Portos, a Lei dos royalties do petróleo, a futura análise sobre regulamentação da exploração de minérios, não deveria haver governo nem oposição, mas unicamente o interesse nacional e do povo brasileiro. É ridícula a conduta do DEM e PSDB, como no passado do PT, de se oporem só porque a medida provém da Presidência da República.

Relembre-se que o PT combateu no passado os dois grandes feitos da gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o Plano Real e a Lei de Responsabilidade Fiscal.

A MP dos Portos mobilizou poderosos grupos econômicos que patrocinaram emendas parlamentares em seu benefício. Nos acalorados debates não faltaram menções de “MP dos Porcos”, emenda “Tio Patinhas”, “Negócios escusos”, “conversas secretas não republicanas”, “valores milionários em troca de votos”. A “prorrogação dos contratos nos terminais portuários” foi o foco das maiores acusações.

Para evidenciar o artificialismo do Congresso Nacional, a “Tio Patinhas” que favorecia a principal empresa do porto de Santos foi apresentada com o mesmo texto, incluindo pontos e vírgulas, pelo líder do PSDB no Senado, pelo ex-líder do PT na Câmara dos Deputados, pelo

atual líder do PMDB na Câmara Federal e mais cinco deputados do PMDB e do PS. Prevaleceu a iniciativa de idêntico teor do deputado Leonardo Quintão do PMDB de Minas Gerais, que foi vetada pela Presidente Dilma Rousseff que igualmente vetou outros artigos incorporados pelos legisladores.

Vale destacar a forte contribuição da senadora Gleisi Hoffmann, Ministra-Chefe da Casa Civil para aprovação das Medidas Provisórias propostas pela Presidente da República, através de contatos pessoais com deputados e senadores e entrevistas esclarecedoras na imprensa.

No seu período de governo, Dilma Rousseff quebrou dois tabus danosos ao país: 1- enfrentou a força dos banqueiros e reduziu os juros com a taxa Selic do Banco Central caindo para 7,25%; agora subiu para 8%. 2- Diminuiu o custo da energia na média em 25% para as indústrias e o consumidor doméstico.

Outra realidade visível é que a imprensa em geral vem trombeteando generalizado derrotismo, reproduzindo à larga que o Produto Interno Bruto não vai crescer e que o Brasil sofre dos males irreparáveis da inflação com preços em elevação nos serviços e na agro-indústria, e o que empresariado está desmotivado para novos investimentos.

Felizmente, isso não corresponde à verdade em um país com o menor índice de desemprego de sua história, com significativa paz social e incremento na produção industrial e espetacular ascensão no setor agrícola.

O que o Brasil precisa é de uma reforma política que elimine a presença do poder econômico nas eleições. Os maiores financiadores de Presidentes da República, Governadores e Prefeitos são bancos,

empreiteiras, fornecedores do poder público, transportadoras e outros parceiros da administração. Estes tem que cair fora e ser substituídos pelo financiamento público das eleições.

O combate à nefasta corrupção deve ser implacável, com reforma constitucional que acabe com o sigilo fiscal e bancário dos funcionários públicos dos três poderes da República.

Ressalte-se que a imprensa escrita, rádios e televisões têm cumprido ação eficaz na denúncia da roubalheira e a Polícia Federal e o Ministério Público e outros órgãos fiscalizadores vêm cumprindo à risca seu papel.

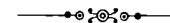
Apesar de problemas e da descrença dos céticos, nada deterá a caminhada do Brasil para tornar-se potência mundial.

Léo de Almeida Neves

Ex-deputado federal, ex-diretor do Banco do Brasil e
Membro da Academia Paranaense de Letras



“A CEIA DOS CARDEAIS” OU UM CENTENÁRIO ATÍPICO



Por João Manuel Simões

Transcorre no ano fluente um daqueles centenários que, via de regra, passam despercebidos, quando não são subestimados – ou esquecidos. Até porque eles, até certo ponto e em certa medida, são atípicos ou heterodoxos. Mas essa atipicidade e essa heterodoxia são insuficientes para que os obliteremos nos latifúndios da memória.

É o caso da famosa peça de Júlio Dantas, “A ceia dos cardeais”, publicada em livro e levada à cena no Teatro Dona Maria, de Lisboa, em 1902. Mas é no ano de 1913 que surge a versão definitiva da obra teatral juliana. E é precisamente esse centenário – 1913/2013 – que eu me proponho resgatar, aqui e agora.

Provavelmente, a “Ceia” já foi lida por aqueles “happy few” de que falava Stendhal, no prefácio do seu admirável romance, “A cartuxa de Parma”. Mas eu estou escrevendo, sobretudo, para aquela “infinita minoria” a que se referiu Jimenez, alhures. Para ela e para meu próprio prazer, desiderato primeiro de qualquer escritor que se preze.

A “Ceia” é, sem dúvida, a obra-prima daquele que tinha por nome completo, ituanamente aristocrático, Júlio Ribeiro de Almeida Vasconcelos Sena e Souza Dantas (1876-1962).

Autor de perto de uma centena de obras – quase uma vintena de romances históricos, cerca de três dezenas de peças teatrais, livros de poemas, contos, crônicas, ensaios, memórias, e discursos – acadêmicos ou parlamentares –, Dantas foi ainda presidente, por mais de vinte e cinco anos, da conceituada Academia de Ciências de Lisboa, além de ter sido sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.



À maneira de Coelho Neto, que na mesma época presidia a ABL, também Dantas foi objeto – ou vítima – de uma campanha de descrédito sistemática e da fúria iconoclasta crônica dos modernistas lusos, em face do seu perfil eminentemente clássico.

Aliás, o lisboeta e o maranhense eram grandes amigos. E foi graças ao empenho pessoal de Dantas que a Academia de Ciências apoiou com entusiasmo a candidatura de Coelho Neto ao prêmio Nobel de Literatura de 1933, que seria conquistado pelo russo Ivan Bunin. (Cuja obra, diga-se de passagem, na sua integralidade, nada tem de superior à do autor de “A capital federal”¹).

Nome respeitável, embora não verdadeiramente grande, é graças sobretudo à “Ceia” que Dantas é lembrado ainda em Portugal e no Brasil – e na América espanhola².

Traduzida e levada à cena em vinte línguas, tem em português perto de cem edições, sempre pela Livraria Clássica Editora de Lisboa, totalizando o número expressivo de cerca de dois milhões de exemplares. O que faz da “Ceia” um autêntico “best seller”, só comparável, além-mar, a outros três livros: “Amor de perdição”, de Camilo Castelo Branco, “A cidade e as serras”, de Eça de Queirós, e “A velhice do Padre Eterno”, de Guerra Junqueiro.

¹ O nome completo do maranhense também faria sucesso em Itu: Henrique Maximiniano Fonseca Coelho Neto (1864-1934). Ele talvez seja o mais prolífero escritor brasileiro de todos os tempos, data vênica a Gustavo Barroso e Wilson Martins. Filho de português de Braga, e de índia civilizada, exímia bordadeira, publicou cerca de duzentos livros, abrangendo todos os gêneros literários – eu disse todos –, além de ter sido um notável orador, da linhagem de Vieira e Ruy. Não obstante, a sua obra literária ciclópica foi objeto de uma injusta tentativa de demolição, levada a efeito pelos líderes da Semana de Arte Moderna, de 1922, em São Paulo, tendo à frente dois grandes iconoclastas: Graça Aranha e Oswald de Andrade. Mas a verdade é que a obra coelhonetiana viria a ser reabilitada mais tarde, por críticos do porte de Otávio de Faria, Tristão de Athayde, Wilson Martins e Antônio Cândido. O próprio Machado de Assis tinha em alta conta os primeiros romances do maranhense arquetípico. Escrevia o Bruxo de Cosme Velho: “Coelho Neto é um dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente falando, dos nossos primeiros escritores”.

² A obra poética de Júlio Dantas, e não apenas a “Ceia”, teve uma influência direta na poesia de Menotti del Picchia, sobretudo no “Juca Mulato”, Olegário Mariano, Ribeiro Couto, Hermes Fontes e Vicente de Carvalho, como assinala, alhures, mestre Wilson Martins.

A “Ceia” é inteiramente versificada, em dodecassílabos (ou alexandrinos). Ela mostra os diálogos, extremamente saborosos, de três cardeais – o luso Gonzaga, o espanhol Rufo e o francês de Montmerency – durante uma ceia no palácio do Vaticano³.

Em termos puramente poéticos – mas não temáticos ou conteudísticos – a “Ceia” é da linhagem do “Dom Jaime”, de Tomás Ribeiro, e de “Pátria”, de Guerra Junqueiro, e que Pessoa, num ensaio fernandinamente provocador, chegou a considerar superior aos “Lusiadas”, de Camões...⁴

Aliás, por falar no genial criador dos heterônimos, tenho a impressão de que seu “drama estático”, em prosa, intitulado “O marinheiro”, talvez tenha tido a fonte, se não inspiradora, pelo menos motivadora, na “Ceia”. Nesta, há um triunvirato cardinalício; no drama pessoano, três jovens “veladoras” que dialogam, durante o velório de uma amiga vestida de branco, no seu esquite derradeiro. Como se verifica, há uma triplicidade dialógica – ou dialogal – comum às duas peças. Acontece apenas que, na textualidade fernandina perpassa um sopro de genialidade de que carece a “Ceia”, obra sobretudo de um mestre da técnica versificatória.

A poesia dos diálogos da “Ceia” é marcada por uma musicalidade transbordante, de lirismo intenso e romantismo desatado, num ritmo de minueto, que oscila entre o “moderato cantabile” e o “allegro ma non troppo”. E diga-se, desde logo, que a fala de cada um dos eclesiásticos revela, em toda a plenitude, os respectivos temperamentos. A exuberância, não raro grandiloquente, do hispânico, tem a sua contrapartida na

³ Os mais famosos intérpretes da “Ceia”, em Portugal, ao longo do século XX, foram Vasco Santana, António Vilar, Virgílio Teixeira, António Silva, João Villaret e Assis Pacheco. No Brasil, Leopoldo Fróes, Procópio Ferreira, Jaime Costa, Sérgio Cardoso, Walmor Chagas, e o paranaense Ary Fontoura.

⁴ Escrevia o gênio da “Mensagem”, da “Ode marítima” e de “O marinheiro”: “Chamo a atenção das pessoas criticamente competentes para o fato evidente que a “Pátria”, de Junqueiro, é a obra poética capital da nossa literatura. “Os Lusiadas” ocupam, honrosamente, o segundo lugar. [...] Posso mesmo acrescentar que, a meu ver, a “Pátria” forma, com o “Fausto” de Goethe, e o “Prometeu Libertado” de Shelley, a trilogia de grandeza da superlítica moderna”.

elegância, no “savoir faire”, na finura, no “esprit de finesse” do gaulês, e no sentimentalismo algo ingênuo, e numa espécie de saudosismo existencial, característicos da lusitanidade.

Durante a refeição noturna, verdadeiro ágape romanamente faustoso, à luz de velas florentinas, em cuja mesa a porcelana de Sévres dialogava com os cristais da Boêmia, e o faisão dourado e as trufas argêntas pareciam contracenar com o rubi do “vinsanto di messa”, os três cardeais decidem rememorar os seus primeiros amores, na adolescência ou na juventude, antes de ingressarem na carreira sacerdotal.

Deixando de lado os diálogos breves, extremamente ágeis e saborosos, dou a palavra, primeiramente, a uma fala do cardeal Rufo:

*Aos vinte anos, ou vinte e dois, proximamente,
fui eu, por gentileza a um fidalgo parente,
com minha capa negra e minha volta branca
ler cânones e leis na douda Salamanca...
Era então um pequeno, espadachim e ousado,
o feltro ao vento, o manto ao ombro, a espada ao lado,
tendo o instinto da frase e a intuição do gesto
– um Velásquez no traje, um Quixote no resto –
que seria talvez, por suprema façanha,
capaz de desafiar o próprio rei da Espanha!
Nem pode calcular sequer, Vossa Eminência,
como o meu buço louro irradiava insolência!*

E prossegue, impetuosamente, com esta bravata tonitruante de fanfarrão consuetudinário:

*Não matei em duelo o sol, pelas alturas,
só para não deixar Salamanca às escuras!
Mas não para aí:*

*A respeito de amor, como essência divina,
imitei o Don Juan de Tirso de Molina:
o amor, por mais ardente ou mais puro que fosse,
morria, ainda em flor, com a primeira posse.
Detestava a mulher depois de conquistada.
A conquista era tudo e o resto, quase nada.
[...]
Batia-me ao acaso, enfim, por qualquer coisa:
um beijo, uma mulher, uma pedra preciosa,
uma flor que se atira, asa de ouro no ar,
a esmola de um sorriso, a graça de um olhar...*

Dou a palavra agora ao francês. Este, após ouvir a narrativa do espanhol, contando que, de modo intrépido, enfrentara um bando,

– Vinte? Trinta? Pensando bem, talvez quarenta –

em defesa de uma jovem artista que, durante o confronto bélico, desaparecera, na sua liteira, sem qualquer esforço do seu defensor para encontrá-la, faz a sua crítica: se fosse ele, não mediria esforços e iria em busca da bela,

*[...] e ao atingi-la, então curvaria o joelho,
tiraria o chapéu, em grande estilo velho,
de corpo genuflexo, e de alma ajoelhada,
e prostrando-me junto à portinha dourada,
diria, num olhar cheio de sonhos loucos:
Senhora, perdoai bater-me... com tão poucos...
E Montmerency continua:
Tinha espírito... Enfim, o amor, pensando bem,
não é só bravura – é espírito também,
essa força, essa chama, imperceptível quase,*

*que é a alma do gesto e a nobreza da frase,
qualquer coisa de fino, e flexível, e ardente,
que nos faz ajoelhar irrefletidamente,
perturba, vence, infiltra, e mal aflora à boca,
veste de seda e ouro a confissão mais louca.
O que seria o amor sem espírito, Eminência?
Uma paixão brutal, ou uma impertinência,
sem pureza, sem tudo aquilo que resume
o coração num beijo e a alma num perfume!
Com uns punhos de renda até a ofensa é linda!
Pode ser fina a espada - a frase é mais ainda:
uma escola sutil de esgrima delicada.
Procura o coração a frase, como a espada,
e desfaz-se, ao ferir, como ferem as rosas...*

E concluindo a fala:

*Se ao homem vence a espada e se é belo vencer,
o espírito faz mais – porque vence a mulher!*

Dou, por fim, a palavra a Gonzaga. Este, com expressão sonhadora enquanto acompanhava a narrativa do francês, quase não escuta quando Rufo pergunta: “Em que pensa, Cardeal?”

E o luso, parecendo despertar de um sono grávido de sonhos cor-de-rosa, responde:

*Em como é diferente o amor em Portugal!
Nem a frase sutil, nem o duelo sangrento...
É o amor coração, é o amor sentimento.
Uma lágrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...
Um parzinho que ajoelha e que se vai casar.
Tão simples tudo! Amor, que de rosas se inflora:
em sendo triste canta, em sendo alegre chora!*

*O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ah, como sabe amar a gente portuguesa!
E prossegue, evocando a sua experiência amorosa, “in illo tempore”:
Se amei! Se amei! – Eu tinha uns quinze anos apenas.
Ela, treze. Um amor de crianças pequenas,
pombas brancas revoando ao abrir da manhã...
Era minha priminha, era quase uma irmã.
Bonita não seria... Ah, não, talvez não fosse.
Mas que profundo olhar e que expressão tão doce!
Eu chamava-lhe, a rir, a minha mulherzinha...
Nós brincávamos tanto! Eu sentia-a tão minha...
[...]
Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda.
E numa noite, a minha alma, a minha luz morreu.
Deus, se me a quis tirar, por que foi que ma deu?
[...]
Afinal,
foi esse anjo, ao morrer, que me fez cardeal.*

E conclui, como se estivesse falando consigo mesmo:

E hoje eu sirvo a Deus, ao Deus que ma levou...

Aí, o cardeal Rufo murmura, para Montmerency:
Foi ele, de nós três, o único que amou...

Cai o pano. A peça acaba aí.

Estou convencido de que os breves fragmentos que escolhi, na textualidade polifônica, cantante, são mais do que suficientes para que se tenha uma ideia da peça inteira. E para avaliar, sobretudo, a qualidade, a beleza, o encanto, a riqueza do nosso idioma.

Enfim, a (re)leitura, parcial ou na íntegra, da “Ceia”, é sempre

uma experiência sumamente gratificante para todos quantos, como eu, conhecem razoavelmente bem a “última flor do Lácio”, e, sobretudo, amam a língua excelsa de Camões e Castro Alves, Vieira e Ruy, Herculano e Nabuco, Camilo e Machado, Eça e Alencar, Antero e Bilac, Cesário e Cruz e Souza, Raul Brandão e Lima Barreto, Aquilino Ribeiro e Guimarães Rosa, Ferreira de Castro e Jorge Amado, Pessoa e Drummond, Bernardo Santareno e Nelson Rodrigues, Vergílio Ferreira e Érico Veríssimo, Florbela Espanca e Clarice Lispector, Miguel Torga e Pedro Nava, Irene Lisboa e Raquel de Queirós, José Saramago e Antônio Calado, Sofia de Melo Breyner Andresen e Cecília Meireles, Eugénio de Andrade e João Cabral de Melo Neto. E eu alinho esse batalhão de nomes emblemáticos com uma espécie de volúpia intelectual incontida. Citei quarenta nomes? Poderia ter citado uma centena. Só de mortos. Quanto aos vivos, eles estão por aí, desabrochando, florindo e frutificando, nas duas margens do Atlântico, esse “mare nostrum” luso-brasileiro cujas águas, mais do que separar, unem os dois países que Guilherme de Almeida, um dia, num momento de rara inspiração, denominou de Estados Unidos da Saudade... Não é a saudade, afinal, o “ex libris” por excelência da nossa Língua?

Evidentemente, não há na textualidade, a um só tempo cantante e musical, da ceia cardinalícia, aquela corrente elétrica de alta voltagem que é apanágio da grande poesia da época juliana. Que tinha os seus expoentes, indiscutivelmente, nos “soi disant” Quatro Grandes – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoais e Eugénio de Castro⁵.

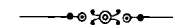
Não obstante, a “poiesis”, a essência poemática da peça ostenta uma espécie de melopeia – harmônica, melódica e rítmica – que agrada e

⁵ Sobre o poeta de “Oaristos”, “O cavaleiro das mãos irresistíveis” e “O anel de Polícrates”, mais duas dezenas de livros marcantes, escrevia o grande italiano que se chamou Gabrielle D’Annunzio: “Há hoje no mundo apenas dois grandes poetas: eu e o português Eugénio de Castro”. O peninsular era, como se vê, um grande poeta, sim, mas “rempli de soi même”. Para não dizer que era um megalomaniaco desabusado. Só anos mais tarde, “post mortem”, é que Fernando Pessoa viria a ser reconhecido, universalmente, como bem maior do que qualquer um dos dois.

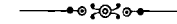
encanta o leitor – ou o ouvinte –, massageando de leve sua sensibilidade com a sedução das rimas binárias. Sem falar, é claro, na verve irresistível patente em certas tiradas, que, nem por serem retóricas, deixam de ser inteligentes e certeiras.

Se a grande poesia é, preferencialmente, para ser lida em silêncio, como preconizavam os escolásticos, a poesia da “Ceia” ganha certamente quando é dita, falada, declamada, com aquela expressividade que a arte dramática requer – e a gramática do teatro exige, para lá da morfologia cênica e da sintaxe dramatúrgica.

Concluindo: só pela sua “Ceia”, a mais antiga e a mais curta das suas peças, Júlio Dantas continua vivo⁶.



⁶ Júlio Dantas nutria um profundo amor pelo Brasil e pelos brasileiros, como Coelho Neto poderia confirmar. Assim é que, numa bela crônica publicada em 1922, no jornal lisboeta “O século”, logo após ter acompanhado ao Brasil o então presidente luso António José de Almeida, para participar, no Rio de Janeiro, dos festejos comemorativos do Centenário da Independência, escrevia: “O Brasil é, certamente, para todos os portugueses, uma segunda pátria – e a recíproca é verdadeira. A iniludível comunhão da Língua, da Cultura e do Sangue, estão na raiz dessa fraternidade ímpar no mundo. E eu chego a pensar que, se uma calamidade incomensurável, um desastre inaudito ou uma catástrofe ciclópica afundasse Portugal nas águas do Atlântico, ele continuaria a viver na outra margem do “mare nostrum” lusíada – e vivo precisamente na Língua, na Cultura e no Sangue a que me referi antes, cujo amálgama faz dos dois países irmãos uma verdadeira Federação afetiva”. Lembro, “hic et nunc”, que António José de Almeida, notável orador, pronunciou no Brasil dois discursos memoráveis, genuínos e autênticos hinos de louvor ao Brasil, aos brasileiros e, sobretudo, ao então presidente Epitácio Pessoa. Além disso, ele havia nascido no Brasil, de pais portugueses. Era, portanto, brasileiro.



Por Albino de Brito Freire



Dia desses, lendo o impagável Rubem Alves, deparei-me com essa frase acima, tão apropriada a nosso sistema democrático, e, neste passo, eu a tomo dele emprestado.

Antes de mais nada, ele analisa as circunstâncias em que Chapeuzinho Vermelho, tão inocente, se atreve, com anuência da própria mãe, a atravessar uma floresta habitada por lobos ferozes, para visitar a vovozinha, que ela conhecia muito bem. Apesar disso, de conhecer bem a boa velhinha, a menina entra na casa, aproxima-se da cama e não percebe a diferença. Apesar das orelhas de lobo, do focinho de lobo, dos dentes de lobo, dos pelos na pata, e sobretudo do cheiro de corrupção, ela não nota a diferença! E o autor concluía, dizendo que a burrice não merece ser poupada. Portanto, na vida real, outro é o desfecho. O lobo, juntamente com os caçadores, acabam por devorar Chapeuzinho Vermelho, como atestam todos esses anos de “democracia” no Brasil...

Na verdade, os lobos foram eleitos por seus representantes para fazer as leis. E foram eles, lobos vorazes, que fizeram esta lei: “É direito dos lobos comer ovelhas”. Ora, eles nunca vão alterar o sistema atual. A eles não interessa mudar. É pura ingenuidade pensar o contrário. E quem é o culpado de tudo isso? As ovelhas! Elas, pobrezinhas, tolinhas e caducas, é que são culpadas da própria desgraça. Não foram elas que, pelo voto, deram esse poder aos lobos? Portanto, não adianta balir ou berrar, agora!

Rios de dinheiro foram gastos em propaganda oficial. Propaganda? Como assim? Propaganda do quê? Ah! Sim! Os lobos precisam, através da mídia, demonstrar a ocorrência do *estado de necessidade*, ou seja, que foi absolutamente necessário devorar aquelas ovelhas que estavam turvando a água deles, no riacho. Turvando, sim senhor! E se não foram elas, porque a água corria em sentido contrário, então foram, em algum momento do passado, seus pais ou avós... Precisam também os lobos provar, com a propaganda repetitiva, insistente, que todo aquele dinheiro foi gasto honestamente, e que a fortuna que eles amealharam até agora foi fruto, não da rapina, como pensam as ovelhas, mas de trabalho duro e meritório.

Lobos engravatados, de golas altas para esconder orelhas e focinhos, são reconduzidos para comandar o rebanho, apesar do protesto surdo e inútil das ovelhas. Ora! É preciso manter o sistema a qualquer custo, para não se correr o menor risco de perder o mando. A única concessão que se dispõem os lobos fazer, de vez em quando, mas muito raramente, é reprimir episodicamente um pouquinho de sua voracidade atávica e poupar algumas ovelhas, não por clemência ou generosidade, mas apenas para constituir material probatório, junto à imprensa, de que só querem o bem delas.

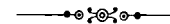
Por falar em lobos, faz um ano, aproximadamente, que L'Osservatore Romano – Ó profética notícia! – já alertava que o Papa Bento XVI se encontrava refém, no Vaticano, como um pastor cercado de lobos vorazes, disfarçados por detrás de longos mantos carmim ...

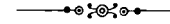
Em dias recentes, navegava na internet o vídeo de uma visita do Papa a Berlim, retratando o constrangimento de autoridades que presenciaram uma cena deplorável, em que vários cardeais deixavam Sua Santidade com a mão suspensa no ar por não querer cumprimentá-lo, nem muito menos lhe beijavam a mão, como é do protocolo... Isso aí, até onde sei, é falta de educação, de urbanidade, e não apenas um sinal de rebeldia ao pastor! As imagens falam por si. Não é invenção de uma

imprensa “anticlerical”, como pretendem uns e outros, os mesmos que já sustentaram, antes, no episódio dos pedófilos de batina, e o das aves de rapina que se aninharam dentro dos muros do Vaticano, até Bento XVI dizer um *basta* a tudo aquilo e fazer o *mea culpa* da Igreja! Atitude um pouco tardia, é verdade. Mas, já foi um avanço.

Seria essa renúncia papal, agora, um pedido de socorro, um sinal dos tempos? Será o começo de uma mudança? Um milagre que se anuncia? Será que, enfim, as ovelhas vão mesmo conseguir isso?

Salve, salve, ó *emérito* Bento XVI! A humanidade lhe perdoa o tardinho brado, bem como a inesperada descida da cruz, porque ainda insiste em entender seu gesto insólito. E acolhe, com entusiasmo, o *poverello* Francisco que, com sua humildade e firmeza, promete revolucionar o sistema.





Por Cecilia Maria Vieira Helm

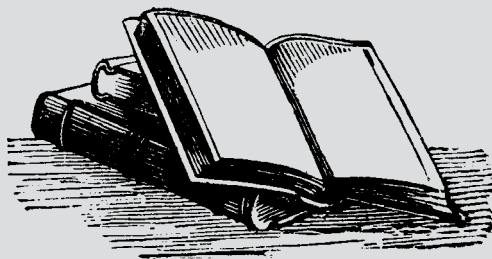
Em minhas pesquisas pelo interior do Estado do Paraná, visitei aldeias indígenas e tomei conhecimento da importância dos cemitérios, para os povos indígenas.

Ser Guarani ou Kaingang implica em pertencer a uma cultura, a uma etnia, a um modo de ser singular que é distinto do nosso. Guarani é distinto de Kaingang, têm a sua própria língua, tradições, usos, costumes, mitos, sistema simbólico, práticas de vida que os diferencia de outras sociedades indígenas e da sociedade nacional. O Guarani tem o seu modo de ser peculiar. Cada etnia tem uma organização social, crenças, que são transmitidas de geração em geração. Mantém sua identidade étnica, apesar do contato com membros da sociedade nacional.

Para o reconhecimento de que uma terra é ocupada tradicionalmente por um grupo indígena, o estudo e a pesquisa devem apresentar fatos que constituam provas da ocupação histórica.

Para os Guarani que habitam a Terra Indígena Mangueirinha, junto aos rios Iguaçu, Palmeirinha do Iguaçu, os cemitérios que têm sido utilizados por eles, para enterrar os seus mortos, constituem locais sagrados.

Na década de sessenta, devido ao fato que uma parte da Reserva Indígena Cacique Capanema, hoje denominada Terra Indígena Mangueirinha, foi ocupada por não índios, os Guarani que habitavam em aldeias localizadas no centro da Reserva, na gleba B, foram deslocados, por decisão governamental e de comum acordo com o Serviço de Proteção ao Índio. A transferência forçada implicou em deixar de enterrar os seus mortos no cemitério do Butiá, localizado nas proximidades da aldeia



Butiá, na parte central da área. Suas casas foram destruídas, tiveram de abandonar suas roças e foram instalados na Gleba A, em uma das extremidades da Terra Indígena, nas proximidades do Rio Iguaçu e do Rio Palmeirinha.

Ocorreram atritos entre índios e não índios, a parte central dessa reserva passou a ser disputada na Justiça, durante décadas. Em 1995, fui convidada pela Fundação Nacional do Índio e nomeada perita pela Justiça Federal de Curitiba, para realizar Laudo pericial antropológico sobre a parte em litígio da Terra Mangueirinha/PR. Uma das provas que deveria apresentar sobre a antiguidade da ocupação indígena seria a localização do antigo cemitério Guarani, na parte central.

Informaram as autoridades Guarani que era preciso me dirigir ao cacique/pajé, Aristides Gabriel, para explicar a razão da minha visita ao antigo cemitério Guarani. Aristides Gabriel não compreendia bem o português, recorri a um intérprete para realizar a entrevista. Concordeu que fosse registrar a localização do cemitério, desde que não abrisse buracos e retirasse ossos das covas onde estavam enterrados índios Guarani, no antigo cemitério. Consegui tomar emprestada uma toyota da administração do Posto Indígena e por um antigo caminho, localizado na mata, acompanhada de guias Guarani e da assistente da Funai, foi possível chegar ao local onde havia a antiga aldeia, Butiá Tekoa e o cemitério. No percurso foi necessário remover troncos de árvores derrubadas, que impediam a passagem da toyota. Os Guarani levaram foices, machados e serrotes para abrir caminho na mata. Depois de três horas, vimos uma clareira que os guias Guarani identificaram como o local da antiga aldeia Butiá. Um pouco afastado do local onde informaram que havia a sua tekoe, sua aldeia, com casas e roças, apontaram o lugar em que estavam enterrados os mortos, no cemitério chamado Butiá. Cada índio Guarani retirou do bolso de sua calça jeans um cachimbo, e ficou em silêncio fumando em sinal de respeito aos mortos. Para a etnia Guarani, o cemitério é local sagrado e deve ser respeitado por todos.

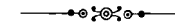
Um dos guias, o vice cacique, me mostrou o local em que seu pai estava enterrado. Como não há sepultura, perguntei como ele conseguia identificar na terra o lugar em que foi enterrado seu pai. Mostrou uma palmeira, butiá, plantada por sua mãe, perto do corpo de seu pai, para que pudesse saber o lugar em que ele estava depositado. Apontou outros arbustos e narrou o nome de alguns Guarani que ali estavam enterrados. Filmei o local e fotografei os arbustos fixados na terra. O Doutor Juiz Federal aceitou como prova o fato do cemitério localizado na parte do centro da Reserva ser identificado pelos Guarani, como o local em que enterravam seus mortos e tratado com respeito até os dias de hoje por todos os Guarani daquela Terra Indígena. Tem um significado simbólico. Se uma terra foi habitada por índios Guarani, e for localizado o cemitério indígena, local sagrado dentro da cultura tradicional, a terra deve ser considerada de ocupação indígena e não pode ser vendida, negociada, ocupada por terceiros. É protegida por regulamento que trata sobre os direitos históricos indígenas.

Importante narrar também que a casa de reza, construída dentro da tradição Guarani, que no seu interior tem objetos de arte, de música confeccionados por eles, foi recentemente violada, porque um padre da cidade de Guarapuava decidiu mandar construir um altar dentro da casa de reza da aldeia Palmeirinha, localizada na TI Mangueirinha. O respeito à cultura singular Guarani deve ocorrer. É necessário informar aos não índios, principalmente nos programas das escolas brasileiras, que cada povo distinto do nosso, cada etnia indígena tem um sistema de crenças, de valores e práticas de vida que precisam ser respeitados e preservados, porque a diferença cultural e étnica deve ser do conhecimento de todo cidadão que vive em um país pluricultural e pluriétnico como o Brasil.

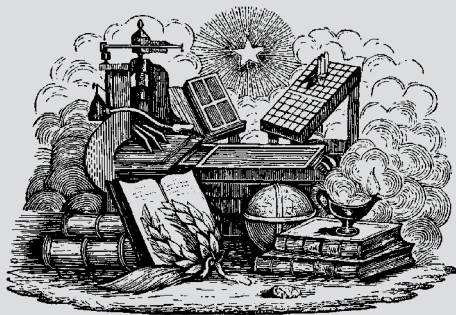
Curitiba, 1º de junho de 2003



O LUGAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS DIANTE DA NOVA REALIDADE TECNOLÓGICA NUM MUNDO GLOBALIZADO



Por Carlos Roberto Antunes dos Santos



De acordo com o sociólogo francês Edgar Morin, a nave espacial Terra é movida por quatro motores associados e, ao mesmo tempo, descontrolados: ciência, técnica, indústria e capitalismo.

Existe hoje uma civilização mundial saída da civilização ocidental, que desenvolve o jogo interativo da ciência, da técnica, da indústria e do capitalismo e que comporta certo número de valores padronizados. Ao mesmo tempo em que comporta múltiplas culturas em seu seio, essa civilização também gera culturas próprias, produtos de múltiplas integrações.

Existem também múltiplas correntes transculturais que irrigam culturas: mestiçagem, personalidades biculturais ou cosmopolitas, enriquecem essa via transcultural de maneira incessante. Na verdade, são essas integrações e esses encontros que enriquecem essa nave espacial chamada Terra, essa Sociedade Mundo. Por isso, não pode haver uma única cultura, ou a imposição de uma única cultura. Não é o estado atual de nenhuma nação hegemônica que pode constituir o objetivo e a finalidade da história humana, até porque a sociedade é inseparável da civilização. Nenhuma sociedade pode se constituir como acabamento planetário e impor o seu império hegemônico.

Toda sociedade inclui uma economia. A economia atual é mundial, globalizada, mas lhe faltam as restrições fundamentais de uma sociedade organizada (leis, direito, controle). E sem essas regulamentações, o livre fluxo de capital promove a máxima eficiência

econômica, mesmo à custa da ruína de toda uma economia, como tem sido o caso de muitos países (vide a recente crise econômica de 2008). Dentro dessa visão de mundo globalizado, a eficiência econômica foi desvinculada do bem-estar humano, algo que tem assombrado a diversos países europeus, vide a situação atual da Grécia, Espanha, Portugal e outros.

Torna-se necessário uma mudança básica na filosofia econômica. A liberdade do mercado econômico e financeiro não é um fim em si. O mercado foi um dispositivo inventado pelos seres humanos para propósitos humanos. Os mercados são feitos para servir ao homem, e não o homem ao mercado. A globalização não torna universais os valores ocidentais ou a economia ocidental. A crescente interconexão entre economias e culturas não pode significar o crescimento de um único país, de um único grupo, de uma única civilização.

Se de um lado a globalização criou um mundo plural, com a integração de múltiplas culturas, ainda assim, elas sempre permanecerão diferentes entre si. Por outro lado, insistir numa soberania nacional com uma reivindicação universal em termos culturais, técnicos e econômicos, é uma política extremamente inadequada e equivocada nesse mundo plural criado pela globalização.

As diversas reações contra a globalização tecno-econômica são constantes: tem sido assim nos Fórum Sociais Mundiais, como, p.ex. com diversas manifestações pela manutenção dos compromissos da Conferência de Kyoto, onde se buscou estabelecer uma instância de salvaguarda da biosfera. Em todas estas manifestações surge outra globalização mais coletiva, mais justa, mais social, com os lemas: “o mundo não é uma mercadoria” e “outro mundo é possível”.

Como citei no início o sociólogo Edgar Morin, a nave espacial é movida por quatro motores associados e ao mesmo tempo descontrolados: a ciência, a técnica, a indústria e o capitalismo (o lucro). O problema está em estabelecer um controle sobre estes motores: os poderes da

ciência, da técnica e da indústria devem ser controlados pela ética, que só pode impor seu controle por meio da política. Já a economia não apenas deve ser regulamentada, como deve se tornar plural. Dando asas à imaginação, podemos pensar que uma Economia-Mundo precisa de governança. Uma governança democrática mundial, um civismo planetário, uma ampliação das Nações Unidas, que pudessem eliminar as exclusões sociais, e respeitar as resistências nacionais, as resistências étnicas, religiosas e culturais.

Nos últimos 20 anos o mundo se desenvolveu numa velocidade espantosa, em função de uma nova revolução científica e tecnológica. Neste raiar do novo milênio, o mundo está dotado de uma textura de comunicações (novos meios de transportes, internet, televisões digitais e de alta definições, smartphones, tablets, sistemas wireless) como jamais houve igual. A nossa distância do mundo equivale hoje à distância da nossa cadeira ao computador. Existe hoje um verdadeiro sistema de comunicações que nos engloba, em plena Sociedade do Conhecimento.

Entretanto, se de um lado, os conhecimentos gerados pela revolução C&T tem proporcionado bem-estar, comodidade e até mesmo superprodução, por outro lado, esta mesma revolução C&T aliada à internacionalização da economia tem provocado o aumento considerável da exclusão social. Maiores as desigualdades econômicas, maior a exclusão social. Até no ambiente da superprodução as exclusões sociais estão presentes, como naquela história do menino que diz a mãe: “mãe eu estou com fome”; a mãe responde: “não há comida porque não há dinheiro porque teu pai foi demitido da mina de carvão”; O menino pergunta: “e porque ele foi demitido?”

E a mãe responde: “porque está sobrando carvão”.

Na verdade, neste mundo globalizado, verdadeiro império dos capitais voláteis, há aqueles que se especializam em ganhar e aqueles que se especializam em perder. Vejam que 94% do comércio internacional está nas mãos dos países desenvolvidos: EUA, Alemanha, Japão,

Inglaterra e França. Os 29 países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, composto de 19% da população mundial, têm 91% dos usuários da Internet. Destes 91% metade são usuários americanos, que representam apenas 5% da população mundial. O uso da Internet é apenas um exemplo que a ONU definiu como a maior de todas as discrepâncias hoje existentes no planeta: a que separa os países que produzem C&T dos que apenas as consomem.

Em nenhuma outra época da história o conhecimento foi tão valorizado em escala planetária pelos governos, pelas empresas e pela própria mídia. Na verdade, a pesquisa, o ensino superior e a extensão são hoje absolutamente estratégicos para o desenvolvimento das nações e para a afirmação de suas identidades culturais. É por isso que os EUA, a União Europeia e o Japão e China gastam 80% de tudo o que se investe em pesquisa no mundo. A importância destes investimentos torna-se ainda mais relevante quando se sabe que as universidades não formam apenas bons profissionais, mas, cidadãos. Portanto, deve haver a consciência que o financiamento do ensino superior público qualificado não beneficia apenas o estudante diplomado, mas toda a sociedade. Nós acreditamos e pregamos que a universidade pública deve servir a sociedade e que o conhecimento deve contribuir para diminuir as distâncias sociais e econômicas existentes entre os povos. Que a Universidade deve lutar contra a degradação de valores, reconciliar a ciência com a ética, atenuar o desencanto dos jovens com a pós-modernidade. Nesse sentido, entendemos a universidade pública como patrimônio social e o conhecimento aí gerado como bem público.

No o início da década de 1970 ainda vivíamos sob a hegemonia do Estado do Bem-Estar-Social, oriundo do pós-guerra, do Estado-Providência, do Estado Empresarial. Neste ambiente o Estado tudo podia. Hoje vivemos outro mundo, da globalização, da sociedade do conhecimento (termo da UNESCO) onde prevalece não mais o Estado do Bem estar Social, mas sim o Estado do Bem Estar Ativo, onde o trabalho produtivo é a variável essencial.

Nesta Sociedade do Conhecimento, a demanda não é por qualquer trabalho. É o trabalho qualificado que prevalece. Hoje, o conhecimento com qualidade é a chave para abrir qualquer porta para a vida profissional. E quem oferece este conhecimento qualificado é a Universidade. Por isso que investir em conhecimento, aquele gerado pela pesquisa universitária é investir no futuro.

O mundo contemporâneo vive hoje uma nova etapa da revolução científica e tecnológica. Os avanços do conhecimento científico e as novas tecnologias têm ocasionado profundos impactos, responsáveis por novas transformações sociais. São profundas alterações verificadas no plano mundial, intensificadas a partir da década de 1970 mediante pesquisas e descobertas revolucionárias, como, p. exemplo, as técnicas ligadas à manipulação genética, produção de novos materiais, microeletrônica, química fina, informática, robótica, ao campo aeroespacial, nanotecnologia e a outras novas áreas. É de se destacar que nos anos sessenta, o físico brasileiro Mario Schenberg já afirmava que as tecnologias do futuro não estariam ligadas à energia nuclear, como pensavam muitos, mas sim à eletrônica e à informática. E tudo evolui. Há pouco tempo, uma edição brasileira da Revista Americana de Ciências, tratou de reportagens sobre 1. As experiências com coração artificial, feito de plástico e titânio; 2. A busca da fonte da juventude, através de pesquisas com remédios que imitam os efeitos das dietas de baixas calorias para retardar o envelhecimento; 3. Os feixes de laser ligando as redes de comunicação e substituindo fibra ótica; 4. As pesquisas sobre seres microscópicos marinhos que desempenham um papel crítico na regulação do clima da terra. As novas pesquisas têm o fim de manipular tais populações, adicionando nutrientes aos oceanos, na tentativa de combater o aquecimento global do planeta; e 5. Os recursos que os pesquisadores da Linguística e de outras ciências, estão buscando para evitar que milhares de idiomas desapareçam. Em 100 anos metade das seis mil línguas faladas no mundo deixariam de existir. Todas estas pesquisas e muitas outras compreendem um conjunto amplo de avanços

provenientes de áreas as mais diversas, reforçando e incrementando novos desenvolvimentos e fertilizando, campos multi e interdisciplinares.

Dito tudo isso, entendo que as C. Humanas, diante desta realidade que vivemos hoje, assumem um papel fundamental, pois voltam ao centro do quadro e podem dar respostas às questões impostas pelo mundo contemporâneo. As C. Humanas como a História, Sociologia, Educação, Antropologia, Psicologia, Direito, principalmente estão se relacionando não só entre si, mas invadindo os territórios vizinhos e assumindo um caráter multi e interdisciplinar. Esta nova característica das C. Humanas hoje se fazem cada vez mais presentes nas pesquisas: assim, o desenvolvimento de novas biotecnologias passa a interferir nas ciências agrárias e na área médica. Passam a condicionar a Biologia Molecular e a repercutir no Direito (mediante discussão sobre biossegurança, propriedade intelectual, patenteamento, determinação de paternidade e em criminalística). Possibilitam a articulação das ciências humanas e sociais e da filosofia (com debates sobre questões éticas e religiosas que tratam do controle da vida e de sua criação). Passam a interferir em processos históricos, criando novos impactos em diferentes ambientes sociais. E acabam chegando ao contexto político para a elaboração de leis e das formulações estratégicas por parte dos governos, no sentido de controle no acesso e uso destas pesquisas. Tudo isso para dizer que o que acontece na área das novas biotecnologias acaba articulando outros campos do conhecimento, como as C. Humanas, os quais, por sua vez, igualmente experimentam intenso adensamento de caráter multi e interdisciplinar, e até mesmo transdisciplinar. Atualmente fala-se, com frequência, em coprodução do conhecimento, aliando pesquisa e extensão em processo complexo, abrangendo vários atores, grupos e organizações sociais. Os atores envolvidos são os cientistas, os tecnólogos, os dirigentes de órgãos públicos, as organizações não governamentais, os movimentos sociais. Todos, de certa forma, interessados nos resultados gerados pelas Universidades e pelas Instituições de pesquisa. Desta

forma, as novas descobertas não ficam circunscritas aos ambientes de pesquisas-laboratório, congressos e revistas científicas, mas passam por amplo questionamento de suas legitimidades sociais.

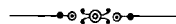
Diante desse cenário, falar de desenvolvimento científico-tecnológico e não o contextualizar nesse amplo espaço de questionamentos, processos e relações sociais, é reforçar visões parciais, unilaterais, e comprometedoras de um diagnóstico mais acurado. Sem negar a complexidade deste tema, entendo a globalização, como realidade multidimensional, envolvendo a economia, a história, a geografia, a política, a cultura, o desenvolvimento científico e tecnológico, e vários setores da vida contemporânea. Na verdade devemos perceber, concordemos ou não, que a globalização contém um sentido, uma coerência interna, que redefine relações e articulações em nível internacional, em um processo, simultaneamente, de diferenciação e de integração.

Nesta Sociedade do Conhecimento, o conhecimento é a grande moeda de troca. Investir hoje em educação e na produção do conhecimento significa investir na soberania e no desenvolvimento do país. Hoje, indiscutivelmente, o conhecimento em ciência e tecnologia constitui o principal fator de agregação de valor ao desenvolvimento. Quem dominar a geração de tecnologia será capaz de produzir inovações de ponta, e, ao final, mais divisas, mais desenvolvimento, empregos, educação, saúde, e assim por diante. Os governantes, a classe política, os empresários, a comunidade universitária e a sociedade como um todo, precisam estar convencidos, conscientizados, da relação obrigatória entre pesquisa e desenvolvimento e dispostos a um trabalho em conjunto. Infelizmente, nada disso tem sido discutido no Brasil nos debates eleitorais para o governo federal como para os governos estaduais e municipais. Desta forma, há ainda uma grande dependência externa em relação à nova produção do conhecimento, pois continuamos a importar pacotes tecnológicos. Até mesmo uma animação de um carnaval carioca foi com tecnologia importada. Por trás daquele vôo mágico, daquele

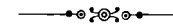
encantamento no ar da parte do dublê americano na Marquês de Sapucaí, havia o aluguel do equipamento que pertence a NASA que cobrou nada mais, nada menos, que U\$ 100 mil para os 30 segundos de voo.

Os indicadores demonstram que empresas continuam a comprar no exterior, conhecimento que deveria e poderia ser gerado aqui no Brasil. Mas a questão não se resume a uma falta de sensibilidade ou racionalidade empresarial que enxerga apenas o curto prazo. Mas há um conjunto de fatores que condicionam culturas e posturas à disposição ou não de investir em Pesquisa e Desenvolvimento, principalmente a imposição pelo governo federal de uma carga tributária elevada, que, no ano passado, chegou a quase 35% do PIB (conforme dados da receita federal). Desta forma, é fundamental protegermos as nossas pesquisas, o ensino e a extensão, continuar resistindo para continuar existindo.

Enfim, chegamos ao fim da nossa curta aventura para conhecer o estado das C. Humanas e o lugar que ocupa hoje, neste mundo pós-moderno. Uma aventura plena de riscos, até por distorção de interpretação, mas carregada de prazer. Foi também esta uma forma de fazermos um acerto de contas com as nossas ilusões. Diante de um mundo globalizado, onde prevalece a poluição em total desrespeito ao meio ambiente, a epidemia das drogas, o perigoso degelo do Pólo Norte, o aquecimento dos oceanos, os tornados, os terremotos, os tsunamis, os ataques terroristas, o universo da corrupção, enfim, diante de uma conjuntura extremamente cruel para a sociedade mundial, o conforto e o reconforto do contato com uma comunidade universitária, torna-se um lenitivo. É por isso que a vida universitária continua valendo a pena.



O ANTICLERICALISMO E O CÍRCULO BANDEIRANTES



Por Rui Cavallin Pinto

Em setembro último o Círculo de Estudos Bandeirantes fez 82 anos de fundação, através de solenidade discreta, mas que serviu de pretexto para o lançamento da obra *Círculo de Estudos Bandeirantes – Documentado*, de Sebastião Ferrarini, seu diretor e pesquisador, - para todos a *alma mater*. da casa, pelo tempo de fé e devoção que tem dedicado ao seu destino e objetivos. Um amplo inventário documental (*omnium documentorum inventarii*), recompondo a vida, organização e atividades de uma instituição de que poucos ainda têm memória do seu importante papel na vida religiosa e cultural da cidade a seu tempo.

O CEB é hoje representado por um prédio de três andares, de com sacada ampla nos pavimentos superiores, de estilo eclético, frente ornada de colunas e arcos romanos, situado no nº 1050, da Rua XV de novembro, contendo amplos espaços desde a entrada, um belo auditório de 161 lugares (salão nobre Euro Brandão) e uma rica biblioteca, que compõe um dos patrimônios bibliográficos mais valiosos da capital e ainda inclui mais de 500 obras raras, sob sua custódia.

A história documental do Círculo e sua origem nos remetem, porém, a um passado ainda recente, do início do século XX, ocasião em que a pacata Curitiba dos anos 1890 até cerca de 1940, se tornou cenário de vigoroso debate público, de cunho ideológico-religioso, marcado, sobretudo, por seu forte impacto anticlericalista, que ressoou e vai repercutir em todo país.

Com a proclamação da República e a promulgação da Constituição de 1891, o Estado decretou a separação da Igreja do Estado e o fim do padroado. Instituiu o culto livre de todas as crenças. Converteu a educação numa atividade laica e o governo passou a assumir as funções oficiais dos registros civis e secularizou os cemitérios. Então, por se ver desligada do Estado e desprovida do recebimento dos dízimos e do pagamento do clero pelo governo, a Igreja passou a reordenar suas unidades religiosas, a se valer de Roma e da autoridade do papado, bem como a reforçar seus laços internos. Cobrou severa obediência à hierarquia eclesiástica. Criou a diocese de Curitiba (1892) e depois as de Ponta Grossa e Jacarezinho. Ampliou sua participação no ensino privado, em todos os seus graus, chegando a assumir o controle de 70% de toda a atividade docente. Assim, diante do Estado leigo e da necessidade de refazer os recursos perdidos; passou a atuar na evangelização das camadas populares e a fazer frente ao predomínio das idéias liberais em avanço, através da adoção das 80 proposições ultramontanas de combate à modernidade e seus excessos, contidas no Syllabus, da Encíclica Quanta Cura, do Papa Pio IX, e assim poder cumprir sua ação missionária, pedagógica e de reconfiguração da Igreja do Brasil.

Sob o estímulo das propostas libertárias da revolução francesa e do iluminismo, o século XIX foi campo aberto para toda sorte de propostas de organização da vida social e política, e independência do espírito. E o anticlericalismo foi um dos seus alvos prediletos.

Há quem diga, porém, que a clerofofia dos nossos primeiros livre-pensadores veio pelo caminho da França, trazido pela figura exótica de João Itiberê da Cunha, aluno paranaense do colégio Saint Michel, de Bruxelas, que quando voltou de lá passou a ser Jean Itiberé, (1893) poeta belga, que deslumbrou Curitiba com sua elegância e os mistérios dos seus versos simbolistas de inspiração baudelairana. Diz-se dele, também, que foi um dos incubos do jovem Dario Velozzo, pelo menos de amostra.

Dario veio do bairro Retiro Saudoso, do Rio de Janeiro, com a família, aos 16 anos (1885), e como tipógrafo iniciou-se no Dezenove de Dezembro, o mais antigo jornal do Paraná. Seu pai Cyro Velozzo chegou a prefeito eleito de Curitiba, mas desencantou-se da carreira (1895-1896), enquanto que o filho foi amanuense da Polícia e praticante da Tesouraria da Fazenda do Estado, até 1893. Entretanto ainda jovem revelou sua propensão para as letras, e surge como contista dos “Primeiros Ensaios” (1889) e “Esquifes” (1896), e, dali em diante esses dotes vão esplender no talento de doutrinador de uma nova ideologia religiosa, bem como vão apurar suas qualidades de orador e polemista vigoroso, que o tornaram o



líder do movimento anticlericalista, que tanta repercussão assumiu na vida da modesta cidade. Como catedrático de História e Sociologia do antigo Ginásio Paranaense e de disciplinas pedagógicas na Escola Normal, Dario se pôs a liderar a juventude escolar e com a sedução do seu carisma a agremiar, em seu torno, jovens talentos e intelectuais consagrados que se incorporaram numa campanha sistemática e inclemente contra o clero. A militância anticlerical incluía Emiliano Pernetta, João Pernetta,, Silveira Neto, José Niépce da Silva, Antonio Braga, Ismael Martins, Veríssimo Antonio de Souza e outros mais.

João Pernetta publicou em 1898 “Os chacais” repelindo a presença da Igreja na educação pública. Em 1897 editou “O Clero e a Monarquia” reeditando as mesmas invectivas. Roberto Faria, um talento que se finou cedo, lançou por igual, “Os abutres”, com o mesmo conteúdo de libelo contra a Igreja.

Além de sua atividade pessoal de difusão do novo credo, como professor e profeta, Dario se serviu também da imprensa e publicações locais, aparecendo com destaque como colaborador e depois redator literário da revista do Clube Curitibano (1881). Porém, em 1895, quando despontaram nele as primeiras manifestações de oposição à Igreja e passou a penetrar nos segredos esotéricos e do ocultismo, já não pode disfarçar seu espírito púgil de opositor implacável à presença da Igreja no ensino e na vida social. E, daí em diante fundou “O Cenáculo”, (1895-1897) com um quadro mais homogêneo de colaboradores, por meio do qual iniciou a reação liberal maçônica contra a ação da Igreja, mas que traz, também, uma nova visão de arte que levou à criação do Simbolismo, como escola literária paranaense. Depois, veio o órgão Jerusalém (1898-1902), talvez o de maior promoção, rebatendo o tema do ensino religioso, mas se estendendo para a vida conventual e o confessionário, vistos como instrumentos do fanatismo, superstição e ociosidade. A Esfinge apareceu em 1889, como publicação mensal maçônica, sob a direção de Dario Velozzo. Durou até 1913, prometendo divulgar as idéias que vogavam na Europa e conquistavam a América. Fez divulgação de textos doutrinários eruditos da maçonaria, mas de acesso só aos iniciados. Foi considerado então como o principal reduto do anticlericalismo. O Electra surge em 1901 e vai até 1903, como órgão da Liga Anticlerical Paranaense, que já, no editorial, assumia a condição de evangelho da luta anticlerical e o estandarte de uma guerra franca ao confessionário, com golpes implacáveis à entrega aos “jesuítas” da educação dos nossos jovens. O Electra foi um dos agentes promoventes do “meeting” que os anticlericais realizaram em março de 1902 no Passeio Público (de que participou o próprio Hugo Simas), e foi sob a direção de Dario, que “O Electra” tornou-se um dos órgãos anticlericais e de livre-pensamento mais combativos do início do século. O Ramo de Acácia veio depois, e durou de 1908 a 1912. Era periódico mensal da Maçonaria do Paraná, sob a direção de Dario Velozzo e tinha na redação Emiliano Pernetta, Sebastião Paraná e José Niepce da Silva. Tratava-se de um exemplar da linha maçônica e

sua proposta era combater de modo radical o imperialismo e a clerezia avassaladora. Defendia a liberdade de pensamento, o casamento civil e a separação da Igreja do Estado. Abominava a vida conventual, pregava a exclusão de todo privilégio público às confrarias religiosas e creditava à educação o papel de elucidar os processos e meios pelos quais os jesuítas costumavam alcançar seus desígnios. Em 1911 surgiu “A Batina”, uma publicação gratuita, invocando o nome da mocidade e com editorial de José Guahyba. Só tirou quatro edições, reproduzindo os mesmos argumentos de que são os clérigos (jesuítas, ultramontanos, ou o que sejam...) os verdadeiros inimigos do progresso, adversários da razão, da verdade e da ciência, razão pelas quais era necessário combatê-los (muitos exemplares foram devolvidos pela população...). Dois outros periódicos ainda são editados mais à frente: “Myrto e Acácia” (1916-1921) e “Luz de Krótora” (1921-1930), ambos sob a direção de Dario, mas agora só se voltam para a causa do néoopitagorismo e incluem algumas publicações literárias de irmãos de credo. À “Luz de Krótora” procura divulgar o método pitagórico, sem confronto direto com a Igreja, contendo apenas ensinamentos esotéricos, pitagóricos e teosóficos.

Por muito tempo, portanto, o debate sobre o anticlericalismo e as pregações de Dario e dos membros de sua confraria alimentou a imprensa e a curiosidade da opinião pública. E, como era natural, desde o primeiro assédio à Igreja o clero assumiu sua parte na parlenga, tanto pela palavra do P. Alberto Gonçalves, religioso e político de destaque no Estado, como através do lazarista francês, Desidério Desmond, reitor do seminário local, pensador e historiador religioso.

Sentindo-se reptado por Dario Velozzo, Desidério ocupou as páginas do “A República” e do jornal católico “A Estrela”, de trinta de junho de 1905 a dezenove de agosto seguinte, em réplica a Dario. O tema foi o riso de Voltaire, imagem de que o profeta neopitagórico se serviu para escarnecer da Igreja (publicações que o padre depois pôs em livro (“Voltaire e os Anticlericais do Paraná”, 1914). E essa porfia ainda teve no seu final, a defesa intermediada por Arquimedes (provável

pseudônimo do Dr. Euzébio da Rocha, ex-professor de Dario e cofundador do Instituto neopitagórico). Dario nunca contraveio, mas Arquimedes, embora estresse pelo amigo, acabou abandonando a liça. Nos rituais neopitagóricos Dario Velozzo é tratado pelo codinome do astrólogo Apolonio de Tyana, (personagem do sec. II AC, escolhido por ele, por alegada semelhança com Jesus).

Recordando o nível do debate que então se travou, entre a Igreja e seus livres-contendores, tantas vezes prevaleceu entre estes a linguagem chula com que vergastavam os padres de abutres, chacais, senão janízeros da obscuridade, serpentes lascivas, homens de veste e consciência negra, e tantas outras lápides que atiravam com igual impacto. Usavam até o lema do *ça ira* da Revolução Francesa e o *écraser l'infâme* adotado por Voltaire. Em troca, no entanto, os padres se cingiam a acusar a imprensa de ímpia, e exprobrar a ousadia de alguns libertinos ou rapazolas refratários ao estudo e ainda imaturos para qualquer esforço maior de reflexão. Mas, não se deixou ficar só nisso a Igreja. Já a 3 de abril de 1898 (ou 1893 ou 1897? – há divergências...), a Diocese passara a publicar “A Estrella”, o principal órgão católico de confronto com os livres pensadores e seus conseqüências, afora a palavra dos bispos e padres da Diocese no púlpito da catedral, onde orientavam a comunidade em geral e se contrapunham ao assédio dos grupos anticlericais.

Para o “Documentado”, porém, o Círculo Católico Paranaense, fundado em 1902, é que veio a ser, a bem de ver, o precursor do Círculo de Estudos Bandeirantes. Teve sede, quadro social, diretoria, bem como chegou a promover eventos cívico-religiosos de repercussão social. Mas, o Centro vai surgir como um projeto de maior alcance ainda, visando congregar o laicato intelectual católico, à luz da romanização da Igreja brasileira e dispor de espaço próprio, para aprofundar o debate intelectual da filosofia e da teologia católica.



Diretoria e sócios do Círculo de Estudos Bandeirantes, em 1929.

É quando surge o Centro de Estudos Bandeirante idealizado pelo padre lazarista Luiz Gonzaga Miéle, cujo objetivo era, em síntese, centralizar esforços e promover a permuta de idéias e o intercâmbio dos valores da Igreja, no plano da cultura e das questões sociais, com vistas a enfrentar a anarquia vigente entre inteligências e reagir contra a descristianização da família paranaense. Miele havia feito sua formação filosófica e tecnológica em Dax e Paris e era professor de filosofia no internato do Ginásio Paranaense. Foi ele quem compôs o grupo, integrado pelo médico José Loureiro Fernandes e o acadêmico de Direito José Farani Mansur Guerios, em reunião preliminar de 29 de março de 1929, mas que, no ato da fundação (12 de setembro de 1929), já contava com onze fundadores, incluindo o Dr. Antonio Rodrigues de Paula; Benedito Nicolau dos Santos, Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto, Dr. Carlos Araujo de Brito Pereira; Dr. José de Sá Nunes; Dr. Linguaru Espírito Santo; Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa e Dr. Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas. Eram todos homens representativos da capital paranaense, profissionais de diferentes atividades culturais, com formação superior. Um laicato intelectual católico formada por um juiz de direito, engenheiros civis, advogados e professores universitários. Criada a instituição e acolhidos os primeiros associados, durante os primeiros anos, o grupo se reunia aos domingos no porão da casa dos pais de Loureiro Fernandes, na Rua

José Loureiro, nº 20, local que recebeu a denominação de “catacumbas”. Mas não porque faltassem condições de segurança e conforto para os participantes; senão, pelo contrário, tratava-se de um amplo salão que oferecia acolhimento seguro e confortável. Aí ficaram até 1938, quando passaram para a Rua Pedro Ivo, 523, e de lá voltaram para a Rua XV de novembro, mas no número 384, onde permaneceram até a inauguração da sede própria. E quanto à denominação de bandeirantes? Ora, a denominação adotada foi o resultado de uma semelhança procurada com a dos ideais e da missão das bandeiras paulistas, lançando-se, como eles, aos sertões do saber, “à cata das verdes esmeraldas e das áureas pepitas da verdade; a prear selvagens instintos para trazê-los ao batismo da fé e à regeneração da graça” (obra. cit., p. 84). Na verdade, dele diria, enfim, o professor Nêvio de Campos (“A Presença do Laicato Católico no Paraná dos Anos de 1920 e 1930”, *História Questões & Debates*, Curitiba, nº 43, p.176, 2005, UFPR): “O CEB seria uma sociedade cultural não aberta e declaradamente religiosa e confessional”... “nasceu com o objetivo de promover estudos filosóficos, científicos, literários e religiosos, à luz da doutrina católica, o que indica que sua preocupação se dirigia para a formação intelectual dos seus integrantes, visando formar uma elite intelectual que fosse capaz de dar sustentação teórica ao projeto romanizador no Paraná”.

Nesses primeiros tempos era o padre Miele quem conduzia os trabalhos e distribuía as tarefas, com a participação de todos. Os estatutos foram aprovados em 1935 e, em 1938, o CEB foi reconhecido como órgão de utilidade pública. A partir de então, o Conselho Diretor compôs uma comissão própria, que passou a agenciar junto ao governo municipal e estadual, a doação de um terreno próprio, para a construção da sua sede social. Foi através de diversas diligências de sua representação, que o governo do estado, por decreto de abril de 1939, doou finalmente ao CEB o terreno atual da Rua XV de novembro, com fundos para a Marechal Deodoro, onde, em 29 de março de 1943 foi lançada a pedra fundamental de sua sede atual.

A construção da sede foi resultado de um grande esforço, pois não só os recursos eram escassos, como a doação fora concedida com prazo de reversão, para que a obra tivesse início em doze meses e concluída em 24, a contar da data da escritura. O projeto foi obra do engenheiro Benjamin Mourão e a construção confiada a João De Mio, construtor licenciado. Os recursos foram colhidos a duras penas, começando com um pequeno fundo que já tinha sido reunido com o sucesso do terreno; o resto se fez com quotas atribuídas aos sócios e com a emissão de apólices, donativos de terceiros, subvenções do governo, bem como financiamento da Caixa Econômica Federal, receita e despesas que somaram Cr\$ 335.500,00, por ocasião da inauguração, incluindo a edificação e instalações da sede.

E foi dentro de todo esse cenário, que, como lembra Nêvio dos Santos, um pugilo de intelectuais do laicato católico curitibano, passou a desenvolver os mais amplos temas culturais e religiosos, relacionados à estética, ou à filosofia política, à ética, à metafísica, a religião, às ciências humanas e naturais, direito e mesmo literatura. De 1929 a 1932 o P. Miele se incumbiu de promover um bom número deles, ligados à filosofia, ao monismo materialista e ao ensino religioso, assim como o jovem Bento Munhoz da Rocha Neto, orador da entidade, pronunciou em 1930 uma admirável conferência sobre “O Significado do Paraná” e outras mais, como sobre o tomismo e a classificação das ciências. Entre 1935-36, o Pe. Jesus Ballarin coordenou o primeiro curso de filosofia para os membros do CEB e, no mesmo período o professor Manoel de Oliveira Franco Sobrinho pronunciou uma conferência sobre a vida e a obra de Jacques Maritain. Ainda, por igual, Linguaru do Espírito Santo celebrou a espiritualidade do Cardeal Mercier. E merece também ser referido que, na época, o professor Benedito Nicolau dos Santos fez palestras sobre a percepção estética e sua visão do belo, moral e estética, bem como o professor Flávio de Lacerda abordou questões de física moderna. Em janeiro de 1943, o Frei Sebastião Tauzin, francês dominicano, professor de filosofia tomista e especialista de Bergson, se serviu da tribuna do CEB para duas conferências, uma delas com o título de “Guerra das Idéias”,

que acabou dando ensejo a um vivo debate da mocidade acadêmica e professores pela imprensa local, que provocou a intervenção da polícia. Além das conferências de membros do CEB, suas dependências foram seguidamente cedidas e animadas por sessões de cursos e conferências das mais diversas entidades de ensino e cultura. A todas essas atividades se incluem, também, a fundação da primeira Faculdade de Filosofia de Curitiba, em 1937, posteriormente administrada pelos irmãos maristas e que, a partir de 1946, passou a integrar a Universidade do Paraná, para contribuir no processo de federalização e, por fim, os maristas criaram a Faculdade Católica, de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba, que hoje integra a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

Quanto ao anticlericalismo, foi doutrina que, como se sabe, se difundiu na Europa durante o século XIX, fruto do livre pensamento que a Revolução Francesa e os enciclopedistas proclamaram em defesa do homem e do cidadão. Não tinha corpo teórico, nem estratégia de ação, nasceu sob a invocação da razão e em nome da resistência a toda forma de dogmatismo que subjugassem o homem e o privassem da liberdade de consciência. Os anticlericais viam na Igreja um sistema político de dominação e manipulação dos espíritos, através do monopólio do ensino e o fomento do fanatismo e das superstições. A clerofofia então inflamou as paixões e as ofensas passaram a descer para o jargão popular e aos impropérios pessoais. Como professor, Dario tinha idéias próprias da educação e, para servi-las, transferiu a sede do Instituto Neopitagórico para Rio Negro onde construiu uma escola, “Paraná Cívico”, que excluía a educação religiosa e prestigiava a prática agrícola e o ensino profissional. Porém, os tempos eram ruins e a área conflituosa, provocada pelas disputas da Revolução do Contestado. A ameaça contra a segurança da comunidade e sua população forçou o encerramento das aulas e a transferência da escola para Curitiba.

Dario Velozzo não era certamente materialista, seu Instituto Neopitagórico constituía uma frateria espiritual, que reunia concepções pitagóricas e maçônicas e ensaiava uma aliança espiritual entre o

Ocidente e o Oriente. Repetia rituais pitagóricos: todo discípulo de Pitágoras se vestia de linho branco e se submetia a um processo constante de purificação moral. Os seguidores rendiam-se ao mestre, que detinha toda autoridade sobre a comunidade e suas decisões eram inapeláveis.

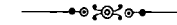


Dário foi profeta de sua fé todo o tempo: na cátedra, na tribuna, na imprensa e nos inúmeros livros que escreveu. Foi infatigável. Com a idade, porém, os anos amorteceram seu ânimo anticlerical e se entregou ao exercício dos segredos do ocultismo e às

práticas esotéricas. Através dos periódicos “Myrto e Acácia” e “Luz de Krótona”, além do “Jesus Pitagórico”, um diário doutrinário (e sua obra derradeira), passou a preparar seu evangelho. Morreu dia 28 de setembro de 1937 e, a seu pedido, foi enterrado no cemitério municipal, em caixão de pinho, envolto em hábito de linho e depositado em cova rasa.

Com a morte do profeta e de tantos outros dos seus seguidores; também do lado oposto faleceram os fundadores do CEB e seus sucessores, calando um debate ideológico-religioso que tanto empolgou nossos homens de pensamento e o interesse do próprio povo. Ele avivou um chama local de um debate que à época afervorava as consciências religiosas da civilização ocidental, na busca de valores permanentes de sua formação espiritual.

Dario Velozzo foi, na verdade, um vencido? Para a professora Anita Novinsky, da Universidade de São Paulo, embora os limites locais que alcançou sua mensagem espiritual, o profeta nos deixou um legado muito rico, como expressão forte de contestação e manifestação de modernidade e inteligência, que não podemos simplesmente descartar. Carlos Alberto Balhana da UFPR viu em Dario, porém, um simples visionário, um profeta bíblico ou um mago oriental. Chegou a reunir uma



Por Guido Viaro

Desde que institucionalizou-se o ensino gratuito patrocinado pelos governos, debate-se qual seria o melhor método educacional. Teóricos da educação descobriram que a maneira como se ensina pode ser tão importante quanto o conteúdo. A flexibilização de normas, prometia ser a pedra de toque de uma revolução educacional que começou nos anos cinquenta. Ao mesmo tempo, os governos, principalmente nos países em desenvolvimento, espalhavam salas de aula pelos quatro cantos do mundo, numa tentativa de criar vagas escolares para uma sociedade que jamais conhecera um crescimento tão expressivo. O nível de ensino baixou, os professores, em sua grande maioria mal pagos e preparados, repetiam os velhos currículos escolares pouco estimulantes e descontextualizados, que tinham por objetivo, no máximo, formar cidadãos.

Dentro desse frágil sistema educacional, são considerados bons professores aqueles que repetem com mais eficiência o conteúdo incipiente estabelecido pelo sistema, e são considerados inovadores aqueles que contestam o sistema político-econômico, representando o aluno como um oprimido pelas forças dominantes, e desse modo simplificando o mundo e a vida, que passa a ser dividida entre maus e bons, esses com a missão histórica de lutar para que o “Bom Selvagem” de Rousseau triunfe na batalha contra o capital espoliador.

congregação de fiéis, ergueu um templo, compôs um evangelho de fé e foi dotado de um poderoso carisma pessoal, mas, mesmo assim, contava com muito pouco para se antepor à Igreja tradicional. Já se disse que ele não chegou a ser vencido, - era muito pequeno e foi posto à margem, por não representar risco algum.

Hoje são muitos os caminhos. As igrejas e as crenças se multiplicaram e têm os mais diversos matizes. Cada um escolhe sua fé ou adota seu próprio ateísmo, conforme as propostas e sedução que oferecem. Na verdade, após as primeiras décadas da República, o conflito entre a Igreja e o Estado passa a assumir forma conciliadora, e apesar da resistência oferecida pela emenda constitucional de 1926, essa aproximação vai se consolidar, porém, quatro anos depois, durante o governo Vargas e a Constituição de 1934, sob forma de um trabalho de caráter nacionalista e social de parceria, em favor das camadas inferiores da sociedade.

Porem, de uma data em diante, o CEB passou a se ressentir de um longo período de inatividade e esquecimento. O relatório de 1960 registra um extenso letargo, quando se reporta aos anos de 1958 a 1960. Ainda depois disso, durante os anos que se seguem, de 1964 a 1973, não houve sequer o registro de atas (e a existência de livros) ou a cobrança de mensalidades. O prédio se manteve vazio, com toda a sua imponente e valioso patrimônio cultural, unicamente sob a vigília do Prof. Sebastião Ferrarini, seu diretor e a companhia de sua auxiliar Lúcia Fernandes, do vigilante Arnaldo da Silva e Angelita Ferreira, auxiliar de limpeza. Como poderíamos dizer hoje: a bandeira dos nossos Bandeirantes da Cultura se acha a meio pau. Mas, será que, por si só, o valioso e completo trabalho documental e histórico do prestimoso professor Ferrarini já não seria capaz de provocar o despertar dessa longa prostração, para torná-lo a viver? Ora, se continuamos a ter o templo, o que nos falta é apenas o ofício. E, pensemos nisso, pois Curitiba tem carência de centros realmente ativos de vida cultural. Pode ter certeza...

Afora algumas experiências interessantes, como a pedagogia Waldorf, que nunca foi aplicada em grande escala, a educação mundial pode ser dividida em três categorias: Escola Tradicional (sem integração interdisciplinar, e que tem por objetivo primordial formar bons membros para a sociedade em que vivemos), Escola Religiosa, e a Escola com Fundamentação Marxista (contestadora da escola tradicional, mas ao mesmo tempo sua complementar, por também priorizar a construção social).

Por outro lado sabemos que o ser humano vivenciou milhões de anos de evolução e aprendizado, depois disso vieram a linguagem, a civilização, a construção e destruição de uma história, e o nascimento da memória, que passou a não apenas pertencer a cada indivíduo, mas ao mesmo tempo, ao conjunto de toda a humanidade. Nasceu a necessidade de expressão, contar aos outros sobre seus desejos e medos. As paredes das cavernas foram pintadas, Shakespeare escreveu seus sonetos e Fellini filmou “Oito e Meio”. Muito antes disso Sócrates dizia a seus discípulos “O cidadão é o cadáver do homem”, portanto era preciso educar, ou melhor, cultivar, não somente para o convívio social, mas principalmente para que aflorasse a camada mais real e profunda do ser humano.

Para iniciar esse processo o primeiro passo é aceitar as fraquezas atávicas do homem, compreendê-las como parte de suas qualidades, aliás, extinguir as fronteiras, descobrindo matemática nos idiomas, história nas ciências e poesia no cotidiano. Essa nova escola, não precisa desvendar todos os mistérios, pode respeitá-los da mesma forma que o pintor permite que sombras cubram o rosto de alguém que retrata. A formação para uma vida em sociedade deve ser uma consequência desse tipo de ensino, e nunca seu principal objetivo. O aprendizado da ética individual fará cada estudante perceber que prejudicando os outros, estará fazendo mal a si mesmo. O pensamento será regado pela filosofia, que espalhará suas sementes pelas terras coloridas da criatividade.

Uma nova era na interpretação dos sonhos será inaugurada, eles não serão somente desejos reprimidos, retalhos da memória, ou símbolos ocultando significados. Serão a foz de um rio de vida, que começará no espaço sem fim dos corpos celestes, atravessará todos os sentimentos humanos, até confundir-se com seus contrários.

A nova educação dissolverá os coágulos que entopem as veias da humanidade, trará de volta a flexibilidade aos membros consumidos pela artrose, espalhará alegria pelo cérebro desiludido da meia-idade.

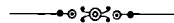
Os instrutores-aprendizes estarão nas duas pontas do processo de ensino. O círculo do enriquecimento humano espalhará seu poder radioativo, transformando seu processo de aprendizado, em prazer. Aliás, ele, o prazer, passará a consequência, deixando de ser objetivo perseguido a custo da felicidade alheia.

Grande parte do novo currículo escolar surgirá de dentro do convívio dos alunos-mestres com os instrutores-aprendizes. Os conteúdos serão moldados conforme as necessidades do indivíduo e dos grupos, e nisso não há contradição. A diversidade de conhecimentos e visões de mundo ampliará o espectro das percepções humanas, multiplicando possibilidades e encerrando problemas ancestrais – para, é claro – criar outros, que realimentarão a busca e os anseios.

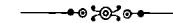
Essa nova educação, que poderá (ou não) criar homens melhores e uma sociedade mais feliz e consciente, não terá por objetivo responder às grandes questões humanas. Sob um céu sem nuvens, que uma vez encobriu os filósofos gregos, os homens continuarão envelhecendo e morrendo, e constrangidos, talvez prefiram mudar de assunto quando seus filhos lhe perguntarem “De onde viemos? Para onde vamos?” Nossa cota de humanidade resgatada da barbárie pela educação, deveria ter mais cheiro de poesia do que de teoremas. Que tenha o gosto de

uma laranja quase vermelha, e do sol que a molhou de luzes, e que seja sobretudo rica, como o mistério construtor de uma tulipa rara, que faz com que, por um instante, encha-se de alegrias o coração do homem sem ilusões.

Essa nova educação é um sonho. Pode se transformar em pesadelo. Daqueles que normalmente terminam com quem dorme, abrindo seus olhos para fugir do perigo, e encontrando aquilo que, pelo menos por algum tempo, chamará de realidade.



SEMIÓTICA E CONHECIMENTO ATRAVÉS DE RÓTULOS



Por Antonio Celso Mendes

Como ciência da transmissão de significados, a semiótica desempenha um papel fundamental na formulação dos rótulos mentais, compondo quadros de amostragens cheios de variedade e criatividade, tornando a captação da realidade, por nosso espírito, um trabalho de arte e composição dependentes apenas de nossas disposições interiores (insights).

É a capacidade semiótica de nosso espírito que nos permite criar o pensamento, exprimindo-o como rótulos. Assim, impor um rótulo a qualquer objeto, acontecimento ou pessoa é uma operação mental que sintetiza todas as nossas impressões a respeito do observado, tornando-o acessível de modo exclusivo e peculiar. A semiótica tem tudo a ver com a psicologia das formas (Gestalt)!

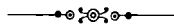
Assim sendo, a realidade se torna para nós algo cheio de significados, formas e cores diferenciados, segundo a índole de quem a esteja captando, pois rotular passa a ser uma arte de percepção intuitiva, que pode variar do simples esboço teórico até as fantasias oníricas do inimaginável.

Questiono se todas as formas de obtenção de nossos conhecimentos não é apenas rotular, ao perceber que a captação dos objetos, das pessoas e das situações não se dá apenas de forma abstrata e isolada, mas desde

cedo surgem em nossa subjetividade eivados de condições circunstanciais que contribuem para a sua caracterização.

Podemos impor à realidade rótulos bonitos ou feios, artísticos ou disformes, sombrios ou alegres, segundo a índole de nossas disposições interiores, o que revela que o mundo é para nós apenas o rótulo que dele construímos, a imagem perfunctória que dele fazemos, em função de nossas aspirações ou idiossincrasias.

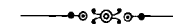
Dessa forma, podemos concluir que tira do mundo o melhor que ele possui, aquele que tiver a sensibilidade e a criatividade suficientes para rotular o mundo de forma positiva, alegre, como um belo rótulo imitando a arte de quem o criou.



IN MEMORIAM



ADIEU, L'AMI



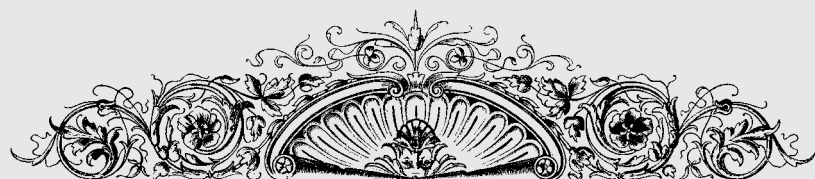
Por Ernani Buchmann

“Ernani, é o Chico, filho do Carlos Antunes. Meu velho faleceu esta noite”. A mensagem acima chegou às 2h38m47. Acordei com o sinal do celular e não acreditei no que li.

A perda inesperada do amigo me fez perder também o sono. Carlos Antunes era um privilegiado. Apaixonado pela família que tinha construído com a esposa Roseli, dividia com ela outras paixões. Uma delas era o Atlético, clube que foi responsável pela vinda da família para Curitiba, em 1949. O velho Rui Santos, seu pai, conhecido como Motorzinho, foi convidado a dirigir o juvenil do Atlético. Três meses mais tarde, já era o treinador dos profissionais, responsável pelo Furacão de 1949, campeão estadual.

Carlos herdou o apelido paterno e a vocação pela bola, mas não passou de campeão juvenil. Trocou o gramado pela sala de aula e aí chegou ao sucesso. Sempre como professor de História, matéria da qual era doutor e pós-doutor, diplomado pela Universidade de Paris. Sua biografia é extensa, com mais de 70 trabalhos publicados.

Concorreu e venceu a eleição para a presidência da Associação dos Professores da UFPR, foi Chefe do Departamento de História, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Diretor do Setor de Ciências Humanas.



Reitor da Universidade Federal do Paraná, entre 1998 e 2002, sua gestão ficou marcada pela forma democrática e acessível com que dirigiu a entidade. Um de seus orgulhos era o título de símbolo de Curitiba para o histórico edifício-sede da universidade. A história merece ser contada.

Um grande banco nacional promovia naquele tempo um concurso, pelo voto popular, para escolher o monumento que simbolizaria a cidade. Em primeiro lugar, nas apurações parciais dos votos, estava o conjunto arquitetônico do Jardim Botânico, ícone recente na paisagem curitibana.

Carlos pediu o apoio de Francisco Cunha Pereira Filho, então à frente da Gazeta do Povo e da RPC TV. Engajados na campanha, os dois veículos de comunicação trataram de mudar o jogo. Em pouco mais de 15 dias a eleição foi encerrada com a vitória do prédio imponente da Praça Santos Andrade.

Já nos conhecíamos há muitos anos, mas foi por essa época que nossa amizade se tornou mais próxima. Carlos foi o primeiro a avalizar minha candidatura à Cadeira 2 da Academia Paranaense de Letras. Na noite de 17 de outubro de 2005, quando tomei posse em solenidade no Clube Curitibano, fui saudado por ele. Infelizmente, sua morte prematura impediu que outros novos integrantes da Academia tivessem a mesma ventura.

Ele coordenava um grupo de acadêmicos que se reunia com frequência. Ao seu chamado, Adherbal, Albino, Dante, Virmond, Paulo Vítola, Valério e eu inventávamos um motivo para conversar. Os assuntos iam da própria APL à literatura e dali ao futebol e à culinária. Sim, porque cozinhar era outra de suas preferências.

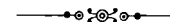
Dominava tanto a cozinha quanto a história dela. Autor de uma inspirada História da Alimentação no Paraná, foi orientador diversas

monografias e teses sobre o tema. E coordenava no Brasil o movimento *slow food*, que valoriza o sabor da alimentação em contraponto às refeições frenéticas da vida contemporânea. Era o que o impulsionava a congregar também outras turmas, compostas por companheiros da universidade, vizinhos de praia ou torcedores do Atlético.

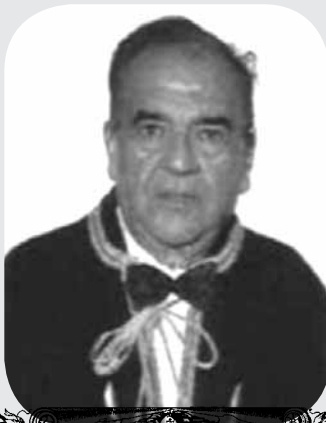
Foi velado, e não poderia ser em nenhum outro lugar, no prédio histórico da UFPR. Tive a dolorosa honra de discursar em nome da APL na cerimônia de adeus. Era tão fácil falar do Carlos, foi tão difícil naquele momento.

Um dia antes, ao sair do velório, passei em uma livraria ao lado da universidade, onde encontrei uma biografia de Balzac. Fiz questão de comprá-la, em memória do amigo que tinha na França sua segunda pátria. E onde, a propósito, também tinha sua turma de amigos.

Carlos Roberto Antunes dos Santos era assim. Um catalisador de amizades, uma pessoa de grandes qualidades. Ainda tinha muito a realizar, mas deixou um legado que não será esquecido.



—•••—
Por Rui Cavallin Pinto



Noel Nascimento ocupava a cadeira n. 27, da Academia Paranaense de Letras há mais de 34 anos, e até então era o único romancista entre seus pares. Veio do Ministério Público, onde fez longa carreira, interrompida apenas pela repressão de 64. Teve, porém, seus direitos restabelecidos e pode alcançar sua aposentadoria, para se entregar exclusivamente à atividades literária, a maior de suas devoções.

Construiu sua obra literária a espaços regulares, desde sua estréia poética, com as “Nuvens”, cujo exemplar de 1953, conservo com dedicatória de amigo e colega.

Apesar de sua aparente bonomia, gesto e fala mansa, Noel foi a todo tempo um contendor vigoroso e autêntico, com sensibilidade predominante para as desigualdade sociais e á exclusão injusta da maioria menos favorecida. Sua experiência na justiça ainda serviu para acentuar nele essa impressão social perversa.

Fez da poesia, porém, o primeiro caminho de sua insubmissão e, nesse itinerário, produziu “Coreto de Papel” e “Cosmonave”, que Túlio Vargas, a juízo do poeta Manoel Simões, filiou ao impressionismo. Embora mantendo aberta sua vertente poética, passou a refazer esse percurso em incursões pelo romance e em amplos ensaios histórico-sociais.

Sua Casa Verde foi romance-tese, que refez o Contestado como uma luta social camponesa, de fundo anárquico-religioso, - e ganhou

premio nacional. E não parou por aí sua procura, pois produziu também *A Justiça e o Fim da Repressão*, *A Revolução do Brasil* e *A Nova Civilização*. A bandeira do seu humanismo-realista, porém, está contida na *Nova Estética*, através da qual instala no Brasil, com inspiração no sentimento amoroso do seu povo, a reconstrução de uma nova arte, correspondente ao progresso do mundo e oposta a toda forma de exclusão e violência.

Esse mesmo sentimento amoroso de modelo cristão ele estende para o Direto Penal, na sua *A Justiça e o Fim da Repressão*. Para Noel toda legislação penal e política criminal estão impregnadas de uma renitente mentalidade burocrático-repressiva, destinada a apenas ameaçar, castigar e vingar, enquanto vê na sua proposta do sistema protecional a única via humanitária para a remissão do delinquente e a reconstrução de uma sociedade mais justa e solidária. Na sua pregação abomina o enjaulamento do homem. Para ele a justiça deveria se converter numa espécie de patronato, em que o juiz seria o “médico-penal”, com a missão hipocrática de “curar a alma” e mudar o impulso criminoso, sob orientação de psicólogos.

Sua posição diverge do correccionalismo de Dorado Monteiro, que às vezes transige com a pena corporal, se isso for recomendado pela pedagogia correccional. Está mais próxima de Roberto Lyra, que só cede ao impacto de demolir os presídios, diante do interesse público da segurança.

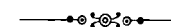
Seu fio condutor é a crença na bondade natural do homem e sua regeneração através de sua própria consciência. Por fim, seu *Arcabuzes*, detentor do Prêmio Paraná é romance histórico, contextualizado no Brasil meridional e nos albores da República. Reproduz o mais grave desafio ao novo regime e suas contradições. Traz mais uma vez sua visão humanista, com a presença do povo e suas “boas-paixões” na diretriz da História. Deixa de parte as relações de produção e trabalho, e minimiza o papel da miséria no fomento das revoluções.

A obra é mesmo densa e há episódios difíceis de acompanhar, para

quem não esteja afeito a essa quadra da nossa História. Os *Arcabuzes* de Noel são um símbolo desses tempos de Caim. Mas deve ser lido como livro de opinião, pois não é fácil entretecer o imaginário com a versão oficial da História, para que ocupem o mesmo espaço, sem que apareça o applique.

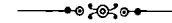
Afinal, Noel Nascimento foi poeta e pensador de coragem e coerência.

Concedeu à consciência humana o poder de remir o homem dos seus erros e, mais ainda, de servir de instrumento criador de um mundo novo, em que predomine o humanismo e a igualdade de todos.

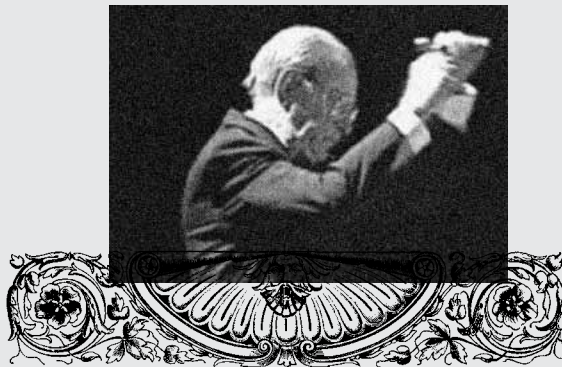


MAESTRO ALCEO BOCCHINO

NOVENTA E QUATRO ANOS DEDICADOS À MÚSICA



Por Clotilde de Lourdes Branco Germiniani



Alceo Ariosto Bocchino nasceu em Curitiba, em 30 de novembro de 1918. Era o terceiro dos sete filhos do casal Albina Reffo Bocchino e Pedro Bocchino, ambos eram nascidos na Itália, mas se conheceram e casaram no Brasil. Desde muito cedo, o pequeno Alceo revelou sua inclinação musical: sempre que possível, ficava horas tocando piano. Começou tocando escondido e, quando a família tomou conhecimento do seu amor inato pela música, o menino recebeu todo apoio e foi encaminhado para as primeiras lições com professores que pudessem orientá-lo. Logo ficou evidente que se tratava de um grande talento cuja manifestação foi precoce. Começou estudando na sua cidade natal e entre seus professores estavam Antônio Melillo e João Poeck. Em São Paulo foi aluno de Camargo Guarnieri e de Dinorah de Camargo. Mais tarde, estudou com Villa-Lobos e Francisco Mignone.

Mesmo fazendo da música seu principal objetivo, cursou a Universidade do Paraná, concluindo o Curso de Direito em 1939. Em 06 de fevereiro de 1942 casou-se com a jovem Ida Teitelrodt e deste casamento nasceram duas filhas, Gulnara Beatriz e Rosalba Esther, sendo a primeira dedicada à música desenvolvendo atividades como professora e como radialista.

Em 1946 Alceo Bocchino, ao se mudar com a família para o Rio, já havia, com muito estudo e dedicação iniciado sua carreira como maestro. Naturalmente, as oportunidades para um profissional com seu elevado padrão, em uma cidade como o Rio de Janeiro foram muito amplas. No Rio de Janeiro trabalhou com Villa-Lobos, juntamente com Vieira Brandão. Alceo Bocchino tinha uma extraordinária capacidade como revisor e executor ao piano de peças com leitura à primeira vista, tendo colaborado com Villa-Lobos na leitura e redução de suas partituras.

Nesta época de sua mudança para o Rio, o rádio tinha uma extraordinária importância como veículo de informação, de educação e de lazer. O maestro Bocchino já havia demonstrado sua integração com o rádio ao reger ao vivo, na Rádio Record, a “Canção do Expedicionário” homenageando os pracinhas que voltavam da II Guerra.

O que chama a atenção quando se tenta acompanhar e entender a carreira do maestro Alceo Bocchino é a sua fantástica versatilidade: era um pianista prodigioso, acompanhante requisitado por renomados cantores, um arranjador de grande habilidade, excelente diretor musical, compositor e naturalmente, um maestro talentoso. Alguns críticos o consideram muito contido; mesmo sem ser musicista, assumo sua defesa: o maestro era minucioso, seguindo à risca as partituras e exigindo dos músicos uma execução fiel e precisa. Não fazia grandes floreios, entretanto, traduzia os sentimentos de alegria, de felicidade, de amor, de angústia ou de tristeza com perfeição. Tinha também o “physique du rôle” com uma casaca de corte impecável, porte elegante e traços agradáveis causava um impacto muito positivo ao chegar ao pódio. Percebia-se que tratava os músicos de forma enérgica, exigindo competência e disciplina mas seu olhar traduzia ternura nos momentos apropriados. Era corretíssimo, honesto e não fazia marketing de sua carreira. Parecia considerar que um elevado padrão de competência era sua obrigação.

No Rio teve papel destacado na Rádio Nacional divulgando música de qualidade e contribuindo para a educação do nosso povo. Já na década de 50 idealizou e dirigiu com Paulo Tapajós um programa com nome muito sugestivo: “Quando os Maestros se encontram”. No programa, levado ao ar ao vivo, havia quase um duelo entre os maestros e cada um procurava mostrar seu talento musical. Entre os participantes estavam Lúcio Panicelli, Radamés Gnattali, Léo Peracchi e Tom Jobim, na época um jovem não muito conhecido. Na Rádio Mayrink Veiga foi arranjador de Carlos Galhardo, Orlando Silva, Sílvio Caldas e Nelson Gonçalves. Também esteve na rádio Mundial contribuindo, sempre, para a criação e a manutenção de programas com música do melhor padrão.

Consolidou a reputação de um dos maestros brasileiros mais conceituados na época e regiu as orquestras mais importantes do país.

No Rio, foi assistente do maestro Eleazar de Carvalho na Orquestra Sinfônica Brasileira e, depois, maestro titular, sendo que em 1974 viajou com a Orquestra para a Europa com um programa de concertos que foi grande sucesso de público e de crítica. Voltando ao Brasil fez diversos concertos regendo orquestras brasileiras. Em 1981, representou o Brasil na Universidade de Maryland, no 11º Festival e Concurso de Piano; o maestro Alceo Bocchino foi regente do concerto inaugural “Stravaganza Musicale” sendo solistas 20 pianistas.

Outra orquestra importante a que esteve ligado foi a Orquestra Sinfônica Nacional, mais recentemente, Orquestra Sinfônica da Universidade Federal Fluminense. A história da Orquestra está ligada a uma serenata oferecida ao Presidente Jucelino Kubitschek: como resultado da serenata houve o empenho de músicos e do próprio Presidente para a concretização do sonho de uma orquestra. A Orquestra Sinfônica Nacional foi criada em 12 de janeiro de 1961 e os músicos eram da Orquestra da Rádio Nacional, além de elementos da Orquestra

Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da Orquestra Sinfônica Brasileira. Todos se integraram ao Serviço de Rádiodifusão Educativa do Ministério da Educação. Através da chamada Rádio MEC, a Orquestra Sinfônica Nacional atingiu um público diversificado, de todas as classes sociais, gravando e divulgando obras de compositores como Villa-Lobos, Guerra-Peixe, Francisco Mignone. Radamés Gnatalli, Cláudio Santoro, Carlos Gomes e muitos outros compositores brasileiros. Justamente Alceo Bocchino foi um dos fundadores da OSN e seu regente titular durante treze anos sendo Edino Krieger seu regente assistente.

Nos anos 60-70 participou de cursos e festivais na Europa regendo orquestras de altíssimo nível e seu desempenho foi sempre aplaudido pelo público e elogiado pelos críticos mais exigentes.

Em 1985 foi fundador e Maestro Titular da Orquestra Sinfônica do Paraná. Ao final de alguns anos passou a Maestro Emérito da Orquestra. Alceo Bocchino demonstrou sempre muito carinho pela Orquestra Sinfônica do Paraná porque, mesmo vivendo longe de Curitiba, manteve o amor por sua terra natal e fazia questão de dizer que era paranaense.

Outro aspecto a ser lembrado corresponde à sua atividade como professor. Foi um dos fundadores e foi professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e foi professor do Conservatório de Santos. No Rio de Janeiro foi professor do Instituto Villa-Lobos e da Academia de Música Lorenzo Fernandes.

Segundo documentos da época, em 25 de outubro de 1935, Alceo Bocchino esteve à frente de uma apresentação da “Tosca” de Puccini; em 1989, participou da apresentação da mesma ópera no Teatro Guaíra, já como Maestro Titular da Orquestra Sinfônica do Paraná.

Outra informação interessante diz respeito a um festival de obras de Alceo Bocchino, promovido em Curitiba, em 1950, pela Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê. Participaram a cantora Cristina Maristelli, o violoncelista Iberê Gomes Grosso e, ao piano, Alceo Bocchino.

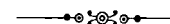
Entre suas composições podemos citar “Sinfonia para a Lapa” e “Suite Miniatura” dedicada às filhas.

Em 23 de novembro de 1994 foi empossado na cadeira número 16 da Academia Paranaense de Letras, sendo seu Patrono Brasília Itiberê, outro grande musicista paranaense.

O Maestro Alceo Bocchino faleceu no dia 07 de abril de 2013, aos 94 anos em sua residência no Rio de Janeiro. Embora estivesse enfraquecido, manteve-se lúcido e, até pouco tempo atrás se reunia com um grupo de maestros seus alunos. A família tem recebido mensagens de condolências das mais diferentes origens: em todas transparecem o pesar pelo falecimento do Maestro e o respeito, a admiração por este extraordinário músico dedicado à divulgação de música da melhor qualidade e empenhado em formar e ajudar outros profissionais da música.

Como conclusão é importante ressaltar a dedicação do Maestro Alceo Bocchino à esposa e às duas filhas. Deixa um legado muito rico de amor à música porque além de pianista, maestro e professor, desenvolveu um trabalho fantástico de divulgação musical através de concertos, através das diferentes rádios onde trabalhou e, mais recentemente, através da televisão. Certamente, um incontável número de pessoas teve seu primeiro contato com a música erudita ouvindo o Maestro Alceo Bocchino.

Professora Titular (Aposentada) da UFPR, Membro do Centro de Letras do Paraná, da Academia Paranaense de Medicina Veterinária, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, da Academia Brasileira de Medicina Veterinária e da Academia Paranaense de Letras.





RELAÇÃO DAS CADEIRAS

PATRONOS
FUNDADORES
OCUPANTES

CADEIRA N.º 1

PATRONO

Antônio Vieira dos Santos (1784-1854)

FUNDADOR

José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933)

1.º OCUPANTE

Valfrido Pilotto (1903-2006)

2.º OCUPANTE

Dante José Mendonça (1951)

CADEIRA N.º 2

PATRONO

Cândido Martins Lopes (1803-1871)

FUNDADOR

Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior (1864-1938)

1.º OCUPANTE

Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1872-1955)

2.º OCUPANTE

Osvaldo Pilotto (1901-1993)

3.º OCUPANTE

Luiz Romaguera Netto (1935-2004)

4.º OCUPANTE

Ernani Lopes Buchmann (1948)

CADEIRA N.º 3

PATRONO

Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá (1827-1903)

FUNDADOR

Moysés Araújo Marcondes de Oliveira e Sá (1859-1928)

1.º OCUPANTE

Flávio Carvalho Guimarães (1891-1968)

2.º OCUPANTE

Newton Isaac da Silva Carneiro (1914-1987)

3.º OCUPANTE

René Ariel Dotti (1934)

CADEIRA N.º 4

PATRONO

Dr. José Cândido da Silva Muricy (1827-1879)

FUNDADOR

José Cândido da Silva Muricy (1863-1943)

1.º OCUPANTE

José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984)

2.º OCUPANTE

Eduardo Rocha Virmond (1929)

CADEIRA N.º 5

PATRONO

Fernando Amaro de Miranda (1831-1857)

FUNDADOR

Manoel de Azevedo da Silveira Neto (1872-1942)

1.º OCUPANTE

Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968)

2.º OCUPANTE

Leopoldo Scherner (1919-2011)

3.º OCUPANTE

Paulo Venturelli (1950)

CADEIRA N.º 6

PATRONO

Senador Manoel Francisco Correia Neto (1831-1905)

FUNDADOR

Nestor Víctor dos Santos (1868-1932)

1.º OCUPANTE

Ulysses Falcão Vieira (1885-1942)

2.º OCUPANTE

Ernani Guarita Cartaxo (1900-1967)

3.º OCUPANTE

Francisco Raitani (1897-1971)

4.º OCUPANTE

Felício Raitani Neto (1917 - 2000)

5.º OCUPANTE

Harley Clóvis Stocchero (1926-2005)

6.º OCUPANTE

Oriovisto Guimarães (1945)

CADEIRA N.º 7

PATRONO

Bento Fernandes de Barros (1834-1903)

FUNDADOR

João Pamphilo d'Assumpção (1865-1945)

1.º OCUPANTE

Oscar Martins Gomes (1893-1977)

2.º OCUPANTE

Marino Bueno Brandão Braga (1920-2010)

3.º OCUPANTE

Ney José de Freitas (1953)

CADEIRA N.º 8

PATRONO

Francisco Antônio Monteiro Tourinho (1837-1885)

FUNDADOR

Jaime Ballão (1869-1930)

1.º OCUPANTE

Ildefonso Serro Azul (1888-1949)

(Ildefonso Pereira Correia)

2.º OCUPANTE

Jaime Ballão Júnior (1891-1968)

3.º OCUPANTE

Elias Karam (1902-1975)

4.º OCUPANTE

Luiz Carlos Pereira Tourinho (1913-1998)

5.º OCUPANTE

Rafael Valdomiro Greca de Macedo (1956)

CADEIRA N.º 9

PATRONO

Manoel Euphrasio Correia (1839-1888)

FUNDADOR

Leôncio Correia (1865-1950)

1.º OCUPANTE

Vasco José Taborda Ribas (1909-1997)

2.º OCUPANTE

Ário Taborda Dergint de Rawicz (1931)

CADEIRA N.º 10

PATRONO

Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba (1840-1919)

FUNDADOR

Ermelino Agostinho de Leão (1871-1932)

1.º OCUPANTE

Francisco de Paula Dias Negrão (1871-1937)

2.º OCUPANTE

Arthur Martins Franco (1876-1979)

3.º OCUPANTE

Ruy Christovam Wachowicz (1939-2000)

4.º OCUPANTE

Raymundo Maximiano Negrão Torres (1925-2006)

5.º OCUPANTE

Flora Camargo Munhoz da Rocha (1911)

CADEIRA N.º 11

PATRONO

Alfredo Caetano Munhoz (1845-1921)

FUNDADOR

Alcides Munhoz (1873-1930)

1.º OCUPANTE

Laertes de Macedo Munhoz (1900-1967)

2.º OCUPANTE

João Manuel Simões (1939)

CADEIRA N.º 12

PATRONO

Ubaldo do Amaral Fontoura (1842-1920)

FUNDADOR

Euclides da Motta Bandeira e Silva (1877-1947)

1.º OCUPANTE

José de Sá Nunes (1893-1954)

2.º OCUPANTE

Faris Antônio Salomão Michael (1911-1977)

3.º OCUPANTE

Ernani Costa Straube (1929)

CADEIRA N.º 13

PATRONO

Generoso Marques dos Santos (1844-1928)

FUNDADOR

Enéas Marques dos Santos (1883-1961)

1.º OCUPANTE

Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (1916-2002)

2.º OCUPANTE

Rui Cavallin Pinto (1928)

CADEIRA N.º 14

PATRONO

José Bernardino Bormann (1844-1919)

FUNDADOR

Dídio Iratim Affonso da Costa (1881-1953)

1.º OCUPANTE

Júlio Estrella Moreira (1899-1975)

2.º OCUPANTE

José Carlos Veiga Lopes (1939-2010)

3.º OCUPANTE

Guido Viaro (1968)

CADEIRA N.º 15

PATRONO

Dr. João José Pedrosa (1844-1882)

FUNDADOR

Clemente Ritz (1888-1935)

1.º OCUPANTE

Virgílio Moreira (1900-1973)

2.º OCUPANTE

Christovam Colombo de Souza (1920-1991)

3.º OCUPANTE

Adélia Maria Woellner (1940)

CADEIRA N.º 16

PATRONO

Brasílio Itiberê da Cunha (1846-1913)

FUNDADOR

Paulo Ildephonso d'Assumpção (1868-1928)

1.º OCUPANTE

Benedito Nicolau dos Santos (1878-1957)

2.º OCUPANTE

Bento João d'Albuquerque Mossurunga (1879-1970)

3.º OCUPANTE

Benedito Nicolau dos Santos Filho (1914-1987)

4.º OCUPANTE

Alceo Ariosto Bocchino (1918 - 2013)

CADEIRA N.º 17

PATRONO

Eusébio Silveira da Motta (1847-1909)

FUNDADOR

Dario Persiano de Castro Vellozo (1869-1937)

1.º OCUPANTE

Dicesar Plaisant (1894-1969)

2.º OCUPANTE

Flávio Suplicy de Lacerda (1903-1983)

3.º OCUPANTE

Euro Brandão (1924-2000)

4.º OCUPANTE

Clemente Ivo Juliatto (1940)

CADEIRA N.º 18

PATRONO

Joaquim de Almeida Faria Sobrinho (1847-1909)

FUNDADOR

Hypólito Pacheco Alves de Araújo (1969-1946)

1.º OCUPANTE

Manoel de Lacerda Pinto (1893-1974)

2.º OCUPANTE

Francisco da Cunha Pereira Filho (1926-2009)

3.º OCUPANTE

Laurentino Gomes (1956)

CADEIRA N.º 19

PATRONO

José Gonçalves de Moraes (1849-1909)

FUNDADOR

José Gelbecke (1879-1960)

1.º OCUPANTE

Arildo José de Albuquerque (1914-1974)

2.º OCUPANTE

Joaquim Carvalho (1910-1974)

3.º OCUPANTE

Carlos Alberto Sanches (1941)

CADEIRA N.º 20

PATRONO

Albino José Silva (1845-1905)

FUNDADOR

José Niepce da Silva (1876-1935)

1.º OCUPANTE

Ciro Silva (1883-1968)

2.º OCUPANTE

Francisco Pereira da Silva (1909-1974)

3.º OCUPANTE

Samuel Guimarães da Costa (1917-1997)

4.º OCUPANTE

Luiz Geraldo Mazza (1931)

CADEIRA N.º 21

PATRONO

João Evangelista Braga (1850-1913)

FUNDADOR

Leônidas Moura de Loyola (1892-1938)

1.º OCUPANTE

Milton Ericksen Carneiro (1902-1975)

2.º OCUPANTE

Ernani Simas Alves (1914-2000)

3.º OCUPANTE

Albino de Brito Freire (1941)

CADEIRA N.º 22

PATRONO

Monsenhor Manoel Vicente Montepoliciano da Silva (1851-1909)

FUNDADOR

Bispo Dom Alberto José Gonçalves (1859-1945)

1.º OCUPANTE

Carlos Stellfeld (1900-1970)

2.º OCUPANTE

Metry Bacila (1922 - 2012)

3.º OCUPANTE

João José Bigarella (1923)

CADEIRA N.º 23

PATRONO

Fernando Machado Simas (1851-1916)

FUNDADOR

Ernesto Luiz de Oliveira (1874-1938)

1.º OCUPANTE

Hugo Gutierrez Simas (1883-1941)

2.º OCUPANTE

Arthur Ferreira dos Santos (1894-1972)

3.º OCUPANTE

Odilon Túlio Vargas (1929-2008)

4.º OCUPANTE

Jeorling Joely Cordeiro Cleve (1932)

CADEIRA N.º 24

PATRONO

Luiz Ferreira França (1853-1921)

FUNDADOR

Serafim França (1888-1967)

1.º OCUPANTE

Assad Amadeu Yassim (1935-1985)

2.º OCUPANTE

Chloris Casagrande Justen (1923)

CADEIRA N.º 25

PATRONO

Vicente Machado da Silva Lima (1860-1907)

FUNDADOR

João Cândido Ferreira (1864-1948)

1.º OCUPANTE

Bento Munhoz da Rocha Neto (1905-1973)

2.º OCUPANTE

Ruy Noronha Miranda (1914-2010)

3.º OCUPANTE

Paulo Vítola (1947)

CADEIRA N.º 26

PATRONO

Joaquim Dias da Rocha Filho (1862-1895)

FUNDADOR

Francisco Heráclito Ferreira Leite (1889-1982)

1.º OCUPANTE

Wilson da Silva Bóia (1927-2005)

2.º OCUPANTE

Leo de Almeida Neves (1932)

CADEIRA N.º 27

PATRONO

Domingos Virgílio do Nascimento (1862-1915)

FUNDADOR

Omar Gonçalves da Motta (1910-1972)

1.º OCUPANTE

Noel Nascimento (1925 - 2013)

CADEIRA N.º 28

PATRONO

Francisco Carvalho de Oliveira (1863-1927)

FUNDADOR

Rodrigo Júnior (1887-1964)

(João Baptista Carvalho de Oliveira)

1.º OCUPANTE

Leonardo Henke (1906-1986)

2.º OCUPANTE

Helena Kolody (1912-2004)

3º OCUPANTE

Belmiro Valverde Jobim Castor (1942)

CADEIRA N.º 29

PATRONO

Leônidas Fernandes de Barros (1865-1926)

FUNDADOR

Adolpho Jansen Werneck de Capistrano (1879-1932)

1.º OCUPANTE

Alcindo Lima (1902-1935)

2.º OCUPANTE

Carlos Alberto Teixeira Coelho Júnior (1894-1969)

3.º OCUPANTE

Ladislau Romanowski (1902-1997)

4º OCUPANTE

Leonilda Hilgenberg Justus (1923-2012)

5.º OCUPANTE

Darci Piana (1941)

CADEIRA N.º 30

PATRONO

Emiliano David Perneta (1866-1921)

FUNDADOR

José Henrique de Santa Ritta (1872-1944)

1.º OCUPANTE

Octávio De Sá Barreto (1906-1986)

2.º OCUPANTE

Oldemar Justus (1922-2006)

3.º OCUPANTE

Adherbal Fortes de Sá Júnior (1938)**CADEIRA N.º 31**

PATRONO

Emílio Correia de Menezes (1866-1918)

FUNDADOR

Helvídio da Silva Pereira (1883-192?)

1.º OCUPANTE

Lauro Grein Filho (1921)**CADEIRA N.º 32**

PATRONO

Joaquim Procópio Pinto Chichorro Júnior (1866-1926)

FUNDADOR

Alceu Chichorro (1896-1977)

1.º OCUPANTE

Emílio Leão de Mattos Sounis (1913-1999)

2.º OCUPANTE

José Wanderlei Resende (1938)**CADEIRA N.º 33**

PATRONO

Nestor Pereira de Castro (1867-1906)

FUNDADOR

Samuel César de Oliveira (1895-1934)

1.º OCUPANTE

Alfredo Romário Martins (1874-1948)

2.º OCUPANTE

José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-1977)

3.º OCUPANTE

Edwino Donato Tempski (1913-1995)

4.º OCUPANTE

Edilberto Trevisan (1923-2010)

5.º OCUPANTE

Roberto Mugiatí (1937)**CADEIRA N.º 34**

PATRONO

Júlio David Perneta (1869-1921)

FUNDADOR

João David Perneta (1874-1933)

1.º OCUPANTE

Raul Rodrigues Gomes (1889-1975)

2.º OCUPANTE

Antônio Celso Mendes (1934)**CADEIRA N.º 35**

PATRONO

Nilo Cairo da Silva (1874-1928)

FUNDADOR

José Pereira de Macedo (1883-1965)

1.º OCUPANTE

Mário Braga de Abreu (1906-1981)

2.º OCUPANTE

Moysés Goldstein Paciornik (1914-2008)

3.º OCUPANTE

Ricardo Pasquini (1938)**CADEIRA N.º 36**

PATRONO

Ricardo Pereira de Lemos (1871-1932)

FUNDADOR

Heitor Stockler de França (1888-1975)

1.º OCUPANTE

Apollo Taborda França (1926)**CADEIRA N.º 37**

PATRONO

Ismael Alves Pereira Martins (1876-1926)

FUNDADOR

Vicente Montepoliciano Nascimento Júnior (1880-1958)

1.º OCUPANTE

José Augusto Gumy (1889-1971)

2.º OCUPANTE

Dario Nogueira dos Santos (1899-1980)

3.º OCUPANTE

Pompília Lopes dos Santos (1900-1993)

4.º OCUPANTE

Hellé Vellozo Fernandes (1925-2008)

5.º OCUPANTE

Clotilde de Lourdes Branco Germiniani (1938)

CADEIRA N.º 38

PATRONO

Reinaldo Antônio Scharffenberg de Quadros (1878-1929)

FUNDADOR

Durval Borges de Macedo (1895-1984)

1.º OCUPANTE

Mário Marcondes de Albuquerque (1915-1998)

2.º OCUPANTE

Carlos Roberto Antunes dos Santos (1945 - 2013)

CADEIRA N.º 39

PATRONO

Aristides de Paula França (1879-1910)

FUNDADOR

José Antônio Fernandes Cadilhe (1881-1942)

1.º OCUPANTE

José Farani Mansur Guérios (1906-1943)

2.º OCUPANTE

Rosário Farani Mansur Guérios (1907-1984)

3.º OCUPANTE

Francisco Filipak (1924-2010)

4.º OCUPANTE

Cecília Helm (1937)

CADEIRA N.º 40

PATRONO

Cícero Marcondes França (1884-1908)

FUNDADOR

Generoso Borges de Macedo (1875-1945)

1.º OCUPANTE

Ângelo Guarinello (1876-1959)

2.º OCUPANTE

Alvir Riesemberg (1907-1975)

3.º OCUPANTE

Valério Hoerner Júnior (1943)



ENDEREÇO DOS ACADÊMICOS



Adélia Maria Woellner adeliamaria@hotmail.com	Rua Maria Valenga, 257 Piraquara – PR 83305-085	(41) 3673-2384
Adherbal Fortes de Sá Júnior afortesjr@uol.com.br	Rua Santa Cecília, 802 Curitiba - PR 80820-070	(41) 3331-5716
Albino de Brito Freire abfreire2007@onda.com.br	Rua Júlia da Costa 941/902 Curitiba – PR 80430-110	(41) 3015-7213
Antônio Celso Mendes antcmendes@gmail.com	Av. Anita Garibaldi, 31/1102 Curitiba – PR 80540-180	(41) 3253 -2645
Apollo Taborda França apolloversos@hotmail.com	Rua Visc. Guarapuava 1535/122 Curitiba – PR 80060-060	(41) 3363-5199
Ário Dergint ligiadergint@gmail.com	Rua Des. Otávio Amaral 770/3 Curitiba – PR 80730-400	(41) 3335-9727
Belmiro Valverde Jobim Castor belmirocastor@gmail.com	Rua Manoel Eufrásio 235/31 Curitiba - PR 80030-440	(41) 3254-5124
Carlos Alberto Sanches cepsanches@gmail.com	Av. Iguaçu, 3000/ 501 Curitiba – PR 80240-031	(41) 3244-9279
Cecília Maria Vieira Helm ceciliah@onda.com.br	Rua Camões, 1790/101 Curitiba - PR 80040-180	(41) 3254-1914

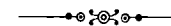
Chloris Casagrande Justen ccjusten@onda.com.br	Rua Des.Otávio Amaral, 557/142 Curitiba-PR 80730-400	(41) 3336-4237
Clemente Ivo Juliatto reitor@pucpr.br	Rua Imaculada Conceição,1155 Curitiba - PR 80215-901	(41) 3271-1505
Clotilde Branco Germiniani frankgerminiani@uol.com.br	Rua Buenos Aires, 611/201 Curitiba - PR 80250-070	(41) 3233-7941
Dante Mendonça mendoncadante@hotmail.com	Rua Augusto Stellfeld 873/203 Curitiba - PR 80430-140	(41) 3233-2346
Darci Piana presidencia@fecomerciopr.com.br	Rua Visconde do Rio Branco 931/ 6.º andar Curitiba-PR 80410-001	(41) 3883-4512
Eduardo RochaVirmond erv@ervirmond.com.br	Rua Lamenha Lins, 940 Curitiba – PR 80020-917	(41) 3222-0348
Ernani Costa Straube ernanic@fae.edu	Av. Paraná, 775/ 06 Curitiba – PR 80420-210	(41) 3018-8882
Ernani Lopes Buchmann ernani@seujoao.com	Rua Dep. Heitor A. Furtado 1720/2303 Curitiba - PR 81200-110	(41) 3018-9017

Flora Camargo Munhoz da Rocha gildamrocha@hotmail.com	Praça General Osório, 225/801 Curitiba - PR 80020-010	(41) 3222-7316
Guido Viaro guidov@ig.com.br	Rua Rafael Papa, 1093 Curitiba-PR 80020-010	(41) 3262-2747
Jeorling Cordeiro Cleve dircecleve@onda.com.br	Rua Deputado Mário de Barros, 944 Curitiba - PR 80530-280	(41) 3253-4539
João José Bigarella irisbigarella@gmail.com	Rua Deputado Joaquim Pedrosa, 618/12 Curitiba-PR 80035-120	(41) 3252-1029
João Manoel Simões	Rua Tibagi, 137/ 142 Curitiba – PR 80060-110	(41) 3222-9988
José Wanderlei Resende josewanderlei.resende@gmail.com	Rua Júlia da Costa, 897/ 52 Curitiba – PR 80430-110	(41) 3222-4730
Laurentino Gomes lgomes@laurentinogomes.com.br	Rua Vinte e Um, 51 Itu-SP 13312-393	(11) 9626-7252
Lauro Grein Filho igrein@hotmail.com	Av. Vicente Machado, 1310 Curitiba – PR 80420-011	(41) 3016-6622

Léo de Almeida Neves leoneves@cafepele.com.br	Av. Brigadeiro Faria Lima, 3900/ 01 São Paulo-SP 04538-132	(11) 2175-2707
Luiz Geraldo Mazza cbn@cbncuritiba.com.br	Av. Paraná, 775/01 Curitiba – PR 80035-130	(41) 3252-8504
Ney José de Freitas neyfreitas@trt9.jus.br	Alameda Dr. Carlos de Carvalho, 528 - TRT 9.º Curitiba – PR 80430-180	(41) 3310-7000
Oriovisto Guimarães vbarros@positivo.com.br	Rua Cândido Hartmann, 1400 Curitiba – PR 80710-570	(41) 3336-3838
Paulo Vítola paulovitola@paulovitola.com.br	Rua Júlio Perneta, 965 Curitiba - PR 80810-110	(41) 3045-3642
Rafael Greca de Macedo rafaelgreca@sul.com.br	Rua Ébano Pereira, 11-14º andar Curitiba – PR 80410-901	(41) 3324-4000
René Ariel Dotti rene.dotti@onda.com.br	Av. Nossa Senhora da Luz, 2625 Curitiba – PR 82510-010	(41) 3263-3843
Ricardo Pasquini pasquini@hc.ufpr.br	Rua Mendelssohn, 50 Curitiba-PR 80820-120	(41) 3264-6844

Roberto Muggiati muggiati@infolink.com.br	Rua Real Grandeza, 82 casa 3 22281-034 Rio de Janeiro - RJ 22281-034	(21) 2537-4900
Rui Cavallin Pinto rpullus@turbo.com.br	Av. Vicente Machado, 1171/402 Curitiba - PR 80420-011	(41) 3232-8767
Valério Hoerner Jr. vhoerner@terra.com.br	Rua Theodorico Bittencourt, 40 Curitiba – PR 80520-480	(41) 3779-3309

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	5
-------------------------	----------

DE COMO SER, DE COMO NÃO SER	7
---	----------

Discurso de Abertura - Posse da Presidência

Eduardo Rocha Virmond

Discurso de Saudação - Posse de Chloris Casagrande Justen	13
---	-----------

René Ariel Dotti

Discurso de Posse	21
-------------------------	-----------

Chloris Casagrande Justen

Abertura da Sessão Solene de Posse ao Acadêmico Paulo Venturelli	27
--	-----------

Eduardo Rocha Virmond

Discurso de Saudação - Posse de Paulo Venturelli	29
--	-----------

Ernani Buchmann

Discurso de Posse	35
-------------------------	-----------

Paulo Venturelli

Abertura da Sessão Solene de Posse ao Acadêmico João José Bigarella	43
---	-----------

Eduardo Rocha Virmond

Discurso de Saudação - Posse de João José Bigarella	47
---	-----------

Belmiro Valverde Jobim Castor



Discurso de Posse	55
João José Bigarella	
Discurso de Introdução - Posse de Darci Piana	65
Eduardo Rocha Virmond	
Discurso de Saudação - Posse de Darci Piana	67
Ernani Buchmann	
Discurso de Posse	75
Darci Piana	
Abertura da Sessão Solene de Posse ao Acadêmico Guido Viaro	83
Chloris Casagrande Justen	
Discurso de Saudação - Posse de Guido Viaro	85
Ário Taborda Dergint	
Discurso de Posse	91
Guido Viaro	
 Papa Francisco Toca o Brasil Profundo	 97
Eduardo Rocha Virmond	
Alterações Ambientais	99
João José Bigarella	
Batalha do Paraná (ou Maragatos no Paraná)	109
Paulo Roberto Hapner	
O Bicentenário do Nascimento de Um Gigante - Richard Wagner	121
Osvaldo Colarusso	
Comentário de Eduardo Rocha Virmond	127

A Saudade das Tardes de Primavera	129
René Ariel Dotti	
Histórias da Praça Osório	133
Paulo Vitola	
Sob a Luz de Lisboa	139
Dante Mendonça	
Margaret Atwood e o Romance-Cilada	141
Paulo Venturelli	
Viagem Abissal	149
Chloris Casagrande Justen	
Leonor Castellano, a Pastora Intelectual do Paraná	153
Chloris Casagrande Justen	
Medidas Provisórias e Reforma Política	161
Léo de Almeida Neves	
A “Ceia dos Cardeais” ou Um Centenário Atípico	165
João Manuel Simões	
É Direito dos Lobos Comer Ovelhas	175
Albino de Brito Freire	
Cemitério, Local Sagrado	179
Cecilia Maria Vieira Helm	
O Lugar das Ciências Humanas Diante da Nova Realidade Tecnológica Num Mundo Globalizado	183
Carlos Roberto Antunes dos Santos	
O Anticlericalismo e o Círculo Bandeirantes	191
Rui Cavallin Pinto	

A Tulipa Educacional	203
Guido Viaro	

Semiótica e Conhecimento através de Rótulos	207
Antonio Celso Mendes	

IN MEMORIAN	209
--------------------------	------------

Adieu, L'Ami	211
Ernani Buchmann	

O Humanismo de Noel Nascimento	215
Rui Cavallin Pinto	

Maestro Alceo Bocchino	
Noventa e Quatro Anos Dedicados à Música	219
Clotilde de Lourdes Branco Germiniani	

RELAÇÃO DAS CADEIRAS	225
-----------------------------------	------------

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS	237
---------------------------------------	------------

